



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES – CH  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA – UAHIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH**

**CLÉBIA GENEVA LUCENA DE ARAÚJO**

**ATENÇÃO OUVINTES!**

**A DIFUSORA ANUNCIA POR SEUS ALTO-FALANTES NOTÍCIAS,  
MÚSICAS, DIVERSÃO, MEMÓRIAS E HISTÓRIA. É “A VOZ DE  
POCINHOS” QUE ENTRA NO AR, TRANSFORMA E ANIMA O COTIDIANO  
POCINHENSE (1951-2013)**

**CAMPINA GRANDE/PB  
2016**

CLÉBIA GENEVA LUCENA DE ARAÚJO

**ATENÇÃO OUVINTES!**

**A DIFUSORA ANUNCIA POR SEUS ALTO-FALANTES NOTÍCIAS,  
MÚSICAS, DIVERSÃO, MEMÓRIAS E HISTÓRIA. É “A VOZ DE  
POCINHOS” QUE ENTRA NO AR, TRANSFORMA E ANIMA O COTIDIANO  
POCINHENSE (1951-2013)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História - PPGH, da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, na Linha de Pesquisa Cultura e Cidades, como requisito para a obtenção do título de Mestre na área de História, Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza

CAMPINA GRANDE/PB  
2016

CLÉBIA GENEVA LUCENA DE ARAÚJO

**ATENÇÃO OUVINTES!**  
**A DIFUSORA ANUNCIA POR SEUS ALTO-FALANTES NOTÍCIAS,**  
**MÚSICAS, DIVERSÃO, MEMÓRIAS E HISTÓRIA. É “A VOZ DE**  
**POCINHOS” QUE ENTRA NO AR, TRANSFORMA E ANIMA O COTIDIANO**  
**POCINHENSE (1951-2013)**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APROVADA EM: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza  
PPGH/UFCG (Orientador)

---

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira– PPGH/UFCG  
(Examinador interno)

---

Profa. Dra. Goretti Maria Sampaio de Freitas – UEPB  
(Examinadora externa)

Campina Grande/PB  
2016

*A Deus, pelo dom da vida e pela  
inspiração de cada dia.*

*Aos meus pais, Cleodomilson e Geralda,  
pelo cuidado e incentivo para ir além.*

*Ao meu orientador, Prof. Dr. Antonio  
Clarindo pela paciência e atenção.*

*Aos meus irmãos, Ana Paula (in  
memoriam), Priscila e Júnior, pelo amor e  
partilha da vida.*

*Ao meu namorado Darlen, por seu amor,  
cuidado e proteção diária.*

*Ao meu cunhado Danilo, por seu humor e  
amizade.*

*Ao meu eterno amigo Ítalo Vinícius (in  
memoriam), por nosso sonho de um dia  
sermos mestres!*

*Dedico.*

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é o gesto mais nobre do ser humano! Por meio disso a sua alma se alegra e todo o bem que um dia nos desejaram, com a gratidão, você devolve um pouco daquilo que foi doado no momento que mais foi preciso, na hora que nos sentimos fracos e sem ânimo para seguir em frente. Dessa forma, hoje quero devolver um pouquinho das grandes coisas que cada um que aqui está, deixou em mim, na minha vida pessoal, acadêmica e profissional.

Ao meu Deus amado, por ter me permitido ter chegado até aqui, por realizar os sonhos que jamais imaginei alcançar, por ser meu abrigo e proteção em todos os momentos. Quando não soube caminhar foi a Tua mão que me ajudou andar, me dando o direcionamento certo e trazendo os teus anjos para me acompanhar.

A painho e a mainha, por terem me dado a vida, o alimento, o cobertor, a dignidade, honestidade e como à senhora mesmo diz mainha, e o estudo que é a nossa herança. Hoje o que sou, devo a vocês! Todos os meus sonhos e conquistas são para que a cada dia possam sentir orgulho e alegria da filha que geraram.

Aos meus três irmãos Ana Paula, Priscila e Júnior. Paula, que está na morada eterna, mas que nunca esteve longe do meu coração, foi nos seus cadernos que aprendi a rabiscar o meu nome e as minhas primeiras lições foi você que me ensinou, saudades minha irmã! Minha Priscila, minha companheira, amiga e metade de tudo o que sou, obrigada por sempre me incentivar a vencer os medos e desafios, por ser sempre a primeira a aplaudir as minhas vitórias e a valorizar o meu trabalho. Júnior, nosso caçula que eu cuido mais como filho, do que como irmão, obrigada na ajuda na caminhada, principalmente nesta reta final, me auxiliando com os cuidados com painho. Amo vocês meus irmãos!

Ao meu namorado, presente de Deus, Darlen. Obrigada meu amor por ter aceitado o desafio de me conquistar e conviver comigo, mesmo quando aleguei que “era muito ocupada e não teria tempo para te ver por causa do mestrado”. Mas, que tolice a minha! Se foi você, que me animou nos dias de cansaço, despertando os sorrisos mais ternos como forma de aliviar a tensão que a escrita me causou. Obrigada por não ter

desistido de mim, hoje a minha vida tem mais alegria e cor porque tenho você comigo, te amo!

Ao cunhado mais amado do mundo, Danilo! Aliás, só tenho você mesmo, não é? Por isso mesmo que gosto muito de você! É o meu irmão de coração, atencioso e sempre prestativo, obrigada pela amizade e carinho!

Aos meus queridos amigos que esta fase me presenteou: Magno Oliveira, Keila Nascimento, Tamires Veloso e Erichsen Sabóia. A Magno, Keila e Tami pela amizade construída ao longo desses dois anos, pelas lágrimas, sorrisos, sonhos, desafios, amizade e amor partilhados! Vocês três, meus baianos, nos quais me identifiquei desde o início do curso, os guardarei para sempre nas minhas memórias mais bonitas! Amo vocês! Erichsen, foi muito mais que um amigo, foi meu companheiro de orientação e na construção deste trabalho, sempre estive me incentivando e vibrando comigo a cada página que era escrita por mim, como também era uma grande alegria para mim, ver o seu progresso a cada dia. Sempre caminhando juntos, venceremos juntos também! Boa sorte e sucesso cearense!

Ao meu querido orientador o Prof. Dr. Antonio Clarindo Barbosa de Souza, a quem peço a permissão de chamá-lo de pai pelo carinho, compreensão, respeito e atenção com que sempre me tratou. Obrigada professor, por ter enxergado o melhor que havia em mim, até mesmo quando nem eu mesmo acreditei, por sempre me incentivar e acompanhar toda a minha formação desde a graduação até o presente momento. Por não ter deixado eu desistir na primeira reprovação na seleção do mestrado em 2012 e por ter sido o mensageiro da minha aprovação em 2013, por me acolher e por todo aprendizado destes anos, minha gratidão! Tenho no seu exemplo, o modelo de professora que desejo ser todos os dias para meus alunos.

Aos membros da Banca de Qualificação e que novamente estão presentes na minha banca de defesa o Prof Dr. Iranilson Buriti de Oliveira e a Profa. Dra. Goretti Maria Sampaio de Freitas, pela disponibilidade, atenção e contribuições ao meu trabalho. Agradeço a ajuda de grande valor nesta trajetória, minha gratidão, respeito e admiração.

Aos professores do PPGH-UFCG, dos quais tive a honra de ser aluna tanto na graduação com na pós-graduação. Obrigada pelas partilhas, pelo aprendizado e pela

amizade tecida. Em especial, estendo minha gratidão ao Prof. Iranilson, no qual já tive a honra de ser orientanda e a quem tenho muito respeito e admiração.

Aos meus entrevistados, pelas memórias reveladas, as pessoas que abriram seus acervos fotográficos e assim puderam me ajudar na escrita historiográfica. Obrigada pela atenção que sempre me atenderam e por tornarem possível a existência desta dissertação.

Aos demais colegas de mestrado da linha 1 Cultura e Cidades e da linha 2 Cultura, Poder e Identidades, pela amizade e por todas as experiências compartilhadas.

E finalmente a CAPES, que ofereceu a segurança por meio do apoio financeiro para que esta dissertação fosse produzida.

*“Eu já ultrapassei a barreira do som, fiz o que pude  
Às vezes fora do tom, mas a semente que ajudei a plantar  
Já nasceu...”.*

*Raul Seixas*



## **RESUMO**

O objetivo deste trabalho é apresentar e estudar a importância do serviço de alto-falantes “A voz de Pocinhos” como elemento cultural e histórico da cidade de Pocinhos-PB. Dessa forma, discutimos a forma como este meio de comunicação contribuiu para o desenvolvimento político, econômico, social e cultural deste município. Além disto, analisamos a sua fundação, programação musical e informativa, como também os eventos que foram organizados e aqueles que contaram com a participação da “Voz de Pocinhos”. Problematizando como a população utiliza este serviço desde a sua fundação na década de 1950 até o ano de 2013, período correspondente a pesquisa, para vivenciar por meio de práticas e representações o espaço urbano. Como aporte teórico, nos pautamos em Maurice Halbwachs (2003) Michel de Certeau (2012) Roger Chartier (1990) e Sandra Jatahy Pesavento (2003). Na elaboração deste trabalho, utilizamos como fonte primordial os relatos orais de memórias atrelados a outras fontes como fotografias e alguns periódicos que circularam na cidade no período estudado.

Palavras – chave: Serviço de alto- falantes, comunicação, Pocinhos

## **ABSTRACT**

The purpose of this task is to present and study the importance of the speakers service "Voice Pocinhos" as a cultural element and historic of Pocinhos' city- PB. Thus, we discuss how this medium has contributed to the economic, social and cultural political development of this county. In addition, we analyze its foundation, musical programming and information, as well as the events that were organized and those who had the participation of "Pocinhos' Voice". Questioning how the population uses this service since its foundation in 1950's until the year 2013, the period corresponding to the research to experience through practices and representations of the urban space. As a theoretical contribution, we base ourselves in Maurice Halbwachs (2003) Michel de Certeau (2012) Roger Chartier (1990) and Sandra Jatahy Pesavento (2003). In preparing this report, we use as a primary source, oral accounts trailers memories to other sources such as photographs and some journals that circulated in the city during the study period.

Keywords: Speakers service, communication, Pocinhos.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1-</b> Mapa geofísico da localização do município de Pocinhos.....	36
<b>Imagem 2-</b> Feira na praça pública de Pocinhos na década de 1950. ....	47
<b>Imagem 3-</b> Alfaiataria do Sr. Hermes.....	58
<b>Imagem 4-</b> FRENTE -Discografia do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” .. .....	65
<b>Imagem 5-</b> VERSO - Algumas das canções de Luiz Gonzaga que foram muito tocadas no Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” .....	65
<b>Imagem 6 -</b> Casa e estúdio da “Voz de Pocinhos” . ....	85
<b>Imagem 7-</b> Vista aérea dos bairros Jardim Etelvina e Centro da cidade de Pocinhos...	92
<b>Imagem 8-</b> Baile de Carnaval no Pocinhos Clube 1979. ....	95
<b>Imagem 9-</b> Baile de Carnaval. ....	96
<b>Imagem 10-</b> Casal de Judas. ....	98
<b>Imagem 11-</b> Festival de argolinhas.....	99
<b>Imagem 12-</b> “Casamento matuto” da década de 1960.....	109
<b>Imagem 13-</b> “Casamento matuto” acontece em frente “A Voz de Pocinhos”.....	110
<b>Imagem 14-</b> Foto 1- “casamento matuto” no Palco do Povo.. ....	113
<b>Imagem 15-</b> Foto 2- Estes são os mesmo participantes da imagem 14 após a apresentação do casamento matuto no “Palco do Povo”.....	115
<b>Imagem 16-</b> Desfile cívico do Colégio Municipal Padre Galvão.....	117
<b>Imagem 17-</b> Desfile cívico do dia sete de setembro. ....	118
<b>Imagem 18-</b> Desfile cívico do dia sete de setembro, na década de 1970 .....	118
<b>Imagem 19-</b> Jornal Tribuna Pocinhense de 05 de setembro de 1985 – pág. 06, 4ªed...	121

<b>Imagem 20-</b> Nota recortada da imagem 19 para melhor visualização.....	121
<b>Imagem 21-</b> Desfile cívico do Colégio Municipal Padre Galvão 1984.....	122
<b>Imagem 22-</b> Desfile Cívico 2015 e entrega da Homenagem a Dona Maria das Neves. .....	123
<b>Imagem 23 -</b> Concurso da Miss Pocinhos 1965 .....	126
<b>Imagem 24-</b> A última Miss Pocinhos Gilma Jacinto da Silva, escolhida no ano de 1980 .....	127
<b>Imagem 25-</b> Miss Pocinhos 1966 .....	128
<b>Imagem 26-</b> Notícia sobre a Festa das Debutantes do ano de 1985. ....	129
<b>Imagem 27-</b> Festa da Padroeira. ....	132
<b>Imagem 28-</b> O baile da coroação da rainha da festa de Nossa Senhora da Conceição de 1956. ....	134
<b>Imagem 29</b> – Dona Maria das Neves no Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” – 2013. ....	135

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO I - A CIDADE-MENINA ANUNCIADA PELOS ALTO-FALANTES: ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DE POCINHOS .....</b>	<b>28</b>
1.1-A cidade como um campo de estudo .....	29
1.2-De “Olho d’Água do Bravo” a “Pocinhos”: Aspectos geográficos e fundação da cidade de Pocinhos.....	36
1.3 - O Agave como o produto da “redenção” da economia pocinhense .....	41
<b>CAPÍTULO II -O SERVIÇO DE ALTO-FALANTES “A VOZ DE POCINHOS”... .....</b>	<b>52</b>
2.1- A cidade que é tomada pelos sons: A implantação da “Voz de Pocinhos” .....	53
2.2- É hora de divertir e informar a população pocinhense: Entra no ar a programação da “A Voz de Pocinhos” .....	70
<b>CAPÍTULO III -VEM PARA RUA, PARA O CLUBE E PARA O CINEMA: “A VOZ DE POCINHOS” CONVOCA OS POCINHENSES PARA O LAZER E DIVERSÃO!.....</b>	<b>90</b>
3.1 – Carnavais: festa da fantasia e do brilho .....	93
3.2- A diversão do julgamento do Judas, dos festivais de argolinhas, do cine São José e dos shows de calouros .....	96
3.2.1- Festivais de argolinhas .....	99
3.2.2- O cine São José .....	100
3.2.3- Os Shows de Calouros .....	103
3.3- As festas juninas de Pocinhos.....	105
3.4-Festa Cívica: O sete de setembro e a participação da “Voz de Pocinhos” nas festividades locais .....	115
3.5 - As festas do Pocinhos Clube: Divertimento, tradição e glamour, atuação da “Voz de Pocinhos” em eventos que marcaram a vida social pocinhense - A escolha da Miss Pocinhos e o baile das debutantes .....	124
3.6- Não havia igual, em glamour, esbanjamento e brilho, outra, que não fosse a esperada o ano inteiro: A Festa da Padroeira.” – A Festa de Nossa Senhora da Conceição: devoção e diversão .....	130
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>136</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>139</b>
<b>FONTES .....</b>	<b>142</b>

## INTRODUÇÃO

Tudo foi anunciado por ali: As notícias, os pronunciamentos, as decisões. Com certeza tudo passou pela “A Voz de Pocinhos”<sup>1</sup>

Uma cidade, para tornar-se conhecida, oferece àqueles que a visitam, os mecanismos que a ajudarão a ser compreendida como tal. Assim, podemos acompanhar em Certeau<sup>2</sup>, que toda sociedade se pensa historicamente a partir dos instrumentos que possui. Contudo, ao voltarmos o olhar para a cidade de Pocinhos-PB, mais precisamente para sua recente história, poderemos verificar a existência de um desses mecanismos que a ajuda a ser reconhecida, ou melhor, a contar a sua própria história. Por estar presente na localidade antes mesmo desta ser emancipada.

Pocinhos<sup>3</sup> é uma típica cidade do interior, que oferece aqueles que a visitam, alguns indícios da sua história local, um panorama de situações atraentes, no mínimo questionadoras, de como na era da tecnologia em que os meios de comunicação estão em constante desenvolvimento pode ainda existir um Serviço de alto-falantes, localizado no centro da cidade e que se constitui no principal meio de comunicação local, e com o qual a população mantém um sentimento de identidade, já que para falar da cidade, nas suas práticas culturais e sociais é preciso antes passar pela história do próprio Serviço.

Antes do rádio tornar-se um dos meios de comunicação de massa, e que viria fazer mudanças no cotidiano das pessoas, existiram, em algumas cidades, serviços de alto-falantes que além de trazer comunicação, ofereciam divertimento e lazer para os seus habitantes. Em Campina Grande-PB, antes mesmo que ocorresse a chegada do rádio, já funcionavam os serviços de alto-falantes que eram uma amostra do que este tipo de comunicação faria naquela cidade com a chegada do rádio em 1949<sup>4</sup>. Contudo,

---

<sup>1</sup>Entrevista concedida à autora em: 23/07/2011, o entrevistado o senhor João Evangelista Guimarães, 55 anos foi ouvinte e locutor do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” e em seu depoimento destacou a importância que este meio de comunicação teve para a cidade e para população pocinhense, pois por meio dele diversos fatos ocorridos na cidade foram noticiados.

<sup>2</sup>CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: **A escrita da História**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982. PP.65/122.

<sup>3</sup>Pocinhos está localizada no cariri paraibano. Ao longo deste trabalho, vamos trazer mais informações sobre a cidade onde o nosso objeto de estudo foi fundado.

<sup>4</sup>Sobre a chegada do rádio em Campina Grande- PB ver: SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. (org.). **História da mídia regional: o rádio em Campina Grande/** Antonio Clarindo Barbosa de Souza,

assim como à cidade a qual pertencia em 1951<sup>5</sup> Pocinhos, pôde contar com um serviço de alto-falantes, chamado “A Voz de Pocinhos”, que ao longo de décadas “ao servir à coletividade com músicas, notícias e as mais variadas informações”<sup>6</sup> ofereceu aos habitantes da cidade a oportunidade de estarem em “frequência” com tudo o que poderia estar acontecendo tanto no município como fora dele.

O Serviço<sup>7</sup> de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, foi o meio de comunicação que veio modificar o cotidiano dos pocinhenses. E, desse modo, pode ser considerado como o principal meio de comunicação de massa local. Contudo, é importante ressaltarmos que havia outras formas de comunicação na cidade, como a troca de correspondências, ouvia-se também algumas rádios que no período já funcionavam em Campina Grande e em Recife, entre outros municípios.

Desse modo, com a chegada da difusora<sup>8</sup>, os espaços da cidade acabam por serem afetados, os hábitos, os costumes, as festas populares, as datas cívicas, as festas religiosas, as notícias, a política e as mais variadas músicas, passaram a ser noticiados e divulgados na “A Voz de Pocinhos”. Devido à riqueza de detalhes que foram e podem ainda ser revelados a partir de outros estudos que, por ventura, tenham como este, o mesmo objeto de estudo, as memórias daqueles que vivenciaram e vivenciam tais eventos, se faz tão importante o estudo sobre tais experiências.

Este trabalho apresenta-se com o intuito de destacar a importância do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” para a cidade de Pocinhos, fundado em 10 de outubro de 1951, por iniciativa do senhor Hermes de Oliveira Rocha. Este Serviço configurou-se como o principal meio de comunicação local de massa até o final da década de 1980, já que após essa década passou a concorrer com outros meios de

---

Flavianny Guimarães de Oliveira e Goretti Maria Sampaio de Freitas. - EDUFPG/EDUEP; Campina Grande, 2006.

<sup>5</sup>Na época da criação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, Pocinhos era distrito de Campina Grande-PB, e só veio conseguir a sua Emancipação em 10 de dezembro de 1953, sendo divulgada esta notícia pelo então Serviço estudado.

<sup>6</sup>Utilizamos aqui umas das falas da esposa do fundador do Serviço, a Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves Albuquerque Rocha, popularmente conhecida como “Dona Neves”, sempre que coloca o Serviço no ar diz o nome do Serviço e diz: “Servindo à coletividade com músicas, notícias e as mais variadas informações” transformo-se no slogan do Serviço.

<sup>7</sup>A utilização da palavra serviço, escrita com inicial maiúscula será usada todas as vezes que estivermos nos referindo à difusora então estudada.

<sup>8</sup>O termo “difusora” é bastante utilizado pelos moradores da cidade, para se referirem ao Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”.

comunicação, como por exemplo, quando começaram a surgir os chamados “carros de som”. Mas, frente à modernidade que chegara a Pocinhos, conseguiu manter-se como um patrimônio cultural na cidade e até os dias atuais ainda está em pleno funcionamento “servindo à coletividade”<sup>9</sup>. Dessa maneira, esta pesquisa está inserida na proposta oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em História-UFCG da linha de pesquisa “Cultura e Cidades”, uma vez que por meio do estudo deste meio de comunicação, foi possível conhecer alguns aspectos do cotidiano dos pocinhenses nas suas práticas e vivências.

O Serviço de alto-falantes é ainda um referencial de comunicação no município. E por este motivo temos o intuito de analisar as construções cotidianas que serão estabelecidas entre os habitantes e destes, para com o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, a partir da década de 1950 até o ano de 2013, buscando discutir as sensibilidades, mudanças e permanências que ocorrem por meio das práticas culturais, uma vez que mesmo convivendo com a inserção de mídias globalizadas, este Serviço consegue atrair a atenção da população por meio da oralidade, ao transmitir assuntos de interesses da comunidade, gerando com isto um sentimento de identidade/pertencimento com a população, e desta para com o Serviço. Como se ficasse a sensação que se o Serviço não existisse, a cidade não teria acesso a outras formas de comunicação, como podemos perceber na fala da senhora Maria de Lurdes Araújo Santos: “Uma cidade sem difusora a gente não sabe de nada.”<sup>10</sup>.

Por sua vez, procuramos também contribuir para os estudos relacionados à comunicação em termos regionais, voltando-se como já foi apontado para o interior, para a experiência de pequenas cidades como foi e continua sendo o caso da então cidade de Pocinhos.

Este trabalho surgiu sob uma perspectiva de dar ênfase a um campo de estudo ainda pouco estudado que é o Estudo de Mídia Regional no Brasil. Contudo, mesmo apresentando uma diversidade muito rica e que evidencia experiências inusitadas, criativas e diversificadas, este campo ainda é pouco estudado por historiadores.

---

<sup>9</sup>Utilizamos aqui umas das falas da esposa do fundador do Serviço, a Sr.<sup>a</sup> Maria das Neves Albuquerque Rocha, popularmente conhecida como “Dona Neves”, sempre que a mesma coloca o Serviço no ar.

<sup>10</sup>Frase pronunciada pela senhora Maria de Lurdes Araújo Santos, 62 anos, moradora da cidade em entrevista a TV Correio no dia 05/08/2011 para o programa Correio Espetacular em reportagem sobre os 60 anos de fundação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”.



No entanto, um historiador que esteja comprometido com o processo de mudança do meio em que vive, certamente deve lançar o olhar para a possibilidade que as mídias oferecem, para a partir delas, pensar nos contextos regionais em que as mesmas emergiram. Mas, diferentemente deste pensamento muitos pesquisadores acabam por optar por pesquisas que privilegiam o surgimento e desenvolvimento das mídias do eixo Rio de Janeiro e São Paulo, deixando de lado as experiências locais e muitas vezes até mais próximas geograficamente do mesmo.

Em muitas cidades como, por exemplo, Campina Grande/PB, antes mesmo que ocorresse a chegada do rádio, já funcionavam os serviços de alto-falantes que animavam, divertiam e levavam notícias às cidades. Foi isto que também aconteceu na cidade de Pocinhos, com a instalação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, no ano de 1951.

Nos trabalhos de conclusão do bacharelado e da licenciatura que foram intitulados como: *A cidade agora tem voz e pode ser ouvida: Um estudo sobre o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”*, e *Entre Programas: Criando espaços e sociabilidades. Está no ar, o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”* apresentados em dezembro de 2011 e em maio de 2013 respectivamente, trabalhamos com este mesmo objeto de estudo, analisando-o até o fim da década de 1980. Mas, devido, à nova conjuntura que o Serviço adotou depois da década de 1990, desejamos dar continuidade a tais pesquisas e assim poder perceber a riqueza de detalhes, voltada para as relações de identidades que podem ser notadas na utilização deste veículo de comunicação por meio da população e de reconhecimento, já que, para falarmos de algum traço da história do município, seja ele político, social, econômico ou cultural, teremos que passar necessariamente pela história do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”. Conforme nos disse o senhor João Evangelista: “a história da ‘Voz de Pocinhos’ está para a cidade e a cidade está para a ‘Voz de Pocinhos’, né assim?”<sup>11</sup> Por meio deste relato, somos levados a refletir sobre isto, que em muitos momentos a história de ambas, estiveram entrelaçadas, não podendo assim falar de uma, sem que logo houvesse uma referência à outra.

---

<sup>11</sup>Entrevista concedida à autora no dia 23/07/2011. O entrevistado tem 55 anos, e na década de 1980 participou do Serviço sendo um locutor de um programa dominical.

Como sabemos o desenvolvimento de muitas cidades passa pelas histórias destes equipamentos modernos: como é o caso das experiências radiofônicas. Para tanto, se faz tão necessário e importante o estudo sobre estes meios de comunicação. Ao realizarmos as pesquisas, para o desenvolvimento deste trabalho, podemos perceber que existem poucos trabalhos no nosso campo de saber que contemplem esta temática, existindo mais trabalhos nas áreas da Sociologia e da Comunicação, que contemplam a influência do rádio na sociedade. Por este motivo é de grande importância que a História também possa documentar as influências e construções de tal meio de comunicação.

Ao fazermos um estudo sobre a história cultural deste Serviço, buscamos contribuir para a preservação da história do mesmo, utilizando para tanto, as possibilidades de análise e reflexão das contribuições legadas da então difusora para a cidade. Desse modo, para que a memória dos acontecimentos não se disperse, não se perca, deve ocorrer à fixação por escrito das narrativas, pois “os escritos permanecem, enquanto as palavras e o pensamento morrem” (HALBWACHS, 2003, p. 101) <sup>12</sup>

Dado este passo, nos restou a tarefa de irmos ao encontro das fontes; afinal de contas, nós trabalhamos com elas e precisamos delas para dar credibilidade ao trabalho<sup>13</sup>. Para produzirmos este texto, fomos em busca das fontes que seriam necessárias para compô-lo. Inicialmente, tentamos encontrar fontes escritas quando estas foram produzidas, mas para nossa decepção, mesmo se tratando de um meio de comunicação tão antigo na cidade, poucos foram os documentos encontrados que demonstravam a existência do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”. Para isso fomos à procura nos arquivos públicos da cidade de Pocinhos como o da Câmara Municipal e o da Prefeitura Municipal, tendo encontrado somente três documentos que faziam referência ao então Serviço, mas algo muito escasso que não atenderia aos objetivos que esta dissertação desejava alcançar.

Foram encontradas também algumas fotografias e relatos em alguns jornais que foram produzidos na década de 1980 que mostravam a participação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, em alguns momentos importantes da cidade, como

---

<sup>12</sup>HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**/ Maurice Halbwachs; Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003. 224p.

<sup>13</sup>PINSKY. Carla Bassanezi, (org.) **Fontes Históricas**. 2ª ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010.

inaugurações, discursos de políticos e promovendo espaços de sociabilidades aos ouvintes. Sobre a possibilidade de se encontrar alguma documentação privada do Serviço, nada pôde ser recuperado, por ter ocorrido um incêndio em um cômodo da casa do proprietário e com isto ter se perdido toda a documentação que regulamentava o seu funcionamento, não tendo sido resgatado nada depois deste fato.

Dessa forma, para o desenvolvimento desta dissertação, pretendemos ter como principal fonte, relatos orais de memória. Por se tratar de um passado recente, pelo Serviço existir na cidade há 64 anos, muitos que na cidade nasceram e residem, são ouvintes do então Serviço, e estão envolvidos de alguma forma pela ação da “Voz de Pocinhos”, sendo participantes diretos ou indiretos do Serviço. Podendo eles mesmos relatarem as experiências vividas a partir, e em torno do que é e foi proposto à população pocinhense. Como afirma Sandra Jatahy Pesavento:

Toda experiência sensível do mundo, partilhada ou não, que exprima uma subjetividade ou uma sensibilidade partilhada, coletiva, deve se oferecer à leitura enquanto fonte, deve se objetivar em um registro que permita a apreensão dos seus significados. (PESAVENTO, 2003, p.53)

Portanto, buscamos entrevistar pessoas de diferentes origens; desde aquelas que estiveram e estão à frente do serviço como, aquelas que ficam nas ruas e são ouvintes das notícias e eventos que são veiculados pelo Serviço.

Contudo, utilizamos a fonte oral atrelada ao cruzamento com outras fontes, como os poucos documentos que foram encontrados no arquivo da Prefeitura Municipal de Pocinhos, que apontam para existência do Serviço, algumas fotografias pertencentes ao acervo da senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha<sup>14</sup> e de moradores da cidade, juntamente com a descoberta de alguns jornais que circularam na cidade na década de 1980, e que nos forneceram as bases para a construção deste trabalho.

Por meio dos subsídios oferecidos pela história oral, obtidos através da recuperação das memórias de diferentes pessoas que estiveram envolvidas direta ou indiretamente com o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, realizamos algumas entrevistas. Por sua vez, nós também utilizamos para a construção deste trabalho, outras fontes como aquelas que se caracterizam como sendo uma evidência oral, quando não

---

<sup>14</sup>Ela é a esposa do fundador do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” e a atual proprietária.

foram provocadas intencionalmente, como uma entrevista a uma emissora de televisão, mas que a história oral dela se apropria.

Sabemos que é no espaço da cidade que se encontram o universal e o particular, o geral e o específico e que nesse movimento de debruçamento, de investigação, o indivíduo ganha destaque como forma de atalho para se reconstruir, os espaços delimitados por cada um<sup>15</sup>. Para assim, compreendermos como podem e são estabelecidas as relações identitárias que partem do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”.

Com isto, durante o processo de construção da história, esta por vezes, adquire novas versões, à medida que vai se descobrindo novas pistas que remetem ao fato. Em nosso trabalho, foi isto o que aconteceu à medida que foram sendo realizadas as entrevistas. A cada informação que era adicionada, nós íamos conseguindo estruturar este trabalho, por este fator concordamos quando, o historiador Antonio Torres Montenegro afirma que:

A história enquanto representação do real se refaz, se reformula, a partir de novas perguntas realizadas pelo historiador ou mesmo da descoberta de outros documentos e fontes. (...) (MONTENEGRO, 1992, p. 19)<sup>16</sup>

O trabalho desenvolvido pelo Serviço de alto falantes “A Voz de Pocinhos”, nos anos em que estamos analisando era visto pelos moradores da cidade como sendo uma novidade, mesmo já havendo a presença de rádios na localidade, fosse pela programação ou pelos eventos que eram organizados pelos proprietários, havia sempre um desejo de participar de alguma forma. Podemos perceber isto através da fala de um dos entrevistados, como nos disse o Sr. Gilvan:

(...) Então quando ligava “A Voz de Pocinhos” o povo tinha mais prazer em ouvir, porque não tinha outro meio de comunicação para tá ouvindo música e ouvindo notícia, essas coisa. Então quando ligava o pessoal se aproximava,

---

<sup>15</sup>Estas reflexões foram feitas a partir da leitura de: MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**/ Antonio Torres Montenegro. – São Paulo: Contexto, 1992.p. 09.

<sup>16</sup>MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**/ Antonio Torres Montenegro. – São Paulo: Contexto, 1992.

outros vinha pedir música era assim, sempre que encontrava na rua pedir para mandar um recado.(...)<sup>17</sup>

Para analisarmos a relação entre memória e história, recorreremos à concepção de memória de Halbwachs (2003) onde o mesmo baseia na idéia de que a memória era formada através de laços sociais que existiam entre indivíduos e que os quadros sociais que constituíam a memória eram a combinação das lembranças individuais de vários membros de uma mesma sociedade<sup>18</sup>. Segundo este autor “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”, que muda conforme o lugar que o indivíduo ocupa no grupo.

Contudo, na busca pelos depoimentos daqueles que em suas falas, remetiam ao passado que tinham vivenciado junto ao Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, procuramos perceber que cada entrevistado buscou recuperar aquilo que foi mais significativo nas suas memórias, na época em que esteve mais próximo do Serviço, fosse através de um programa ou de algum evento que tenha ocorrido na cidade e que foi divulgado pela “A Voz de Pocinhos”, cada qual, conforme o lugar que ocupava na cidade, buscou descrever as emoções e sensações vividas. Por fim, concordamos com Halbwachs, quando este percebe a importância dos indivíduos, porém, sua relevância advém do grupo, da união de suas lembranças na formação da memória coletiva.

Para tanto, foram escolhidas algumas pessoas para serem entrevistadas, aquelas que em algum momento estiveram “atrás dos microfones” e que depois se distanciaram por algum motivo do Serviço, (no caso os ex-locutores) aquelas que ainda executam suas atividades como locutores, como também pessoas que eram e continuam sendo ouvintes da então difusora. Dessa maneira, usamos como critérios para a escolha dos entrevistados, pessoas de diferentes faixas etárias e que tiveram alguma relação de proximidade por realizarem trabalhos na “Voz de Pocinhos” até os ouvintes, como forma de fazer comparações e distinções a cerca de cada relato que foi tecido sobre este meio de comunicação da cidade de Pocinhos.

---

<sup>17</sup>Entrevista concedida à autora no dia 09/08/2011, o entrevistado é o Sr. Gilvan José da Silva, de 47 anos, que realizava trabalhos esporádicos como locutor na década de 1980, no Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”.

<sup>18</sup>Para mais informações sobre memória ver: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**/ Maurice Halbwachs; Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003. 224p.

Contudo, sabemos que cada entrevistado buscou recuperar aquilo que foi mais significativo, na época em que esteve mais próximo do Serviço, fosse através de um programa ou de algum evento que tenha ocorrido na cidade e que foi divulgada pela “A Voz de Pocinhos”, cada qual, a sua maneira usando para isto o imaginário, buscou descrever as emoções e sensações vividas.

Após analisarmos estes fatos, percebemos que a relação que há entre história oral e memória é bastante significativa. Contudo, se faz muito importante mostrar que segundo o conceito de memória em Meihy (2005), estas seriam lembranças que estariam organizadas segundo a lógica subjetiva que seleciona e organiza fatores que nem sempre correspondem à realidade.

Por este motivo, o indivíduo seleciona em sua memória aquilo que para si é revestido de significados, sendo este um processo revestido de subjetividades que depende muito do lugar social que o mesmo está inserido. Segundo Montenegro, “O campo da memória se construiria, dessa maneira, a partir dos acontecimentos e dos fatos que também se transformam em elementos fundantes da história.” (Montenegro, 1992, p. 20). No entanto, a memória resgata as reações ou o que está presente no desejo e na vontade individual e coletiva, já a história trabalha com o que se torna público, passando antes pelo recorte que será feito pelo historiador.

Ainda, sobre as discussões em torno da memória, Chartier (2009)<sup>19</sup>, nos aponta que a memória seria a responsável por certificar a existência de um passado que foi e já não é mais. E que por meio dela o discurso histórico, de forma imediata, encontraria o referencial de seu objeto. Mas, estabelecendo cada qual a sua maneira (história e memória) seus espaços de saber.

A esse respeito:

(...) mas não por isso memória e história são identificáveis. A primeira é conduzida pelas exigências existenciais das comunidades para as quais a presença do passado no presente é um elemento essencial da construção de seu ser coletivo. A segunda se inscreve na ordem de um saber universalmente aceitável, “científico”, no sentido de Michel de Certeau. (CHARTIER, 2009, p. 24)

---

<sup>19</sup>CHARTIER, Roger, 1945- **A história ou a leitura do tempo**/ Roger Chartier; Tradução de Cristina Antunes. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

Na busca pelos depoimentos daqueles que em suas falas, remetiam ao passado que tinham vivenciado junto ao Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, procuramos perceber que o processo de construção ou de produção atua como forma de que partindo do real, do acontecido, da memória, corresponda a um processo de mudança ou mesmo de conservação.

Assim, ainda como nos afirma Montenegro: “(...) a memória tem como característica fundante o processo reativo que a realidade provoca no sujeito. (...)” (MONTENEGRO, 1992, p.19). Com isto buscamos observar não só o que era dito, mas o que foi colocado nas entrelinhas como: os silêncios, as pausas, os gestos, os sorrisos. Tudo aquilo que pôde ser identificado e que contribuiu para a construção deste trabalho, tornando a nossa escrita mais enriquecedora, já que a metodologia da história oral pede para que isto não seja descartado.

Para analisarmos o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” enquanto espaço de informação e entretenimento na cidade, utilizamos o conceito de espaço desenvolvido por Certeau (2012) <sup>20</sup>, na perspectiva em que o autor defende que um espaço é um lugar praticado. Sob as concepções deste podemos perceber que um “lugar” só se torna “espaço” na medida em que os indivíduos o colocam em movimento por meio do seu uso, e assim o colocam em destaque. Sendo isto o que aconteceu com o Serviço de alto-falantes, conforme os ouvintes o utilizavam, mas este colocava-se em destaque na comunidade.

Nesta dissertação, também utilizamos o conceito de representação de Chartier (1990), Sobre este conceito ele aponta duas concepções, a primeira seria direcionada a algo ausente e a segunda referente a algo presente, assim para as representações que nossos entrevistados tecem em torno das memórias que circundam “A Voz de Pocinhos” <sup>21</sup>, sobre isto podemos perceber que:

(...) A representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver o objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o

---

<sup>20</sup>CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer**/ Michel de Certeau; 18. Ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

<sup>21</sup>A “Voz de Pocinhos” mesmo ainda existindo na cidade, foi representada pelos nossos entrevistados como algo ausente, talvez por ter sofrido alterações e não possuir mais tanto destaque na vida cultural e social da cidade.

reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é. (...) (CHARTIER, 1990, p.20)<sup>22</sup>

Ao analisarmos as relações de identidades, e por estar inserido no campo da História Cultural, não poderíamos deixar de discutir o conceito de sensibilidades estabelecido por Sandra Jatahy Pesavento (2003), utilizando para tanto a experiência histórica pessoal para se resgatar emoções, sentimentos, ideias, temores ou desejos. Desse modo podemos entender que:

Sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez, do real e do não-real, do sabido e do desconhecido, do intuído ou pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. (...) (PESAVENTO, 2003, p. 58)

Consideramos, pois, esta pesquisa relevante para a História da Mídia Regional, já que até então existem pouquíssimos trabalhos acadêmicos produzidos no campo da História que tenham como objeto de estudo as experiências radiofônicas. Assim, dessa forma, sendo importante o estudo destes elementos, para que se compreenda o desenvolvimento cultural e social das cidades, em que estes emergiram.

A partir das fontes já indicadas, temos o objetivo de produzir uma História da Mídia Regional, adequada a História Cultural, neste caso as experiências radiofônicas, já que o rádio impulsionou a sociedade do século XX. Transformou o cotidiano e implementou mudanças estéticas, culturais e sociais.

Quanto à metodologia adotada para com as fontes que nos auxiliaram na construção desta pesquisa (fontes orais e visuais), utilizamos as considerações de Meihy (2005),<sup>23</sup> Montenegro (1992)<sup>24</sup>, Pinsky (2010)<sup>25</sup> e Freitas (2006)<sup>26</sup>.

Para podermos compreender o papel desempenhado pelo Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, e a sua função como um meio de comunicação, recorreremos aos

<sup>22</sup>CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990. p. 20.

<sup>23</sup>MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

<sup>24</sup>MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**/ Antonio Torres Montenegro. – São Paulo: Contexto, 1992

<sup>25</sup>PINSKY, Carla Bassanezi, (org.) **Fontes Históricas**. 2ª ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010.

<sup>26</sup>FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**/ Sônia Maria de Freitas. 2º ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.



apontamentos teóricos de Asa Briggs e Peter Burke (2004) <sup>27</sup>, em que estes autores apresentam uma análise dos meios de comunicação, destacando os contextos sociais e culturais em que surgiram e se desenvolveram, além de apontar e traçar a história das diferentes mídias bem como, as linguagens que elas criaram para a civilização ocidental, conhecimentos fundamentais para a composição desta dissertação.

Sobre as discussões em torno da mídia, os questionamentos levantados pelo sociólogo John B. Thompson em *A Mídia e a Modernidade: Uma teoria social da mídia* (2009) são bastante pertinentes para a realização deste projeto, já que a análise central do livro é direcionada para os fatores que nós pretendemos desenvolver nesta pesquisa que é perceber como a mídia modifica a interação entre os indivíduos e de qual é o papel da mídia na formação das sociedades modernas.

Sobre a trajetória do rádio no Brasil e, assim as suas experiências em diversas cidades, como foi o caso da cidade do Rio de Janeiro, buscamos estabelecer o diálogo com a coletânea organizada por Fernando Novais (1998) <sup>28</sup>, em que vários autores reuniram seus escritos sobre as amplas transformações tecnológicas ocorridas na transição do século XIX para o século XX. Os capítulos foram organizados como forma de mostrar os hábitos e costumes que surgiram com as chegadas destas transformações.

Em termos locais, e mais próximos do nosso objeto de estudo, consideramos de grande importância o estudo organizado por Souza (2006) <sup>29</sup>, para nosso trabalho, por ser tratar de uma análise sobre o rádio em Campina Grande, por podermos assim conhecer, o modo pelo qual se deu a chegada desse meio de comunicação na cidade, que alterou em vários fatores o cotidiano dos moradores, bem como também discutir a influência direta que o modelo de radiofonia campinense exerceu na implantação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”.

---

<sup>27</sup>BRIGGS, Asa, 1921- **Uma História Social da Mídia: de Gutemberg à Internet/** Asa Briggs e Peter Burke; tradução: Maria Carmelita Pádua Dias; Revisão técnica: Paulo Vaz. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

<sup>28</sup>NOVAIS, Fernando A. SEVCENKO, Nicolau (orgs.). **História da Vida Privada no Brasil: da Belle Époque à era do Rádio.** VOL. 3- Companhia das Letras, São Paulo, 1998.

<sup>29</sup>SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. (org.). **História da mídia regional: o rádio em Campina Grande/** Antonio Clarindo Barbosa de Souza, Flavianny Guimarães de Oliveira e Goretti Maria Sampaio de Freitas. - EDUFCCG/EDUEP; Campina Grande, 2006.

Após fazermos estas observações, se faz pertinente uma breve apresentação, sobre cada um dos três capítulos que compõem este trabalho.

No primeiro capítulo **A cidade-menina anunciada pelos alto-falantes: Origem e desenvolvimento da cidade de Pocinhos** apresentamos ao nosso leitor uma breve análise sobre o tema cidades como forma de discutir os fatores que contribuem para que a cidade seja objeto de estudo. Dessa forma, apresentamos a cidade na qual está localizado o tema deste trabalho. Assim, será apresentado de forma panorâmica o município de Pocinhos sob os aspectos econômicos, culturais e sociais que ofereceram os subsídios para a implantação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”. A principal fonte utilizada para estabelecermos este estudo sobre este município foram os textos produzidos por: Ribeiro (2013)<sup>30</sup>, que produz um panorama sobre a cidade de Pocinhos e do memorialista Ribeiro (2010)<sup>31</sup>.

No segundo capítulo **O Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”** é chegada à hora de conhecer o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” como se deu o seu processo de fundação até a elaboração da sua programação que ao longo das décadas passou por diversas modificações para atender as necessidades dos seus ouvintes. Com o passar do tempo, este Serviço tornou-se o meio de comunicação de massa mais utilizado em Pocinhos. Buscamos por fim, neste capítulo analisarmos as formas pelas quais a população se apropriou deste Serviço, fosse utilizando para avisos diversos, para reprodução de músicas ou até mesmo para flertar, tivemos como contribuição para a construção do mesmo os relatos orais.

No terceiro capítulo **Vem para a rua, para o clube e para o cinema: “A Voz de Pocinhos” convoca os pocinhenses para o lazer e diversão!** Discutimos como a presença da “Voz de Pocinhos” tornou-se relevante ao realizar alguns eventos políticos e sociais na cidade. Ao participar de momentos significativos na vida cultural pocinhense pôde contribuir para que espaços de sociabilidade e lazer fossem construídos, como foi o caso do Pocinhos Clube, do Cine São José que teve com primeiro presidente o senhor Hermes de Oliveira Rocha que era proprietário da “Voz de Pocinhos”, como também bailes e festas. Para a construção deste último capítulo nos

---

<sup>30</sup>RIBEIRO, Roberto da Silva. **Pocinhos: o local e o geral**/ Roberto da Silva Ribeiro. – 2. Ed.- Campina Grande: RG Editora, 2013.

<sup>31</sup>RIBEIRO, Hugo Marconi. **Candangos de motor de agave: Memórias de Pocinhos no apogeu do Ciclo do Sisal – 1958 a 1968**/ Hugo Marconi Ribeiro. João Pessoa: Ideia, 2010.

pautamos nos relatos orais que foram conseguidos através da História Oral, associados a algumas fotografias e a algumas notícias de periódicos que existiram na cidade na década de 1980.

Ao término deste trabalho esperamos atingir os objetivos que foram estabelecidos. Contudo, como falamos este objeto de estudo, traz em si uma história de 64 anos de existência, podendo assim oferecer inúmeras possibilidades de estudos, por entendermos que existam outros aspectos que podem ser explorados e que não foram contemplados neste trabalho por outros historiadores ou pesquisadores de outras áreas que, em algum momento, desejem tê-lo como um objeto de estudo.

Mas não percamos mais tempo, eis que “A Voz de Pocinhos” avisa aos seus ouvintes que sua programação vai entrar no ar, fiquemos atentos para as notícias, músicas e avisos que Seu Hermes e Dona Neves irão anunciar: “Este é o Serviço de alto-falantes ‘A Voz de Pocinhos, 64 anos no ar, servindo a coletividade!’”

**CAPÍTULO I - A CIDADE-MENINA ANUNCIADA PELOS ALTO-FALANTES:  
ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DE POCINHOS <sup>32</sup>**

---

<sup>32</sup>O termo cidade-menina foi utilizado pelo Padre José Augusto da Silva Galvão ao escrever a letra do hino da cidade.

### 1.1-A cidade como um campo de estudo

A cidade desde os seus primórdios causa encantamento àqueles que por ela transitam, moram ou a visitam. Por menor que seja, ela é um reduto de história, portadora de significados e referências. Antes de tudo, por meio de suas práticas e representações, torna-se um espaço vivenciado, repleto de sentidos que vão desde o falar até o agir. Estudar a cidade não é uma tarefa fácil, já que uma cidade não é apenas um conjunto de ruas e casas, ela é bem mais que isto é um produto direto das ações humanas.

Sendo o lugar por excelência do homem, Bresciani (2008)<sup>33</sup> vê a cidade como sendo um produto da “arte humana” e simboliza o poder criador do homem. Desse modo, a cidade é construída sob múltiplos olhares e discursos que se justapõem sem que para isso haja um julgamento em busca da identificação de quais podem ser considerados mais verdadeiros ou importantes. Os olhares que por ora são lançados sobre a cidade, revelam pessoas, lugares, monumentos, lembranças. Desde a sua origem ela é também reduto de sensibilidades, espaços de sonhos, ações, lutas, disputas, a cidade pertence ao homem e ao mesmo tempo o possui, pertencer a uma cidade significa possuir o *ethos* urbano como propôs Pesavento<sup>34</sup> e por meio disto, o homem busca representá-la das mais diversas formas.

Segundo a percepção de Deusdedith (2003)<sup>35</sup> a cidade seria comparada a um texto. Ao utilizar esta metáfora, o autor aponta que assim como um texto que não pode ser lido de um único modo, por deixar oculto nas entrelinhas os silêncios, os esquecimentos, o não-dito, o visível. Sendo estes fatores elementos do texto, na cidade ocorre algo semelhante, por ela ser texto é composta de espaços, densidades diferentes e relevos que foram resultados das construções históricas das cidades e que oferece lacunas que não podem ser enxergadas de imediato. É preciso uma leitura calma e minuciosa sobre o espaço urbano para perceber o que está escondido nas “entrelinhas”.

---

<sup>33</sup>Ver: BRESCIANI, Maria Stella. Cidade, cidadania e imaginário. In: Souza, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (orgs.) **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008

<sup>34</sup>PESAVENTO, Sandra Jatahy. – **Cidades visíveis, cidades invisíveis, cidades imaginárias**. In: RBH; nº 27, ano 2007. Anpuh, São Paulo- SP.

<sup>35</sup>DEUSDEDITH JUNIOR. **A Cidade é um texto: apontamentos para ler a cidade**. In: publicações acadêmicas v.1, n.1 (2003). Disponível em: <http://www.publicaçõesacadêmicas.uniceub.br> acesso em: 14/04/2015.

A cidade é representada sob diferentes formas e para que seja interpretada é preciso lançar mão de vários fatores que vão além das questões sociais e materiais. No entanto, ela também é um conceito, conforme aponta Certeau (2012) e deve ser entendida:

à maneira de um nome próprio, oferece assim a capacidade de conceber e construir o espaço a partir de um número finito de propriedades estáveis, isoláveis e articuladas uma sobre a outra. Nesse lugar organizado por operações “especulativas” e classificatórias, combinam-se gestão e eliminação. (CERTEAU, 2012, p. 160)

Assim, a cidade-conceito, é um lugar de transformações e apropriações, ela é objeto de intervenções e ao mesmo tempo lhe é atribuído o papel de agente principal da modernidade. E neste sentido a cidade será objeto de estudo para diferentes áreas que sobre ela se debruçam. Sobre a cidade muito tem sido produzido, já que para muitos estudiosos ela se impõe como problema e, por conseguinte, tema de reflexão e objeto de estudo, oferecendo-se como um campo de abordagem para os estudos recentes sobre o imaginário social.

A partir do século XX, um intenso processo de urbanização foi desencadeado, apontando uma ruptura com os modos de viver e trabalhar, uma vez que a maioria da população mundial vivia e dedicava-se a atividades ligadas ao campo. A cidade será o palco onde acontecerá o processo de produção do capital e onde novas relações sociais serão estabelecidas a partir de então.

Sabendo que a cidade não é simplesmente um fato e um dado colocado pela concretude da vida, ela deve ser compreendida como um objeto de análise e tema de reflexão e discussão, o que por sua vez levanta uma série de desafios e questionamentos para um campo que torna-se a cada vez mais interdisciplinar. A cidade forma-se por meio das representações que fundamentam suas práticas.

Isto só se fez possível com a abertura de temas proporcionados a partir de 1980, com o surgimento da Nova História Cultural, que por meio de suas concepções teórico-metodológicas trouxe à cena a apreensão do real atrelado às sensibilidades, aos sentimentos, às representações e às práticas culturais. Neste contexto, ganham destaque as concepções que serão dadas ao espaço urbano, uma vez que novos aspectos passarão a ser estudados como: o modo de vida do cidadão, a forma urbana e sua organização

social, com a representação e com o imaginário da cidade, com as relações entre o público e o privado. Neste sentido, é importante problematizar como o imaginário das cidades foi construído e como foram ou estão estabelecidas as relações dos homens com o espaço onde vivem. Desse modo, o que estará no foco das atenções, não será somente a política e a economia, como outrora acontecia.

Os historiadores avançam nos domínios da cultura, ao buscar compreender os avanços dos homens no tempo. Assim, segundo Burke (2000)<sup>36</sup> a História Cultural também é uma tradução cultural da linguagem do passado para o presente, dos conceitos e tudo aquilo que é estudado pelos historiadores e transmitido aos seus leitores.

Pesavento (2007)<sup>37</sup> aponta que a cidade é representada, sobretudo pela sua materialidade, produto da ação humana sobre a natureza. É pela materialidade que se reconhece estar em espaço urbano e os indivíduos podem perceber as diferenças em relação ao mundo rural. E os habitantes podem identificar-se como sendo um portador do *ethos urbano*, e afirma-se como elemento constituinte da cidade. Não sendo este o único elemento de análise, a cidade também configura-se como sendo portadora de sensibilidades e espaço de sociabilidades. Vivenciada desta forma, a cidade deve ser compreendida como um fenômeno urbano que se revela por meio de percepções, sentidos e práticas propiciadas pelo que Pesavento, vai chamar de (o) “viver urbano”.

Dessa forma, a história cultural urbana deve ser concebida por meio da análise das práticas sociais, discursos e imagens que representam a cidade de ontem e de hoje. Sabendo que a cidade é composta por múltiplos olhares e discursos, ela tem sido objeto de estudo de historiadores, geógrafos, urbanistas entre outros segmentos que vêm no cidadão o encantamento da problemática que desejam desenvolver.

Neste capítulo, inicialmente estudamos as questões relativas às cidades, quando estas foram atingidas pelas ideias modernizadoras, higienistas e quando foram concebidas como espaços de sociabilidades e sensibilidades. Para deste modo, compreendermos as singularidades que envolvem o espaço urbano sobre o qual se debruça o nosso objeto de estudo - o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”- que

---

<sup>36</sup>BURKE, Peter- *Unidade e Variedades em História Cultural* in: **Variedades de História Cultural**; RJ; Civilização Brasileira; 2000; p. 231-267.

<sup>37</sup>PESAVENTO, Sandra Jatahy. – **Cidades visíveis, cidades invisíveis, cidades imaginárias**. In: RBH; nº 27, ano 2007. Anpuh, São Paulo- SP.

está localizado na cidade de Pocinhos-PB, acreditamos que se fez necessário este diálogo.

Dessa forma, quanto à historiografia brasileira, é possível estudar os casos de algumas cidades que foram pensadas, sentidas e vivenciadas por diferentes formas. Por isto, alguns trabalhos produzidos que tiveram como base, grandes e médios centros urbanos como, por exemplo: Rio de Janeiro<sup>38</sup>, São Paulo<sup>39</sup>, Porto Alegre<sup>40</sup>, Salvador<sup>41</sup>, Fortaleza<sup>42</sup>, Recife<sup>43</sup>, João Pessoa<sup>44</sup> e Campina Grande<sup>45</sup> puderam contribuir para a que pudéssemos estudar e discutir as questões relativas ao processo de modernização/transformação da cidade de Pocinhos.

Pensar a cidade como um locus privilegiado, é ver emergir projetos que a apresentam como espaço de vivências e realizações humanas. Toda cidade produz um discurso acerca do seu passado, por meio do mito das suas origens e ao identificar seu patrimônio e monumentos, põe em curso um processo no qual a urbe constrói seu

---

<sup>38</sup>Como sugestão, indicamos as seguintes leituras que estudam a cidade carioca e apontam que a *belle époque* carioca pode ser considerada ora como o apogeu de tendências específicas de longa duração, ora como fenômeno inédito, caracterizando-se como uma fase única da história cultural brasileira: NEEDELL, Jeffrey- **Belle Époque Tropical**; São Paulo; Companhia das Letras; 2003; cap. 1- O Rio de Janeiro: capital do século XIX brasileiro – p. 19-73. MARINS, Paulo César Garcez - *Habitação e Vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras*. In: NOVAES, Fernando A.- **História da vida privada no Brasil**; SP; Companhia das Letras, 1998.

<sup>39</sup>Sobre a cidade de São Paulo ver: BRESCIANI, Maria Stella- *História e Historiografia das Cidades, um percurso*. In: FREITAS, Marcos Cezar. **Historiografia brasileira em perspectiva** (org.). SP; Contexto, 2007, 237-258. SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de – **A História do Conforto na cidade de São Paulo**; Revista Anos 90, Porto Alegre, nº 14, dezembro de 2000; p. 162-183.

<sup>40</sup>Sobre Porto Alegre ver: PESAVENTO, Sandra Jatahy- **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano-Paris**, Rio de Janeiro, Porto Alegre; Porto Alegre; EDUFURGS, 2002. Cap. 1 (p.7-25) e Cap. 4 (p. 245-388)

<sup>41</sup>Sobre a cidade de Salvador indicamos a leitura de: REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. – São Paulo: Companhia das Letras, 1991. LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. **E a Bahia civiliza-se...** Ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana Salvador, 1912-1016. Dissertação. UFBA. Salvador-BA.

<sup>42</sup>Sobre Fortaleza ver: ARAÚJO, Erick Assis de- In: **Nos labirintos da cidade: Estado Novo e o cotidiano das classes populares em Fortaleza**; Fortaleza; INESP; 2007; Cap. 4-Moralidade Pública (p.173-214) e cap. 5 Vigilância e repressão: Diversões populares e práticas religiosas afro-ameríndias; (p.215-235).

<sup>43</sup>Sobre a cidade de Recife: REZENDE, Antônio Paulo. **Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de 1920**. – Recife: FUNDARPE, 1997. (P.13-105)

<sup>44</sup>Sobre o processo de modernização na cidade de João Pessoa e os embates que a recepção dos signos modernos causou na população, principalmente com referencia a resistência que os pobres terão frentes a tal processo, para mais informações, ver: CHARGAS, Waldeci Ferreira. **As singularidades de modernização na cidade da Parahyba nas décadas de 1910 a 1930**. Tese de Doutorado. Recife- UFPE, 2004.

<sup>45</sup>Sobre o lazer e o divertimento dos populares na cidade de Campina Grande, ver : SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Territórios de confronto-** Campina Grande: EDUFCEG, 2006. e SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de – *Por uma vida menos infame*. In: SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de – **Populares na cidade: vivências de trabalho e lazer**; João Pessoa; Ideia; 2011; p. 81-107.



próprio imaginário. Entretanto, antes de seguirmos adiante, a primeira experiência pela qual a cidade passa, é pela experiência do olhar, é a referência estética, que primeiro deixará suas impressões. Por isso, o fator materialidade<sup>46</sup> constitui-se como sendo uma das possibilidades de se entrar e compreender a cidade moderna. Os viajantes são os primeiros a elaborarem descrições extensas da cidade, ao fazerem referências a certos lugares em seus escritos, constituem-se fontes para o estudo das cidades.

Deste modo, as cidades podem ser sentidas de diferentes formas: seja pelos sonhos, sabores, cheiros, pelas experiências vivenciadas ou por meio de relatos, como fez Calvino (1990)<sup>47</sup> na sua obra, ao apresentar as belezas das cidades narradas por Marco Polo ao imperador Kublain Klan sobre o Império que acabara de visitar. Tal como Calvino, os historiadores culturais que tem como objeto de estudo a cidade, devem encantar e seduzir seus leitores por meio de suas narrativas e de forma simbólica pegar-lhes pelas mãos e conduzir-lhes pelos espaços das cidades. Cidades desconhecidas, mas que se tornam conhecidas pela escrita historiográfica. Assim, as cidades nos chegam enquanto representação sejam elas, pequenos ou grandes centros urbanos, ao contemplá-las pela primeira vez, remetemos a tantas outras cidades que já conhecemos seja pela experiência, pelas leituras que fizemos ou pelas imagens que já tivemos acesso.

Ao estudar as cidades, o historiador deve ter em mente que por ser obra de sonhos, desejos, práticas e medos, a cidade está sempre a explicar seu presente, neste exercício, acaba por definir uma identidade, que possibilita reconhecimento e desejo de pertencimento aos indivíduos com o lugar onde vivem suas práticas sociais.

O espaço urbano é portador de significados, cuja expressão passa por outras formas de comunicação para além da palavra escrita. Um monumento, por exemplo, é um traço da cidade, onde por meio da sua materialidade e historicidade podem evocar sentidos, vivências e valores. Neste sentido pensamos, na experiência das pequenas localidades como é caso da cidade de Pocinhos-PB, que possui um serviço de

---

<sup>46</sup>Sobre o fator materialidade, vários historiadores analisaram este aspecto presente nas cidades. Por exemplo, ver: BARROS, José D' Assunção. **Cidade e História**. -2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. BRESCIANI, Maria Stella- *História e Historiografia das Cidades, um percurso*. In: FREITAS, Marcos Cezar. **Historiografia brasileira em perspectiva** (org.). SP; Contexto, 2007, 237-258. PESAVENTO, Sandra Jatahy- **Cidades visíveis, cidades invisíveis, cidades imaginárias**. In: RBH; nº 27, Ano 2007. São Paulo, SP.

<sup>47</sup>CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**/ Ítalo Calvino; tradução Diogo Mainardi. – São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

comunicação chamado “A Voz de Pocinhos”, um monumento que se edificou no passado, mas que é pensado e sentido a partir do presente, tornou-se por sua vez um elemento da memória social da cidade.

Todavia, não podemos falar de comunicação em Pocinhos, sem tomar como referência a cidade de Campina Grande-PB<sup>48</sup> e seu desenvolvimento radiofônico, uma vez que o modelo de comunicação adotado neste distrito teve como influência a cidade à qual pertencia.

As primeiras transmissões radiofônicas aconteceram em Campina Grande em 1936, por meio da implantação de um serviço de alto-falante pelo o senhor Jovelino Farias, conhecido por Gaúcho. Inicialmente o serviço de alto-falantes foi instalado na Rua Marques do Herval, alguns anos depois foi transferido para o bairro de José Pinheiro. No entanto, durante a década de 1940, os serviços de alto-falantes se ampliaram através da implantação da difusora “A Voz de Campina Grande”, vejamos o que nos diz Freitas (2006) sobre a fundação desta difusora:

(...) A mais famosa prestadora de serviços nesta área, comandada pelo cearense José Jataí. Instalada no centro da cidade, mais precisamente no segundo andar do Edifício Esial, na Praça da Bandeira. A difusora tinha quase tudo o que o rádio viria a oferecer posteriormente. Com os seus alto-falantes instalados na sacada do Edifício Esial, estendendo-se às ruas João Pessoa, Maciel Pinheiro, esquina com Semeão Leal e na Feira central, no edifício conhecido como Pau do Meio. Foi, sem dúvida, o primeiro órgão de comunicação da cidade. (FREITAS, 2006, p.126)<sup>49</sup>

“A Voz de Campina Grande” contava com uma programação diversificada sobre futebol, política e programas culturais, à frente da difusora estava além do proprietário o senhor José Jataí e o jovem Hilton Mota e da sacada do prédio onde estava instalado o serviço de alto-falantes apresentavam estes programas. Mas, não foram só estes dois que se destacaram na locução dos programas, existiram outras pessoas como Gilberto Mota, João Gomes, Bento da Gama entre outros.

---

<sup>48</sup>Para fazermos esta análise do desenvolvimento da radiofonia em Campina Grande-PB, tomamos por referência o estudo realizado sobre a chegada do rádio em Campina Grande- PB ver: SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. (org.). **História da mídia regional: o rádio em Campina Grande/** Antonio Clarindo Barbosa de Souza, Flavianny Guimarães de Oliveira e Goretti Maria Sampaio de Freitas. - EDUFCEG/EDUEP; Campina Grande, 2006.

<sup>49</sup>FREITAS, Goretti Maria Sampaio de. - *A trajetória histórica da radiofonia campinense: do alto-falante ao FM.* In: SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. (org.). **História da mídia regional: o rádio em Campina Grande/** Antonio Clarindo Barbosa de Souza, Flavianny Guimarães de Oliveira e Goretti Maria Sampaio de Freitas. - EDUFCEG/EDUEP; Campina Grande, 2006.

Em Campina Grande, muitos talentos foram revelados durante a década de 1940 e meados da década de 1950 através dos programas culturais que aconteciam por meio dessas difusoras. A Praça da Bandeira era o ponto de encontro da juventude na época, dessa forma, os programas culturais atraíam muitas pessoas para assistirem as apresentações de nomes como Jackson do Pandeiro, Marinês e Genival Lacerda que iniciaram suas vidas artísticas através dos microfones das difusoras campinenses.

Os serviços de alto-falantes continuaram a existir em Campina Grande mesmo depois da chegada do rádio em 1949. Dessa forma, Pocinhos esteve de forma muito próxima destas experiências radiofônicas e assim em 1951, surge a “A Voz de Pocinhos”.

Entretanto, após estas informações introdutórias temos o desejo de apresentar e analisar alguns aspectos da cidade onde o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” foi implantado e como a população utilizava tal serviço de comunicação. Por sua vez, seremos movidos a partir das seguintes indagações e que certamente podem já estar surgindo no pensamento dos nossos leitores, como as seguintes: Que cidade é esta? Teria esta cidade condições de possuir um Serviço de alto-falantes no início da década de 1950 do século passado? Como era a economia, política e população desta cidade na época em que o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” começou a funcionar? Quais foram os elementos necessários para que a população pudesse utilizar este meio de comunicação local? De que modo este elemento cultural está atrelado à memória de seus ouvintes? Como esse Serviço alterou ou influenciou na mudança de costumes da cidade, ao longo destas seis décadas (1951-2013)? Para que estas perguntas consigam ser respondidas, precisamos voltar nosso olhar para os elementos que compõem e compõem a cidade de Pocinhos, para no próximo capítulo conhecermos mais sobre este Serviço de alto-falantes.

Portanto, com este desejo e conforme aponta Barros (2012) a cidade tem história, no entanto, para que isso seja identificado é preciso analisar o fenômeno urbano em uma totalidade de aspectos que vão além da dimensão organizativa ou institucional. A cidade oferece outras dimensões que devem ser compreendidas como: o fator populacional, econômico, morfológico, político, cultural e imaginário, munidos destas concepções vamos adentrar os territórios da cidade de Pocinhos e conhecer os elementos que compõem este espaço urbano.

## 1.2-De “Olho d’Água do Bravo” a “Pocinhos”: Aspectos geográficos e fundação da cidade de Pocinhos

O município de Pocinhos está localizado no Planalto da Borborema, na mesorregião do Curimataú Ocidental do estado da Paraíba distante cerca de 170 km da capital do estado João Pessoa e a 32 km da cidade de Campina Grande, com quem mantém uma intensa atividade econômico-social. Tem como limites territoriais ao norte o município de Barra de Santa Rosa e Algodão de Jandaíra; ao sul com Boa Vista e Campina Grande; ao leste com Esperança, Areial, Montadas e Puxinanã e ao oeste com Soledade e Olivedos. Possui uma área de 628.084 de Km<sup>2</sup> o que corresponde a cerca de 1,12% do território do Estado. Em 2010, a população da cidade era de 17.032 habitantes, entretanto, conforme estimativas do IBGE, a população residente do município em 2014 seria de 18.087 habitantes.<sup>50</sup>

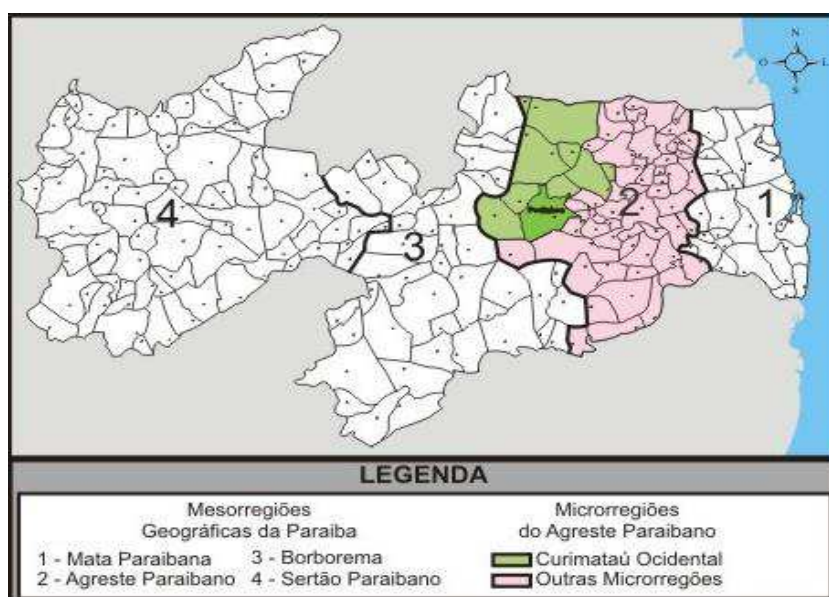


Imagem 1- Mapa geofísico da localização do município de Pocinhos. Fonte: Blog Retalhos Históricos de Pocinhos. Acesso em: 27/04/2015.

A cidade de Pocinhos, assim como geralmente aconteceu na formação de outros agrupamentos humanos, formou-se em torno de uma fonte fluvial ou de um rio. Sob este fator deu-se início o povoamento do vilarejo que daria origem à cidade de

<sup>50</sup>As informações aqui expressas foram feitas com base nos dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br> – Acesso em: 27/04/2015.

Pocinhos, o Olho d' Água do Bravo, por ter uma localização estratégica e por possuir algumas fontes, era utilizado como rota pelos viajantes que vinham do Sertão em direção à sede da Vila Nova da Rainha<sup>51</sup>, com o êxito de tais percursos e com o crescimento da população, surgiu à necessidade do povoado ser reconhecido oficialmente. O primeiro passo que deveria ser dado seria conseguir uma autorização para a construção de uma capela. Isto se justificava porque quando um proprietário da terra edificava uma capela, não só doava o prédio, mas também cedia uma certa área em torno dela, em geral uma légua quadrada, que deixava de ser particular e passava a ser de domínio comum e onde se poderia abrir ruas, distribuir lotes urbanos e erguer prédios públicos, sem isto, o povoado ficaria a pertencer a um só dono.

Dessa forma, o então proprietário das terras o senhor José Ayres Pereira permitiu que o pároco de Campina Grande, Leonardo José Ribeiro, solicitasse a autorização à diocese de Olinda-PE para construir a capela na localidade do Olho d'Água do Bravo. É interessante apontar que este é o primeiro documento oficial, datado de 1815, onde aparece a denominação “Pocinhos”. Assim, não se sabe o motivo da troca do nome da localidade, acredita-se que esta seria a forma popular pelo qual era conhecido o local, conforme aponta Ribeiro (2013)<sup>52</sup>:

Esta autorização datada de 1815, aliás, é o primeiro documento a exibir a denominação “Pocinhos” e não Olho d' água do Bravo ou Olho d' Água de Bárbara Maria, como em escrituras anteriores. (...) o motivo da troca do nome da localidade para Pocinhos não é claro. Não há diferença semântica entre eles. Mas, pode ser que “Pocinhos” e não “Olho d' Água do Bravo” fosse o nome popular da localidade e o padre Leonardo estivesse apenas dando curso à *vox populi*. (RIBEIRO, 2013, p. 36-37)

Até a fundação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” em 1951, a localidade ainda sofreu outra mudança no seu nome, passando a ser chamada de Joffily. Dessa maneira, como forma de nos aproximarmos do ano da fundação do nosso objeto de estudo e também para compreendermos as alterações que o nome da localidade sofreu antes de se tornar “Pocinhos” oficialmente em 1953, quando ocorreu sua emancipação política, consideramos pertinente analisarmos a participação política da família Joffily, que eram os maiores proprietários de terras no distrito e com melhor situação econômica da localidade nos anos que antecederam o início da década de 1950.

<sup>51</sup>Neste caso, hoje a cidade de Campina Grande-PB

<sup>52</sup>RIBEIRO, Roberto da Silva. **Pocinhos: o local e o geral**/ Roberto da Silva Ribeiro. – 2. Ed.- Campina Grande: RG Editora, 2013.

Após a chegada do Padre José Augusto da Silva Galvão<sup>53</sup> em 1938, ao distrito, o local ganhou, de certo modo, um líder que passou a lutar e se importar com as questões locais, fato que contribuiu para que, com pouco tempo, este conseguisse conquistar a simpatia da população do distrito. Entretanto, para alguns membros da família Joffily a aproximação com o vigário representava um fator positivo para os projetos políticos que logo se seguiram tanto para a família como para o pároco.

A economia do distrito de Pocinhos, nessa época dependente do algodão, sofria com os reflexos da crise gerada pela concorrência das colônias inglesas e que foi agravada pela crise internacional de 1929. Com isto, o distrito precisava encontrar alguma forma de movimentar a sua economia, a saída encontrada foi o cultivo de um novo produto: o agave.

O então vigário da paróquia Padre Galvão, ao tomar conhecimento da cultura do sisal<sup>54</sup>, que estava sendo implantada no Estado, foi até o município de Areia conhecer a companhia do empresário Otoni Barreto Serrão, onde já havia plantações do sisal, para tomar conhecimento sobre a planta para introduzi-la no distrito. Assim sendo, uma planta que se adaptava às condições climáticas do local, logo encontrou nestas terras as condições necessárias para seu desenvolvimento.<sup>55</sup> Segundo Ribeiro (2013), a amizade entre o vigário e a família Joffily foi bastante proveitosa para a implantação desta cultura no local. Porque enquanto a família Joffily fornecia o apoio financeiro, oferecendo os caminhões para o transporte das mudas da planta, técnicos e recursos, por outro lado o Padre Galvão, usando o altar, estimulava o cultivo e tratava de divulgar a notícia pela paróquia.

Contudo, com esta aliança, ambos saíam ganhado, os Joffily que aumentavam o seu poder econômico e prestígio e o padre que ganhava a admiração e o respeito da população, o que alguns anos mais a frente, conseguira transformar em votos nas eleições municipais. Todavia, não podemos esquecer que o mérito, para que a cultura desse certo no distrito é para aqueles, que dedicaram horas e horas de trabalho árduo nas

---

<sup>53</sup>O padre chegou ao distrito com 28 anos de idade e era natural de Ipubi-PE, para mais informações sobre a sua atuação política e social na cidade ver: ARAÚJO, Priscila de Lucena. *Ó Meu colégio és ninho sagrado: Um estudo sobre a implantação do Ginásio Municipal Padre Galvão na cidade de Pocinhos-PB*. 2014. 64p. Monografia. (Unidade Acadêmica de História) Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, Paraíba, Brasil

<sup>54</sup>O agave também é conhecido por sisal.

<sup>55</sup>Informações baseadas no site oficial da Prefeitura Municipal de Pocinhos: [www.pocinhos.pb.gov.br/prefeitura.php](http://www.pocinhos.pb.gov.br/prefeitura.php), acesso em 18/05/2015.

plantações: os agricultores. Sem eles a cultura do sisal não teria prosperado e fornecido subsídios econômicos para que, anos mais tarde, o distrito alcançasse a sua emancipação.

Com a cultura do sisal, as plantações que outrora, eram cobertas pelo branco do algodão pronto para a colheita, vestiram-se com uma nova roupagem: o verde. Neste período, não existiam motores de agave, a folha da planta era contada *in natura* e enviada para as usinas localizadas em outras localidades onde era desfibrada. Dessa maneira, a influência dos Joffily cada dia aumentava, não só em Pocinhos, mas em outros municípios também. Com isto em dezembro de 1943, durante os festejos do centenário de nascimento de Irineu Joffily<sup>56</sup>, que foi um dos filhos mais ilustres desta família, para celebrar a data, foram organizados festejos com pompa, não só no distrito de Pocinhos, onde foi criada a Filarmônica São José, especialmente para esta comemoração, como também em Esperança e Campina Grande.

Para a ocasião, foram organizadas comemorações que duraram uma semana com distribuição de panfletos sobre a vida e a obra do ilustre pocinhense.<sup>57</sup> O entusiasmo foi tanto, que por ocasião das comemorações, o distrito de Pocinhos passou a se chamar Joffily, conforme decreto-lei estadual nº 520 de 31/12/1943.<sup>58</sup> Permanecendo assim até a emancipação da cidade em 1953. Nome este que, na verdade, nunca foi muito utilizado pelos moradores que continuaram a chamar “Pocinhos”, já que assim era conhecido este distrito desde o início de seu povoamento, ainda no século XIX.

Os tropeiros que pelo local passavam, vindos do sertão, paravam para dar água aos animais de cargas, por existirem pequenas cacimbas, às quais chamavam “pocinhos”, assim nos explica a senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha, ao ser perguntada pela mudança do nome do distrito na época destes festejos:

(...) durou pouco, tiraram o nome de Pocinhos, o nome de Pocinhos veio daqueles poços. (...), pois ai esse Pocinhos naquele tempo não tinha transporte, era os tropeiros, era com burro que carregava as mercadorias para

---

<sup>56</sup>Ele foi um jornalista, advogado, juiz de Direito, deputado provincial e deixou suas contribuições com estudos realizados nas áreas da Geografia, História e Etnografia, vindo a falecer em 1902.

<sup>57</sup>Os apontamentos aqui feitos foram realizados com base em: RIBEIRO, Roberto da Silva. **Pocinhos: o local e o geral**/ Roberto da Silva Ribeiro. 2ª Ed. - Campina Grande: Rg, 2013.

<sup>58</sup>Segundo fonte: IBGE em [www.ibge.gov.br/cidades](http://www.ibge.gov.br/cidades), acessado em 28/05/2015.

fazerem as feiras nesses distritos e então vinha os burros e vinha com sede, ai vamos pra os pocinhos, foi por isso que foi criado, depois quiseram colocar esse Joffily mas não pegou não, ai desmanchou depois.<sup>59</sup>

Segundo Ribeiro, “A denominação Joffily nunca “pegou” nem entre os membros desta família que continuavam datando de Pocinhos suas cartas, só para as repartições públicas a vila trocara de nome.” (RIBEIRO, 2013, p. 141). Podemos perceber aqui o que vai se caracterizar como sendo um embate simbólico entre o nome popular e o nome oficial. Cada nome apresentou em si um conjunto de valores distintos, mas que ao final acabou prevalecendo ao que correspondia à tradição popular.

Contudo, para os membros desta família era mais conveniente se “apresentarem” como sendo campinenses, dessa maneira seria mais fácil atrair para eles votos, sem a inconveniência de serem taxados de representantes de outro local, no caso do distrito. Nisto observamos o que a importância do lugar representava para aqueles, que para conseguirem alcançar seus objetivos econômicos e políticos, precisavam se denominar filhos de uma cidade, na qual não pertenciam, para deste modo obter prestígio e alcançarem um lugar de destaque.

Neste trecho de Ribeiro (2013), nos nossos comentários e através da fala da entrevistada, percebemos que devido a sua história popular, a população não se adaptou ao novo nome, até mesmo aqueles que poderiam se orgulhar de terem um distrito, no qual recebera o nome da família, pouco se importavam, procurando em vez disto, se alto- identificarem com sendo filhos de outro lugar. Mostra a pouca importância que foi dada, à nova denominação do distrito, que foi basicamente mudada no “calor do momento”. Prova disto é que tendo passado dez anos da mudança do nome, a entrevistada nos diz que “durou pouco”, mostrando com isso o pouco uso do nome pela população, sendo utilizado somente em documentos oficiais.

Por este fator, mesmo não sendo “Pocinhos” oficialmente, no início dos anos 1950, nós iremos fazer referência ao nome popular e não ao oficial no decorrer deste capítulo.

---

<sup>59</sup>Entrevista concedida à autora em 21/09/2011. A entrevistada é a senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha de 81 anos e foi esposa do fundador do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, tendo nascido e se casado na cidade pôde acompanhar alguns fatos relacionados à história da mesma.



### 1.3 - O Agave como o produto da “redenção”<sup>60</sup> da economia pocinhense

Com base no estudo realizado por Ribeiro (2013)<sup>61</sup>, Pocinhos como sendo distrito de Campina Grande tinha toda a sua economia voltada para a cidade - sede. Campina Grande, na década de 1950, estava experimentando os efeitos do seu desenvolvimento econômico, advindo do “ouro branco” (produção e exportação de algodão), que lhe rendeu o título de “Liverpool Brasileira”, devido tal progresso.<sup>62</sup>

Neste momento, o distrito de Pocinhos também acompanhava esse crescimento, observado em Campina Grande. Mas, de modo lento, buscando superar as crises em torno da produção de algodão, mesmo ainda, o produzindo em pequenas proporções, buscava encontrar subsídios para manter a sua economia. A base para isto se deu no cultivo do agave e na produção de carne, sendo que este último produto no início dos anos 1950 recebia grande destaque, não comparados aos moldes do agave e do algodão, mas que ajudava a manter a economia local.

O agave na década de 1950 era o principal produto da economia pocinhense, o que impulsionou o desenvolvimento da cidade, com o surgimento de pequenos armazéns, os moradores que possuíam algum poder aquisitivo devido o cultivo do sisal, começaram a possuir artigos considerados modernos como carros, aparelhos de rádio, de um modo geral não se via mais tanta miséria e pobreza, uma vez que as pessoas já não passavam mais fome, já que por causa da chegada do sisal, a população tinha uma fonte de renda. Sobre a implantação do agave e como era a situação econômica do distrito nos anos 1950, nos fala a senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha:

(...) depois Padre Galvão lutou pelo agave, foi quem trouxe o primeiro pé de agave aqui pra Pocinhos foi o sustento e a redenção de muitos pobres, em Pocinhos foi o agave e o algodão, (as pessoas) passavam fome, o sofrimento era muito grande. (...) <sup>63</sup>

---

<sup>60</sup>Termo utilizado pela senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha em entrevista concedida à autora em: 21/09/2011

<sup>61</sup>RIBEIRO, Roberto da Silva. **Pocinhos: o local e o geral** – 2ª Ed. Campina Grande: Rg, 2013.

<sup>62</sup>As informações a cerca do desenvolvimento econômico da cidade de Campina Grande, foram retiradas da obra de: CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada: Campina Grande em Imagens e História**. – Campina Grande, EDUFPG, 2009.

<sup>63</sup>Entrevista concedida à autora em 21/09/2011.

Nesta passagem da fala da senhora Maria das Neves, em que ela afirma que “(...) Padre Galvão lutou pelo agave, foi quem trouxe o primeiro pé de agave aqui para Pocinhos foi o sustento e a redenção de muitos pobres. (...)” Concordamos que ele realmente trouxe a cultura do sisal para Pocinhos, mas não podemos atribuir exclusivamente a ele, o fato da cultura ter dado certo e ter assim contribuído para a diminuição da miséria no distrito. Para que isto realmente acontecesse, a participação dos trabalhadores rurais foi primordial, não sendo em momento algum um trabalho fácil.

Em Ribeiro (2013) acompanhamos uma breve descrição de como eram as condições de trabalho, na década de 1950, quando já haviam sido instaladas as primeiras usinas de beneficiamento no município, apontando como era a classificação do trabalho dentro da usina, tudo isto associado às más condições de trabalho que acarretavam problemas de saúde, a estes trabalhadores:

(...) existia sempre um pó pairando no ar, trabalhavam nelas<sup>64</sup> seis categorias de operários, as selecionadoras (mulheres e crianças) que classificavam a fibra de acordo com o comprimento; dois batedores, que realizavam o serviço de beneficiamento na máquina auxiliado por dois ajudantes que lhe entregava a fibra; as encaixadoras que arrumavam a fibra na caixa da prensa; os prensadores que comandavam a prensa, ou no caso das prensas manuais, que faziam a máquina se mover e, por fim, o tratador de bucha. (...) (RIBEIRO, 2013, p. 153)

Neste trecho, percebemos como era dividido o trabalho nestas usinas, e como existiam diferentes funções em que estavam envolvidos homens, mulheres e crianças de diferentes faixas etárias, chegando a corresponder a famílias inteiras. Cada função citada oferecia um risco diferente ao trabalhador, nos deteremos a explicar apenas duas delas: a dos batedores e dos tratadores (puxadores) de bucha. Contudo, sabemos também que o trabalho, das pessoas que plantavam as mudas do agave, em momento algum pode ser desconsiderado, porque se não houvesse esta primeira fase, a do plantio<sup>65</sup>, o agave não poderia chegar até as usinas de beneficiamento, tendo estes senão uma jornada maior, ou até mesmo semelhante a dos trabalhadores das usinas de beneficiamento.

---

<sup>64</sup>Aqui o autor faz referência às usinas de beneficiamento da folha do sisal.

<sup>65</sup>Sobre o procedimento do plantio do sisal ver: RIBEIRO, Hugo Marconi. **Candangos de motor de agave: Memórias de Pocinhos no apogeu do Ciclo do Sisal – 1958 a 1968/** Hugo Marconi Ribeiro. João Pessoa: Ideia, 2010.

Nesta tarefa, que era designada para os batedores, além de terem que ter um esforço físico para poder puxar as fibras, quando estas passavam pela máquina de beneficiamento, precisavam ter muita atenção para que as mãos não fossem “engolidas” pelos moedores, algo que acontecia tão rápido que poderia destruir as mãos dos trabalhadores, em questão de segundos, quando não destruía a mão por completo, acabava por mutilar algum dedo da mão do trabalhador, deixando-o inutilizado para o trabalho, sendo bastante comum nos dias atuais, ex-trabalhadores que moram na cidade serem encontrados com algum membro amputado, devido ao trabalho que era realizado no motor<sup>66</sup>. Sobre o trabalho realizado pelos tratadores de bucha e como se protegiam dos acidentes acompanhemos este relato:

(...) Essa operação era muito perigosa, pois exigia dos puxadores experiência, vigor e habilidades necessárias. Não era qualquer trabalhador que podia realizar aquela tarefa, devido o risco de a mão ser puxada junto com a folha até as lâminas do cilindro em rotação, por isso era difícil achar alguém para aquela função e, como consequência disso, quando faltava um dos puxadores, não havia produção e o motor ficava parado. (...) a única proteção que eles usavam eram as luvas improvisadas de borrachas de câmara de ar com uma única face, amarradas na mão com tiras de borracha, que serviam para proteger a região ventral da mão do contato com o suco verde e irritante proveniente das folhas desfibradas. (RIBEIRO, 2010, p. 34-35)

Para os tratadores de bucha, o trabalho consistia em manusear as buchas que eram produzidas do sisal, no entanto este trabalhador além de enfrentar os perigos que as máquinas ofereciam, o local de trabalho estava sempre coberto por uma nuvem de pó, o que lhe acarretava problemas respiratórios. Na realidade por toda a usina se espalhava esta nuvem de pó, o que por sua vez, fazia com que os demais trabalhadores também desenvolvessem problemas de saúde ligados ao sistema respiratório. Mas, para o tratador de bucha, a situação era mais crítica, por estar diretamente em contato nesta poeira, a pessoa que era designada para esta função era constantemente substituída, pois mesmo que desejasse ficar no posto, os problemas de saúde não a permitiam.

Além disto, o regime de trabalho era muito intenso dentro das usinas. Iniciava-se o trabalho às 03:00 ou 04:00 horas da manhã, com um intervalo para o almoço às 11 horas, depois retomava-se o trabalho às 12:00, indo até às 17 ou 18 horas, sendo que na sexta o trabalho prolongava-se até às 23:00 horas. O salário era baixo e os batedores

---

<sup>66</sup>“motor” é o termo utilizado por estes ex-trabalhadores se referem às usinas de beneficiamento.

recebiam um valor variável segundo a produção, mas ainda sendo um valor bem abaixo da jornada de trabalho realizada.<sup>67</sup> Todavia, estes trabalhadores ainda sofriam com os apelidos que a eles eram atribuídos, como por exemplo, “candangos de motor”.

Podemos perceber que as condições de trabalho vivenciadas por estes trabalhadores das usinas de beneficiamentos do sisal, não eram muito favoráveis, o perigo era constante e os problemas de saúde eram muito comuns. A vida destes trabalhadores do sisal na cidade de Pocinhos aproximava-se muito do que era vivido pelos trabalhadores das usinas de beneficiamento do algodão, quanto às condições de trabalho, na cidade de Campina Grande. Em Cabral Filho (2009) podemos acompanhar como era a vida desses trabalhadores nas usinas de beneficiamento de algodão, onde funcionavam as máquinas denominadas “*bezouro e piolho*”<sup>68</sup> que eram utilizadas para retirar o caroço do algodão. Vejamos:

O *bezouro* é uma máquina aperfeiçoadíssima que retira do caroço até não mais poder a última fibra, mas fazendo um escarcéu tão danado e deitando pelo mundo uma nuvem de poeira tão espessa e incomodativa, que não há quem possa suportar. Todos os empregados no penoso serviço dessas máquinas progressivas, porém mortíferas, são geralmente atacados do mal de consumpção [sic]. É raro o trabalhador de *bezouros*, que não termine tuberculoso. (...) Os habitantes das ruas 13 de maio, Tiradentes, Irineu Joffily, Sólon de Lucena e Otacílio de Albuquerque, vivem atacados de uma gripe permanente, a tossir de rebentar, com o algodão desfeito em pó a se infiltrar por toda a parte, danificando ainda móveis e utensílios das residências. (...) <sup>69</sup> (CABRAL FILHO, 2009, p.110)

Como nas usinas de beneficiamento do sisal, as usinas de beneficiamento de algodão também não ofereciam boas condições de trabalho, como um ambiente limpo e arejado em ambos os trechos tanto em Ribeiro (2013) como em Cabral Filho (2009) aparentemente parece que estamos falando do mesmo local de trabalho devido às semelhanças nas descrições que no lugar pairava “uma nuvem de poeira” que acarretava nos trabalhadores problemas respiratórios graves que na maioria das vezes impossibilitava o retorno do trabalhador ao seu ofício. Contudo, os problemas de saúde,

<sup>67</sup>Informações fornecidas pela senhora Maria Jacinto Frutuoso, 78 anos, que trabalhou nas usinas de beneficiamento nas décadas de 1950/1960.

<sup>68</sup>Nomes dados devido o barulho que as máquinas faziam, quando estavam em funcionamento.

<sup>69</sup>Este trecho faz parte de uma reportagem veiculada no Jornal Voz da Borborema, em 06 de outubro de 1937, e é analisado pelo autor Severino Cabral Filho em sua obra. Mais informações ler: CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada: Campina Grande em imagens e História**/ Severino Cabral Filho. – Campina Grande, UFCG, 2009.

para o caso de Campina Grande, não se limitavam somente aos limites das usinas afetando somente os trabalhadores, mas também aos moradores que residiam próximos a estas usinas.

Neste momento, concordamos com Cabral Filho (2009)<sup>70</sup>, que, assim como em Campina Grande, o processo de desenvolvimento econômico foi composto por alegrias e sofrimentos. De alegrias, para aqueles que usufruíam dos benefícios que a modernidade financiada à custa de muito trabalho trouxera, e de sofrimentos para aqueles que vivenciaram os efeitos negativos do trabalho, como os acidentes e a má remuneração. Em Pocinhos, só mudamos de contexto, mas podemos perceber que os efeitos do desenvolvimento econômico, que o distrito sentiu a partir da década de 1950 foram semelhantes. Podemos afirmar que foi tecido pelas mesmas tramas, onde aqueles que estavam à frente do processo de cultivo e beneficiamento recebiam os lucros e o reconhecimento por terem implantado a cultura no local, e na outra margem estavam os que trabalhavam dia-a-dia sofrendo com os acidentes de trabalho e sendo praticamente escravizados, financiavam tal progresso, como nos disse a senhora Valdeci Jacinto Oliveira:

O dono do motor era aquele que lucrava à custa dos pobres, que era os escravos, era eles que saía bem... Quem não trabalhasse no motor morria de fome, era o serviço mais triste que existia! Eu me lembro. (...) <sup>71</sup>

Por este breve relato, percebemos que a vida dos trabalhadores não era muito fácil, sendo tudo muito precário. Após a chegada do agave a situação aparenta ter melhorado, tendo que recorrer aos “motores” para conseguir sobreviver e assim, poder conseguir os mantimentos necessários para o consumo diário. Como podemos acompanhar muitos desses trabalhadores dedicavam-se ao trabalho durante toda a semana, com longas jornadas de trabalho, com poucas paradas para o descanso.

---

<sup>70</sup>Neste trabalho o autor apresenta um capítulo em que discute a modernidade e o trabalho: as dores do progresso, fazendo uma análise do progresso que a exportação do algodão trouxe para Campina Grande, este progresso que trouxe à tona um jogo de interesses, colocando de lados opostos, aqueles que usufruíam da riqueza proporcionada pelo algodão e os trabalhadores que a tal processo foram submetidos. Por este motivo, o autor afirma que a modernidade em Campina Grande teve um caráter ambíguo, revestido de bênçãos e flagelos.

<sup>71</sup>Entrevista concedida à autora em 30/10/2011, a entrevistada tem 44 anos e trabalhou nas usinas de beneficiamento quando tinha entre 12 e 13 anos de idade.

Dessa forma, essas jornadas de trabalho eram tecidas por um ritmo repetido e frenético e produzia um som característico das máquinas em atividade durante todo o dia e que podia ser ouvido à distância. Mesmo em meio às dificuldades que o trabalho acarretava, este som era uma benção para todos, pois significava produção e dinheiro. Este som produzido pelas usinas de beneficiamento por vezes, poderiam se misturar aos sons dos alto-falantes, quando a difusora era colocada no ar e eram tocadas as músicas de alguns cantores. Ao ouvir as músicas que eram tocadas, não significa que o trabalho tornava-se mais simples ou fácil, mas que naquele instante podia tornar-se mais expresso por estar sendo embalado pela “Voz de Pocinhos”, quebrando a rotina do dia-a-dia. Assim, “A Voz de Pocinhos” pôde entrar na vida destes trabalhadores e de tantos outros ouvintes que desempenhavam as mais diferentes tarefas, que mesmo envolvidos na rotina do seu trabalho ou atividades diárias, podiam acompanhar o que era transmitido pela difusora, fossem músicas ou informações.

A primeira colheita do sisal em Pocinhos aconteceu em 1949<sup>72</sup>, com o quilo do agave custando Cr\$ 3,50 (três cruzeiros e cinquenta centavos), começava assim o ciclo do sisal que ofereceu por mais de trinta anos o desenvolvimento econômico da cidade e conduziu Pocinhos a 18ª posição de arrecadação de renda em todo o Estado, o que contribuiu para a consolidação econômica do então distrito e possibilitou a emancipação política alguns anos a frente.

Desse modo, a economia da cidade na década de 1950 foi impulsionada pelo desenvolvimento da cultura do agave e por este motivo, o local começava a receber mais pessoas que aos poucos começavam a transformar o pacato distrito, que iniciava essa década com dois acontecimentos: Em 1951, a fundação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” e a emancipação política em 1953.

Com base nos apontamentos realizados por Ribeiro (2013), após a sua emancipação política em 1953, Pocinhos e Puxinanã se desmembraram de Campina Grande, sendo Pocinhos a cidade-sede e Puxinanã o distrito. Depois deste fato, um dos primeiros serviços que foi implantado na cidade foi um posto do IBGE, que naquela época expedia os documentos dos moradores e produzia relatórios estatísticos. Neste

---

<sup>72</sup>Estas informações sobre a produção do agave foram encontradas no estudo de: RIBEIRO, Roberto da Silva. **Pocinhos: o local e o geral** – 2ª Ed. Campina Grande: Rg, 2013.

estudo, a população na época era de 22.944 habitantes em Pocinhos e no distrito de Puxinanã.

Portanto, neste “censo” aparece o número de 70 motores de agave, três usinas de beneficiamento do agave, havia também na sede 45 pequenos estabelecimentos comerciais. Quanto ao número de veículos, existiam 34, sendo 19 caminhões, 12 caminhonetes, 2 jipes e 1 ônibus, nesta contagem não aparecem o número de bicicletas. Quanto às residências, é apontado o número de 600, sendo que só metade destas recebia energia elétrica.<sup>73</sup> A cidade sede nesta época possuía 25 ruas, 21 iluminadas, apenas três pavimentadas.

A feira semanal era realizada às quartas feiras, em frente à Igreja matriz, dia em que a cidade recebia mais pessoas que aqui vinham comprar ou comercializar produtos como cereais, estivas, frutos, verduras e animais, sendo esta a forma de se obter tais produtos. A foto abaixo mostra como era organizada a feira livre:



Imagem 2- Esta fotografia nos mostra a forma como eram comercializados os produtos no dia da feira em Pocinhos na década de 1950. Fonte: Acervo da senhora Adriana Souto da Silva.

---

<sup>73</sup>Estes números correspondem também às residências que havia no distrito de Puxinanã.

Esta fotografia é de autoria desconhecida. Não conseguimos identificar qual precisamente foi ano que a mesma foi feita. Ao mostrarmos esta fotografia a algumas pessoas que vivenciaram esta época, em que a feira era realizada onde hoje atualmente é localizada a praça central, dizem ser esta foto referente à década de 1950, já que na década seguinte a feira foi transferida deste lugar, para um mercado público afastado do centro da cidade.

Possivelmente pela direção que esta foto foi produzida, ela foi feita da torre da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, acreditamos que o fotógrafo queria retratar aquele dia de feira e como se davam estas trocas comerciais, na recém-cidade de Pocinhos. Era o dia que a cidade se movimentava, e recebia pessoas de diferentes localidades que vinham comprar os produtos necessários para o consumo diário.

Contudo, neste dia, em que a figura do fotógrafo surge na torre da Igreja, faz com que aquilo mude o cenário da feira, talvez algumas pessoas nem o tenham visto ali, mas dois homens que estão bem ao lado esquerdo parecem notar a figura de tal pessoa e param a conversa, para contemplar o momento, já que a figura no fotógrafo não era algo tão comum de se ver toda semana naquele lugar.

Aparentemente, não existia uma organização certa, para o ambiente da feira, entretanto, existem pequenas barracas que eram armadas no lugar, que o comerciante achasse conveniente para que as pessoas pudessem escolher e comprar os produtos que precisavam. Este era o dia da semana, que estes produtos poderiam ser encontrados, por não existir na época, nenhum outro local em que pudessem ser encontrados estes produtos durante a semana, como nos disse a senhora Maria das Neves: “(...) ai tinha um banco assim na feira vendia café, açúcar essas coisas, não tinha supermercado nem nada. (...)”<sup>74</sup>. Estas barracas estavam colocadas no centro e no lado direito da rua, já que por esta fotografia, percebemos que o lado esquerdo da rua era ocupado por caminhonetes, que possivelmente eram usadas para realizar o transporte das pessoas que vinham à feira para comprar ou comercializar mercadorias.

Neste ambiente, observamos a presença de pessoas de diferentes faixas etárias homens, mulheres e crianças, que faziam deste dia, um dia diferente dos que eram vivenciados no restante da semana. E neste contexto, o Serviço de alto-falantes se fez

---

<sup>74</sup>Informações concedidas à autora no dia 21/09/2011.



presente, trazendo alegria e animação para o local, transformando hábitos rotineiros, como ir à feira, se tornasse algo diferente. Antes, o que só se ouvia era a voz dos clientes ou dos vendedores, que gritando tentavam vender suas mercadorias; a partir de 1951 pôde-se ouvir outra voz que agora ecoava nos quatro cantos da cidade: “A Voz de Pocinhos”.

Veamos como nos diz o senhor Antônio Fernandes Andrade, como era o dia da quarta, quando era realizada a feira semanal:

É tocava as músicas e a feira era na quarta aqui né, ai dava muita gente (sic), (...) era ligado dia da feira, ficava avisando, avisando ai as notícias, os anúncios, as músicas, o programa de oferta musical sempre na quarta-feira fazia. Era na quarta no dia da feira, eu trabalhava ficava lá o dia todinho com eles<sup>75</sup>, enquanto tivesse gente na rua a gente tava com a difusora ligada.<sup>76</sup>

Essa quarta-feira, dia em que a feira era realizada e a foto foi produzida, possivelmente era um dia de sol, e pelo horário em que a foto foi feita, o sol já estava bastante quente, pelo que vemos, há pessoas que procuravam a sombra das pequenas árvores para se abrigar, enquanto há outras que não se importam com o sol e continuam as suas conversas sem nenhuma proteção. Sabemos que a feira era um momento de encontro para as pessoas que não se viam durante a semana e que neste dia encontravam um momento para conversarem e se distrair. Como também para fazer outros afazeres, uma vez vindo à cidade na quarta-feira para fazer as compras da semana, os moradores da zona rural aproveitavam esse dia para realizarem atividades simples, como por exemplo, cortar o cabelo das crianças, para não terem a necessidade de voltarem em outro dia da semana. Assim relembra Ribeiro (2010):

Uma vez por mês, nosso pai nos levava, eu e meu irmão, à feira de Pocinhos, que acontecia nas quartas-feiras, para cortar o cabelo. Era uma viagem de duas léguas (doze quilômetros), feita a cavalo. Chegando a Pocinhos, íamos direto à barbearia de seu Nezinho, que ficava próxima ao Beco da Facada. Meu pai amarrava o cavalo e, em seguida, entrávamos e ficávamos esperando nossa vez. Após o corte do meu cabelo e do meu irmão, meu pai saía para comprar os mantimentos na feira, conversava com outros agricultores e produtos rurais, ia até os armazéns de compra de sisal verificar a cotação de

<sup>75</sup>Aqui o entrevistado se refere ao senhor Hermes e a senhora Maria das Neves.

<sup>76</sup>Entrevista realizada no dia 26/08/2011. O entrevistado é um senhor de 65 anos, morador da cidade e colaborador do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”.

preços e, finalmente, no início da tarde, retornávamos ao sítio Bravo. (RIBEIRO, 2010, p.16-17)

A feira consistia em um espaço em que as pessoas podiam encontrar-se para colocar “os assuntos em dia”, realizar as atividades semanais de compra e venda de produtos e para aqueles como Ribeiro (2010) que vinham uma vez ao mês à cidade, este dia, era um dia de festa e assim como afirmou o senhor Antônio Fernandes Andrade “era o dia que dava muita gente” e por este motivo era preciso que a difusora estivesse ligada informando e animando a população.

Pocinhos, no início dos anos de 1950 contava com um gerador de energia a diesel, que desde 1926 iluminava o local por algumas horas durante as noites, mas com mais de 20 anos de uso o velho motor, que não se sabe se era novo quando foi instalado no distrito de Pocinhos, já não suportava a carga de trabalho, e o serviço de energia elétrica que já não era de qualidade, torna-se cada vez mais ineficiente. O Abastecimento de água era feito por meio de uma caixa d’ água, e também era bastante precário.

Também havia um sanatório denominado São José, que teria sido construído para ser um hospital e maternidade, mas por falta de recursos foi vendido o prédio para o Instituto de Aposentadoria e Pensão do Estado (IPASE) para que no local fosse aberto o Sanatório São José, destinado ao tratamento de doenças do aparelho respiratório, mais especificamente da tuberculose, já que o clima do local era propício ao tratamento da doença.

Possuía também uma filarmônica São José e um pequeno cinema chamado Cine São José que procurava animar a vida no povoado. Durante esta mesma década, após a emancipação política de Pocinhos, no ano de 1954 ocorreu à inauguração do prédio da prefeitura e uma reforma na fachada da Igreja Matriz. Em 1957, o Cine passa por uma reforma, se transformado em um “cinema de verdade”, oferecendo um espaço maior para aqueles que desejavam assistir algum filme; para evitar questões políticas, o prédio foi doado à paróquia, e o cinema entregue aos cuidados do senhor Hermes de Oliveira Rocha proprietário da “Voz de Pocinhos”.

A cidade que por ora se descortina diante dos nossos olhos através desse breve cenário, nos oferece uma visão do espaço no qual o Serviço de alto-falantes “A Voz de

Pocinhos” foi pensada, fundada e desenvolveu-se ao longo dos seus 63 anos de existência. Mas não percamos mais tempo, Seu Hermes acaba de ligar a difusora e D. Neves anuncia que “A Voz de Pocinhos” está no ar, abram as janelas e escutem a história que os alto-falantes irão nos revelar...

## CAPÍTULO II

### O SERVIÇO DE ALTO-FALANTES “A VOZ DE POCINHOS”

Ôh Antonico  
Vou lhe pedir um favor  
Que só depende da sua boa vontade  
É necessário uma viração pro Nestor  
Que está vivendo em grande dificuldade  
Ele está mesmo dançando na corda bamba  
Ele é aquele que na escola de samba  
Toca cuíca, toca surdo e tamborim  
Faça por ele como se fosse por mim

Até muamba já fizeram pro rapaz  
Porque no samba ninguém faz o que ele faz  
Mas hei de vê-lo bem feliz, se Deus quiser  
E agradeço pelo que você fizer

Antonico (1950)- Alcides Gerárdi<sup>77</sup>

---

<sup>77</sup> Este era um dos sucessos que tocava na “A Voz de Pocinhos”.

## 2.1- A cidade que é tomada pelos sons: A implantação da “Voz de Pocinhos”

Sons que chegam, animam, perturbam, agitam e transformam o cotidiano do então distrito de Pocinhos no início da década de 1950. Sons mecânicos, que atingem os lugares mais distantes, que chamam atenção, para a notícia ou para a canção que toca. Estes certamente foram alguns dos sentimentos despertados nos moradores de Pocinhos quando o então distrito de Campina Grande ganhou o Serviço de alto-falantes<sup>78</sup>. A chegada deste Serviço de comunicação trouxe para a população a sensação de ver os espaços que outrora só possuíam os ruídos naturais provocados pelos humanos (como os ruídos gerados por conversas, festas, discussões ou ao manusear máquinas), por animais e por fenômenos da natureza, serem compartilhados e modificados pelos sons que eram difundidos pelos alto-falantes. Os sons transformam ambientes e podem determinar ações e estratégias de convívio, os efeitos provocados pelos sons por meio desse sistema de comunicação, contribuíram para que Pocinhos pudesse, a partir de 1951 estar sintonizada com os *hits* e notícias que eram sucesso e circulavam naquele momento em outros centros urbanos, a exemplo de Campina Grande.

Na Paraíba, como em outros estados brasileiros, o rádio nos anos 1950, configurou-se como o meio de comunicação e diversão das camadas populares, bem como das elites, que o utilizavam de diversas formas. Em Campina Grande<sup>79</sup> nesta década não existia só uma, mas duas rádios que informavam e divertiam a cidade.

Antes que estas rádios se instalassem na cidade em 1949, Campina Grande já experimentava os primeiros passos na radiodifusão, através do sistema de alto-falantes instalados a partir de 1936, por um senhor que atendia pelo apelido de “Gaúcho”, dando início aos serviços de comunicação na cidade. Portanto, com a chegada das rádios, o

---

<sup>78</sup>O alto-falante é um tipo de transmissão local de curto alcance. O sistema é geralmente usado em praças, mercados, paróquias, locais comunitários, onde haja fluxo de pessoas. Os alto-falantes podem ser fixos e móveis, sendo assim, constitui um meio de comunicação de fácil manejo para pessoas não especializadas. Os alto-falantes, não precisam de receptores, pois só ampliam os sons o que difere da radiofusão que precisa dos mesmos para que a mensagem possa ser transmitida aos ouvintes. No caso da “Voz de Pocinhos” os alto-falantes ficam fixos em alguns postes e prédios da cidade.

<sup>79</sup>Para falarmos da experiência do Rádio em Campina Grande, recorreremos aos apontamentos feitos por: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. (org). **História da Mídia Regional: o rádio em Campina Grande**. EDUFCEG/EDUEP; Campina Grande, 2006.

ouvinte adotara outros hábitos, não precisando mais se deslocar das suas casas, para irem até as ruas, onde os serviços estavam instalados, para ouvir as músicas e notícias.

Com o rádio, o movimento agora era inverso, ao invés dos ouvintes irem em busca das notícias, e das músicas, eram estas informações que chegavam às residências pelos aparelhos de rádio. Levando dessa forma conforto e comodidade à população. Desse modo, pouco a pouco os serviços de alto-falantes não poderiam mais concorrer com a força das rádios.

Entretanto, em Pocinhos com a chegada de um serviço de alto-falantes, o cotidiano do distrito transformou-se, os moradores adotaram hábitos diferentes como passear na praça à noite, após a missa, algo aparentemente muito simples, mas que para a época, era tido como uma novidade que transformava as noites de sábado e domingo em momentos de lazer e divertimento para as pessoas, que outrora freqüentavam a missa e depois iam para suas casas.

Mas para, além disto, ele foi utilizado com um veículo de comunicação, presente em momentos importantes da cidade, como em inaugurações, nos desfiles cívicos, nas festas religiosas, nas campanhas sociais, nas disputas eleitorais. Podendo-se afirmar que muitas dessas notícias foram transmitidas por este Serviço após 1951. Entretanto, vale ressaltar, que estamos nos referindo a um serviço privado e desse modo o que era transmitido pelo Serviço de alto-falantes, certamente antes deveria passar pela “análise” do proprietário ou daqueles que tivessem uma ligação mais direta com “A Voz de Pocinhos”, como alguns políticos. Por isto não podemos afirmar que toda e qualquer informação poderia ou foi noticiada no Serviço e, se chegasse a ser transmitida, seguramente o locutor deveria suprimir alguns dados que por hora pudessem prejudicar a algum interessado.

Assim, com recursos próprios, o senhor Hermes de Oliveira Rocha adquiriu o equipamento necessário para colocar no ar o Serviço de alto-falantes. Por ser uma pessoa apaixonada por músicas e pelos artistas que na época faziam muito sucesso, como Luiz Gonzaga e Teixeira e ainda por incentivo e influência de um irmão dele que residia na cidade de Campina Grande, ao ver o sucesso dos serviços de alto-falantes e, conseqüentemente, das rádios campinenses, o motivou a colocar no ar “A Voz de Pocinhos” para animar e informar o distrito a partir de 10 de outubro de 1951.

Entretanto, não foi só este o único intuito do senhor Hermes em colocar o Serviço no ar. Ao ser o proprietário do Serviço, mesmo em dimensões pequenas como era o distrito na época, este logo ganhou destaque no local (mesmo já sendo bastante conhecido no distrito devido a sua profissão de alfaiate) “A Voz de Pocinhos” só reafirmava a sua posição de destaque e que mais a frente seria um fator positivo para que não só o senhor Hermes, como também a sua família pudessem conquistar alguns objetivos políticos.

Nós trabalhamos principalmente com as memórias daqueles que de alguma forma estiveram envolvidos com a atuação do Serviço de alto-falantes, e por meio delas, conseguimos encontrar uma possibilidade de trazer para o hoje, o registro da reação vivida de tais acontecimentos.

Segundo Meihy (2005):

Toda narrativa é sempre inevitavelmente construção, elaboração, seleção de fatos e impressões. Portanto, como discurso em eterna elaboração, a narrativa para a história oral é uma versão e não os fatos em si. Convém lembrar que, por mais parecidas que sejam as narrativas dos mesmos fatos, cada vez que são reditas carregam diferenças significativas. (MEIHY, 2005, p. 56)

Portanto, tomemos como referência, a implantação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, sob a forma, como foi narrada por duas pessoas distintas, o mesmo fato. Podemos concordar com Meihy (2005), que a forma como a narrativa é construída sobre um mesmo fato, obedece a diferenças, que muitas vezes são significantes, a partir do ponto de vista de quem as narra.

Vamos observar o que nos diz a senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha, esposa do fundador do Serviço de alto-falantes e do senhor Antônio Evangelista Guimarães, um ex- locutor do Serviço na década de 1980, sobre a história da fundação da “Voz de Pocinhos”:

Ai ele gostava muito de música de tudo no mundo, ai o irmão dele Antônio Oliveira que morava em Campina Grande (disse): “Porque você não...”<sup>80</sup> Campina Grande tinha a Voz de Campina, não existia rádio não, em Campina

---

<sup>80</sup>Neste momento, a entrevistada iria nos falar que o seu cunhado tentou fazer com que o seu marido colocasse um serviço de alto-falantes em Pocinhos. Mas, no meio do seu relato ela interrompe para falar que em Campina Grande, havia um Serviço de alto-falantes chamado A Voz de Campina, mais a frente ela retoma esta fala que foi interrompida, por este motivo usamos as reticências.

não... Era Gaúcho, que era lá de Zé Pinheiro e tinha isso aí...<sup>81</sup> Antônio Oliveira disse: “Oh Hermes por que tu não compra um serviço de alto-falante e põe lá em Pocinhos? Que é tão bom pra animar!” ai botou na cabeça dele mesmo, ai ele não tinha poder aquisitivo pra comprar essas coisas que era muito caro né, ai eu sei que ele comprou a prestação, me lembro até da casa que ele comprou lá em Campina numa loja que chamava LeC Melo, que vendia eletrônicos.(...)<sup>82</sup>

(...) Pelo que a gente sabe, a “Voz de Pocinhos” funcionava mais ou menos ali onde é a casa de Zé que tira xerox, aquilo era uma casa antiga e ele era alfaiate, então ele casou com Dona Neves, ele era alfaiate de nome!, Porque antigamente o povo andava muito... O homem sempre de terno aquilo né, e ele era aquela pessoa alfaiate e criou, acredito também doido por esse tipo, (de trabalho, de comunicação) também tocava na banda marcial, era músico, e sempre foi ligado a essa questão de comunicação e montou a “Voz de Pocinhos” a partir dali eu acho, acredito. Desde aquele tempo que ele já é, ele realmente era e foi o criador (da Voz de Pocinhos), e Dona Neves acompanhou, casaram-se, foi na época do casamento, eles jovens ainda. (...)<sup>83</sup>

A memória trabalha para exibir a verdade, nenhuma memória é individual, ela é resultado do meio coletivo da qual faz parte. Na construção destes dois relatos podemos verificar isto, quando para construírem suas falas, os depoentes evocam as memórias de outras pessoas para certificar, que aquilo que proferem é verídico. A senhora Maria das Neves, remete a um personagem e a sua fala para demonstrar de onde teria surgido o desejo de criar o Serviço em Pocinhos, apontando para tanto, outro contexto, que se aproximava, do que se queria para a cidade de Pocinhos. Já no relato do nosso segundo entrevistado, este fala da origem do Serviço, mas não tendo como ponto de partida as suas lembranças, mas “do que a gente sabe” envolvendo outras memórias para construir as suas.

Vejamos que o relato da nossa primeira entrevistada, não estabelece uma sincronia, algo bastante comum na história oral, já que o relato oral não consegue se estabelecer enquanto uma metodologia, que apresenta suas normas e limites. Porque se assim fizesse não seria uma memória e sim história. A depoente ao relatar suas vivências, as narra como forma de revelar aquilo que considera ser mais importante,

---

<sup>81</sup>A entrevistada neste momento aponta para os equipamentos do Serviço, mostrando que o senhor Gaúcho possuía um serviço assim, ao recordar o nome do mesmo.

<sup>82</sup>Entrevista concedida à autora no dia 21/09/2011. A entrevistada a senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha era esposa do dono do Serviço de alto-falantes, o senhor Hermes de Oliveira Rocha.

<sup>83</sup>Entrevista concedida à autora no dia 23/07/2011. O entrevistado tem 56 anos, e na década de 1980, participou do serviço sendo um locutor de um programa dominical.



para justificar a sua fala, fazendo para tanto uma seleção para o que é ou não permitido revelar no momento da entrevista. Então, dessa forma, ela por vezes, remeteu a fatos que segundo sua concepção, era importante demonstrar.

Ao falar do Serviço, ela inicia o seu relato lembrando-se do gosto que o seu marido tinha pela música, fala que seu cunhado incentivou o seu esposo a ter um serviço de alto-falantes. Contudo, ela poderia, se desejasse, ter finalizado neste momento, a sua fala. Mas, ao contrário ela abre um “parêntese” no seu relato e fala da experiência radiofônica em Campina Grande, e como esta influenciou na experiência do então distrito, a nosso ver, pelo sucesso que os serviços de alto-falantes obtiveram em Campina Grande e que as rádios deram continuidade, se estes não tivessem tido este “contato”, possivelmente, tanto o seu cunhado que incentivou a compra, como o seu esposo que comprou o equipamento, não teriam sentido a mesma, ou senão, a motivação de formar um Serviço de alto-falantes no distrito.

Entretanto, o que as pessoas nos falam são resíduos da ação e não a ação propriamente dita. Por isto, ao longo da sua fala, a entrevistada, tenta demonstrar aquilo que realmente foi bom, contudo ela não procura aprofundar os conflitos que possivelmente devem ter existido para que, o seu esposo comprasse o equipamento, como as questões de ordem financeira da família. Por exemplo, podemos perceber algo durante a sua fala, quando ela nos revela, que o equipamento foi comprado à “prestação”, mostrando que a família não possuía um poder aquisitivo tão grande e que os equipamentos não eram baratos.

Ao analisarmos o relato do nosso segundo entrevistado, observamos que sua narrativa ao ser construída, precisou remeter à memória coletiva, ao que diziam as pessoas sobre a instalação do Serviço e sobre a vida do senhor Hermes e família, para que assim, este pudesse fazer as suas afirmações. Na primeira fala, a senhora Maria das Neves fala do fator econômico, da influência do irmão do marido, para a compra do equipamento, e a paixão pela música. O segundo relato, o do senhor João Evangelista Guimarães, não só veio confirmar, complementando a fala da esposa do fundador, como trouxe informações adicionais que não foram ditas no primeiro relato, e que nos fornecem alguns indícios sobre a vida do senhor Hermes, como a profissão exercida por ele, a de alfaiate.

Desse modo, buscamos aqui relacionar de modo claro aquilo que Montenegro (1992) vai chamar de “memória múltipla”, da existência de várias memórias em torno de uma única história. Cada qual, conforme a proximidade com este objeto buscou revelar aquilo que era mais interessante a ser apontado. Contudo, sabemos que se fôssemos entrevistar uma terceira pessoa, esta por sua vez nos apontaria uma nova narrativa em torno deste mesmo objeto.

Conforme o nosso entrevistado afirmou anteriormente, antes de comprar os aparelhos necessários à implantação da “Voz de Pocinhos”, o senhor Hermes de Oliveira Rocha era alfaiate no distrito e era bastante conhecido pelo fato de ser o único no local a exercer esta profissão, ele era muito exigente no trabalho que realizava, costurava muito bem e nas horas livres também era integrante da Filarmônica São José, onde tocava trompa. Assim relembra a senhora Maria das Neves:

Hermes era muito conhecido ele era alfaiate, fazia ternos pra todo mundo, até pra mim ele costurou, um vestido com um casaquinho (risos). Ele era muito exigente, costurava muito bem era como a mãe. (...) <sup>84</sup>



**Imagem 3-** Nesta fotografia, mostra o casal bem jovem, trabalhando na confecção dos ternos, atividade que ele não abandonou depois que “A Voz de Pocinhos” entrou no ar<sup>85</sup>. Fonte: Acervo da senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha.

<sup>84</sup>Entrevista concedida à autora em 21/09/2011.

<sup>85</sup>A Senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha não se recorda qual teria sido o ano desta fotografia.

Esta fotografia, onde está presente o casal, aparenta ser do ateliê onde o senhor Hermes e a sua esposa Maria das Neves trabalhavam. Possivelmente esta fotografia deve ter sido encomendada, para se mostrar o ofício exercido, profissão de destaque, motivo de orgulho, para o mesmo. Segundo o senhor João Evangelista Guimarães “ele era alfaiate de nome!”, e com isto era bastante procurado para realizar o trabalho, sendo muito respeitado por isto. Trabalho este que deve ter ganhado mais notoriedade após a fundação da “Voz de Pocinhos.”

A chegada do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, como meio de comunicação para a localidade, mesmo sendo de propriedade privada, mostra que Pocinhos estava em sintonia com os meios de comunicações externos. Sobre a escolha do nome para o Serviço de alto-falantes, a senhora Maria das Neves nos disse como se deu a escolha do nome da difusora que, por meio de muitas opções, teriam feito a escolha por “A Voz de Pocinhos” vejamos: “(...) E haja a gente procurar um nome pra botar na difusora<sup>86</sup>. Eu sei que deram tantas sugestões, ai até que ficou “A Voz de Pocinhos”.<sup>87</sup>

A escolha possivelmente não foi aleatória, Pocinhos, nos anos 1950 estava em consonância com o que ocorria em outros locais que já viviam as suas primeiras experiências radiofônicas, como acontecia na cidade Campina Grande-PB. As relações entre Campina Grande e Pocinhos podem ser percebidas claramente através do nome que será dado pelo senhor Hermes de Oliveira Rocha ao Serviço, que fez uma alusão ao nome do serviço de alto-falantes A Voz de Campina Grande que foi implantada pelo senhor Hilton Mota em 1949, mas que pouco durou devido à chegada das rádios campinenses naquele mesmo ano<sup>88</sup>. Assim, também toda a programação que vai ser implantada na difusora terá como modelo as programações que eram realizadas pelas rádios da cidade vizinha.

Sobre isto remetemos aos apontamentos de Briggs (2004), ao afirmar que os meios de comunicação “podem competir entre si ou imitar um ao outro, bem como se

---

<sup>86</sup> O Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” também é conhecido na cidade como “difusora”.

<sup>87</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 21/09/2011. A entrevistada foi esposa do fundador do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, tem 85 anos e é aposentada.

<sup>88</sup>Para mais informações ver: SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. (org.). **História da mídia regional: o rádio em Campina Grande**/ Antonio Clarindo Barbosa de Souza, Flavianny Guimarães de Oliveira e Gorette Maria Sampaio de Freitas. - EDUFCEG/EDUEP; Campina Grande, 2006.

completar. As mudanças no sistema de mídia precisam ser também relacionadas a alterações no sistema de transporte, o movimento de mercadorias e pessoas.” (BRIGGS, 2004, p.33) A localidade, em 1951, demonstrava que estava passando por mudanças, a economia estava melhor, a circulação de pessoas era mais intensa, o distrito aos poucos se expandia e a implantação do Serviço de alto-falantes em Pocinhos, mostrava que os hábitos e costumes estavam em transformação e que a população estavam se adaptando às novidades que estavam surgindo, advindas das mudanças pelas quais passava o distrito.

Inicialmente, o Serviço surgiu com a finalidade de animar o cotidiano da cidade com músicas e informações de utilidade pública, como achados e perdidos, divulgação dos horários das missas, entre outros. Entretanto, para poder utilizar o Serviço era preciso pagar. Ao ser influenciado pelo irmão a comprar os equipamentos e a trazer um meio de comunicação que pudesse transformar o cotidiano do então distrito de Pocinhos, o senhor Hermes de Oliveira Rocha estabelece um meio de utilizar o novo equipamento em que pudesse ao mesmo tempo tocar as canções que tanto gostava e que agradava aqueles que as ouviam, bem como arrecadar algum dinheiro para que, assim, pudessem ser pagas as prestações dos equipamentos que acabara de adquirir, para poder oferecer um pedido musical ou um recadinho romântico deveria ser paga uma taxa.

Por sua vez, para aqueles que não faziam o pedido musical, talvez por não possuírem recursos financeiros, mesmo não fazendo a escolha da música que gostariam de ouvir, estes poderiam ouvir mesmo que não pagassem pela execução. Porque quando era colocado o disco na vitrola e o som ecoava pelos alto-falantes, ricos e pobres poderiam usufruir da mesma sintonia. A tais práticas, Certeau (2012) vai chamar de “práticas cotidianas”, como podemos acompanhar no trecho a seguir: “(...) As táticas de consumo, engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas.” (CERTEAU, 2012, p. 44) <sup>89</sup>

Como o distrito, no ano de 1951 não possuía energia elétrica, havia uma iluminação à noite fornecida por um motor a diesel, sendo este fornecimento iniciado

---

<sup>89</sup>CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**; 18ª ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

geralmente às 18:00h até em torno das 00:00h<sup>90</sup>, O Serviço de alto-falantes só funcionava a noite como nos disse o senhor Plínio Victor:

Até o início da década de 60 só tínhamos energia e, conseqüentemente, luz, à noite, quando começava a escurecer até... Não sei mais precisar se até às 22:00h ou 00:00h só tínhamos rádio à noite e, quase ninguém, só me lembro que na casa de Chico Grande, tinha passa-disco afora “A Voz de Pocinhos”, isso quando chegou a energia de Paulo Afonso, no início de 60. Até então, anos 50, o mundo era silencioso, não existia como hoje, música onipresente às 24 horas do dia. Música só no rádio à noite, ou quando “A Voz de Pocinhos” entrava no ar: “Está entrando no ar o Serviço de alto-falante ‘A Voz de Pocinhos’”. (...) <sup>91</sup>

O nosso entrevistado expõe como era o funcionamento da “Voz de Pocinhos” em que esta só funcionaria a noite devido ao fornecimento da luz. No entanto, segundo a senhora Maria das Neves, isto teria durado pouco tempo, já que o seu esposo, o senhor Hermes Oliveira Rocha, teria adquirido um gerador para assim poder ligar o Serviço no horário que desejasse. Contudo, nas memórias do Senhor Plínio, ele faz referência que só se ouvia músicas à noite quando “A Voz de Pocinhos” entrava no ar, ele até reproduz a chamada que era utilizada pelos locutores da época, no caso a senhor Hermes e a senhora Maria das Neves, que anunciavam aos ouvintes que o Serviço estaria funcionando.<sup>92</sup> O entrevistado, ao reproduzir a chamada de abertura da programação, faz uma representação para tentar demonstrar o mais próximo possível, como se dava a reconstituição dos momentos em que o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” iniciava os seus trabalhos. Desse modo, ele faz aquilo que vai ser colocado por Chartier (1990), como uma representação de coisa ausente em que:

A representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é. (...) (CHARTIER, 1990, p.20) <sup>93</sup>

<sup>90</sup>Nossos entrevistados não souberam precisar até que horas exatamente desligava-se o motor a diesel. A senhora Maria das Neves afirma ser em torno das 23:00h (Entrevista realizada em 23/07/2011) e senhor Plínio Victor (Entrevista realizada no dia 22/03/2013) não soube precisar se isso ocorria entre às 22:00 ou 00:00hs . Sendo assim, estabelecemos uma média de que horário ocorria o desligamento.

<sup>91</sup>Entrevista concedida à autora no dia 22/03/2013. O senhor Plínio Victor tem 63 anos de idade, foi ouvinte do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”. Atualmente ele reside na cidade de Olinda-PE.

<sup>92</sup>É importante ressaltar que esta é a marca do Serviço na cidade, com o passar dos anos, a esta frase: “Está entrando no ar o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” foi acrescentada a frase “Servindo à coletividade”. Sendo assim um slogan do Serviço de alto-falantes.

<sup>93</sup>CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990. 237p.

Ao pensarmos na colocação desta fala do nosso entrevistado, mesmo não ouvindo mais a referida chamada, mas da qual mantém uma lembrança viva, e com exatidão relembra como se davam estes momentos. Imaginamos como era a percepção daqueles, que diferente do senhor Plínio Victor, puderam ouvir com mais frequência, já que na década de 1970, ele foi residir em Olinda-PE. Esta chamada que era a marca registrada do Serviço, os moradores da cidade, certamente identificam na voz dos locutores expressões e posturas que soavam de diferentes modos para aqueles que recebiam a mensagem. Acompanhemos o que nos diz Halbwachs (2003), a respeito:

Ouvimos uma pessoa sem enxergá-la, só podemos pensar em sua voz. O que a voz faz pensar? Raramente nos reportaremos a modelos auditivos, como se o que nos interessasse principalmente fosse distinguir essas vozes segundo sua natureza e a ação que elas podem exercer sobre as orelhas de um público. (HALBWACHS, 2003, p.194)<sup>94</sup>

O Serviço funcionou durante a década de 1950 também durante o dia, mas não com horários determinados. Quando desejava o senhor Hermes ligava o Serviço e fazia anúncios e reproduzia canções. No entanto, o horário mais comum para o seu funcionamento era à noite, em que a população estava num ritmo mais tranquilo e assim podia apreciar as canções que estavam a tocar.

Assim, diante deste contexto, de como seria o cotidiano da cidade de Pocinhos, em que o nosso entrevistado Plínio Victor considera como “silencioso” nos anos de 1950, silencioso na conjuntura em que ele estabelece uma comparação com o ritmo que tomou conta da vida das cidades nos nossos dias em que se pode ouvir músicas de diferentes formas: pelo rádio (aparelho e estação) convencional hertziana, pela internet, pelos celulares e por tantas outras formas pelas quais a tecnologia e a eletrônica contribuíram para que a disseminação de canções pudesse ser facilmente ouvidas em qualquer hora ou lugar.

Por sua vez, não concordamos com o nosso entrevistado, quando afirma que o “mundo (cidade) era silencioso”. Mesmo sendo uma cidade de pequeno porte, ao seu modo tinha a sua movimentação, principalmente nos dias em que era realizada a feira geralmente nas quartas-feiras. Pocinhos, devido a sua localização próxima à cidade de

---

<sup>94</sup>HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**/ Maurice Halbwachs; Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003. 224p.

Campina Grande<sup>95</sup>, pode estar em contato com muitos eventos e notícias que eram veiculadas nas rádios que existiam nesta cidade, bem como de outras rádios que estavam localizadas em outros municípios<sup>96</sup>. O senhor Plínio Victor diz que havia pessoas que tinham rádio na cidade, certamente pessoas que apresentavam uma boa condição financeira, já que na época o rádio era considerado um aparelho de luxo e vai se levar ainda algum tempo para que haja a popularização deste meio de comunicação, enquanto isto, para aqueles que não tinham condições financeiras para adquirir um aparelho, o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” veio suprir essa necessidade de comunicação para aqueles que não dispunham de recursos financeiros.

Sendo assim, em Pocinhos, o Serviço de alto-falantes veio ser aquilo que Renato Murce (1976) por meio das palavras de Roquette Pinto, afirma o que rádio se tornou:

O jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado.<sup>97</sup> (MURCE, 1976, p.18)

Por meio da sua programação musical e informativa conseguiu transformar os espaços e propiciou momentos de lazer e sociabilidades aos moradores da cidade de Pocinhos. Sobre o dia da inauguração do Serviço, não foi feito nenhum registro daquele momento que pudéssemos hoje observar e analisar, quer fosse uma fotografia ou um documento escrito. Para começar a funcionar, não foi feita nenhuma documentação legal, só alguns anos depois “A Voz de Pocinhos” precisou ser registrada em Brasília para todo mês pagar uma taxa, para assim, poder tocar os discos dos cantores da época<sup>98</sup>.

Por sua vez, há um fato que marcou a memória da senhora Maria das Neves, no dia da inauguração e que hoje, após mais de sessenta anos de existência da “Voz de Pocinhos”, ela ainda relembra com grande felicidade: a primeira música tocada que foi

<sup>95</sup>Pocinhos está localizada a 30 km de Campina Grande. Informações disponíveis em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 27/03/15.

<sup>96</sup>Como exemplo, podemos citar as rádios que existiam em Recife-PE.

<sup>97</sup>MURCE, Renato. **Bastidores do rádio: fragmentos do rádio de ontem e hoje**. Rio de Janeiro. Imago Editora, 1976, p. 18.

<sup>98</sup>Estas informações nos foram dadas pelo senhor Gilvan José da Silva, em entrevista no dia: 09/08/2011. O entrevistado era o encarregado de pagar em Campina Grande o ECADE, que era um valor mensal a ser pago a Empresa de Cobrança de Direitos Autorais, correspondente ao Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, para que deste modo, fossem tocadas as músicas.

um xote. Dessa forma, o senhor Hermes teria ligado os equipamentos, testado os microfones, e dito o *slogan* que ao longo dos 63 anos de existência é utilizado para abrir os trabalhos na difusora: “Está no ar o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, e logo em seguida a cidade pelos alto-falantes, pôde ouvir a voz de Luiz Gonzaga a cantar ‘Moreninha, Moreninha’<sup>99</sup>:

*Moreninha, moreninha, lá no céu teu luar  
Lá no alto, uma casinha  
E bem perto, eu tenho o mar  
Morena, Morena, tenho o céu, a terra e o mar  
Só falta o carinho  
Que você não quer me dar!  
Moreninha, moreninha, teu desprezo me maltrata  
Seu olhar é minha vida  
Seu olhar é que me mata  
Morena, morena  
Tome a terra o céu e o mar  
Só quero o carinho que você não quer me dar!*<sup>100</sup>

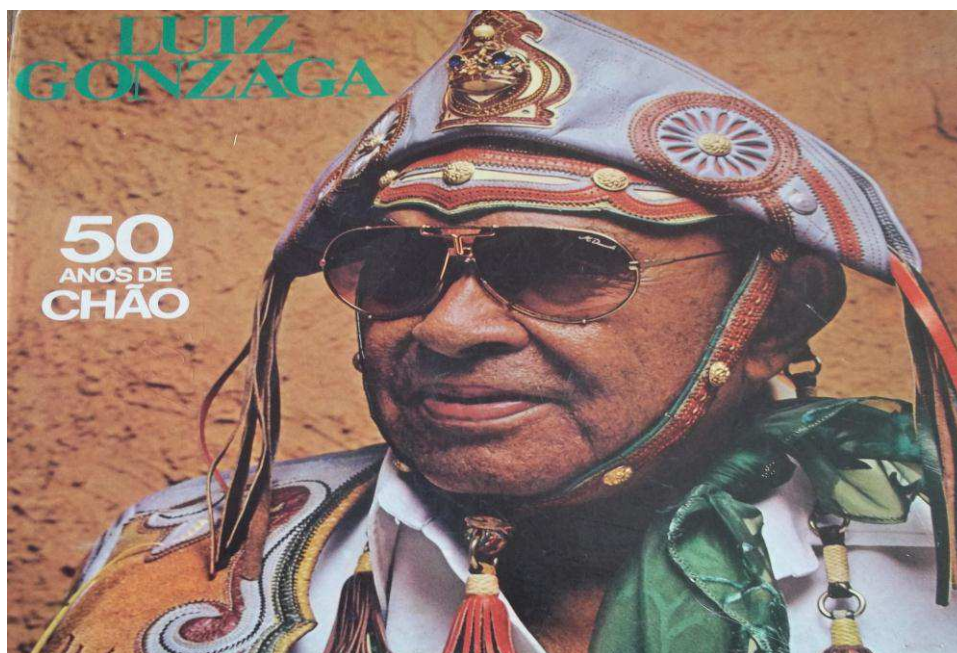
Foi esta a primeira canção tocada no Serviço de alto-falantes, certamente foi escolhida, porque na época o cantor era bastante conhecido e por suas canções se aproximarem muito do cotidiano do distrito.

---

<sup>99</sup>Este é um detalhe sempre lembrado pela senhora Maria das Neves, em entrevistas e conversas que remetam ao dia da inauguração do Serviço.

<sup>100</sup>Letra de Hervé Cordovil e Luiz Gonzaga. Fonte: [www.letradamusica.net/luiz-gonzaga/moreninha-moreninha.html](http://www.letradamusica.net/luiz-gonzaga/moreninha-moreninha.html). Acesso em: 27/03/2015.





**Imagem 4- FRENTE** - (Discografia do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”- Fonte: Acervo da senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha) <sup>101</sup>



**Imagem 5- VERSO** - Algumas das canções de Luiz Gonzaga que foram muito tocadas no Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” <sup>102</sup>

A senhora Maria das Neves recordou, ao falar deste dia da inauguração, que muitos discos foram perdidos em um incêndio em um quarto da sua residência, e que

<sup>101</sup>Em entrevista no dia 01/03/2013, a senhora Maria das Neves, nos mostrou com muita alegria a coleção de discos que tem de Luiz Gonzaga, esta é a caixa onde ficam guardados os discos. E que segundo ela foi muito reproduzido no Serviço as canções desse artista e entre todos os que conheceu, este era o seu predileto.

<sup>102</sup>Nesta coleção não se encontra a canção ‘Moreninha, Moreninha’ que foi a primeira canção a ser tocada no Serviço, fazia parte de outra coleção da senhora Maria das Neves que se perdeu em um incêndio no cômodo da sua residência onde ficava a sua discografia.

depois ela foi tentando recuperá-los e até hoje fazem parte do Serviço de alto-falantes. O interessante que ao ser perguntada se a mesma, lembrava de algo que havia marcado aquele dia, o primeiro fato que ela recordou foi da música, conforme nos disse: “(...) A primeira gravação que passou aqui na difusora foi de Luiz Gonzaga, eu tava até procurando na discoteca o disco dele, a primeira música que tocou foi *moreninha, moreninha!*(...)”<sup>103</sup>, possivelmente esta música foi escolhida na época, porque se tratava de um cantor que o casal gostava muito e por este cantar músicas que se aproximavam muito do cotidiano do distrito<sup>104</sup>. Acreditamos que essa inauguração tenha ocorrido na noite do dia 10 de outubro de 1951, porque em Pocinhos não havia um fornecimento de energia elétrica durante o dia, o que era realizado somente por algumas horas durante a noite.

Passado este momento, seria o Serviço de alto-falantes, o responsável pela divulgação e retransmissão de notícias, animação da cidade, como um serviço de utilidade pública e tantos outros trabalhos que foram desenvolvidos de ordem pública e social, buscando atender a todos aqueles que em algum momento, de uma forma ou de outra, precisaram do serviço de comunicação. Tudo isto nos leva a perceber que, a partir deste ano de 1951, a própria história do Serviço estaria atrelada a história da cidade e que por vezes, as duas se misturavam formando uma só, sendo praticamente impossível ao falar de uma não ter que remeter à outra.

Para falarmos do desenvolvimento da cidade de Pocinhos, seja ele político, social, econômico ou cultural teremos que passar necessariamente pela história do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”. Conforme nos disse o senhor João Evangelista: “a história da ‘Voz de Pocinhos’ está para a cidade e a cidade está para a Voz de Pocinhos, né assim?”<sup>105</sup> Por meio deste relato, somos levados a refletir sobre isto, que em muitos momentos a história de ambas esteve entrelaçada, não podendo assim falar de uma, sem que logo houvesse uma referência à outra.

---

<sup>103</sup>Entrevista concedida à autora no dia 21/09/11.

<sup>104</sup>Nos anos de 1950, Luiz Gonzaga estava despontando a sua carreira e estava fazendo muito sucesso como suas músicas, durante muitos anos ele foi considerado como um símbolo do que se tem de melhor na música nordestina. Ele cantava estilos de músicas que até então eram pouco conhecidos como o xote, o baião e o xaxado, gravou durante a sua carreira em torno de 56 discos e compôs mais de 500 músicas. Além de cantar tocava sanfona, zabumba e triângulo o que era presença marcante nas suas apresentações.

<sup>105</sup>Entrevista concedida à autora no dia 23/07/2011.

Deste modo, ao longo das entrevistas que realizamos para a elaboração deste trabalho era bastante comum, os entrevistados afirmarem, assim como o Sr. Gilvan, que “(...) ela<sup>106</sup> teve uma grande valia, uma grande importância para nossa cidade e para a história de Pocinhos né (...)”<sup>107</sup>. E para aqueles que na cidade residiram e ainda residem sabem muito bem que o trabalho do Serviço de alto-falantes foi voltado para levar a informação aos ouvintes, sobre o que estava acontecendo na cidade ou fora dela, sendo muito importante a sua participação nas transmissões em momento relevantes para o município.

Assim, após a inauguração do Serviço de alto-falantes em outubro de 1951, o Serviço era utilizado basicamente para reproduzir músicas e divulgar notícias, durante a noite entre às 18:00 horas e às 23:00 horas, já que o fornecimento de energia era feito por um motor à diesel. Por este fator, o senhor Hermes teria comprado um pequeno gerador para, assim poder ligar o Serviço na hora que desejasse e não só durante as noites<sup>108</sup>. Com um gerador privado em qualquer hora do dia ou da noite, podia-se ouvir as canções de Luiz Gonzaga ou informações de interesse da população, como achados e perdidos, bem como noticiar fatos mais relevantes.

Contudo, há uma notícia que passados seus 61 anos, ainda é lembrada com grande felicidade pela senhora Maria das Neves, como tendo sido a notícia mais importante anunciada pela “A Voz de Pocinhos”, a da Emancipação Política da cidade.

Sobre este momento importante para a cidade nos fala a nossa entrevistada:

(...) Ai Padre Galvão começou a lutar pela Emancipação de Pocinhos, o prefeito da época era Plínio Lemos, de Campina Grande e não queria perder Pocinhos. Pocinhos rendia muito imposto, não existia esse negócio de município que é aberto, não tinha isso não, minha filha ai Padre Galvão começou a lutar, lutar, Pocinhos tinha uma venda de gado muito boa (...). Ai ele telegrafou pra Antônio Afonso meu tio, ai quando chegou lá: “foi assinado agora mesmo a Emancipação Política de Pocinhos e ta aqui o telegrama pra você ver! Liga a difusora!” ai ligamos a difusora foi a nota melhor que eu dei! (risos) ai o sino bateu, o povo foi pra rua, fizemos uma

<sup>106</sup>Aqui o entrevistado fez referência à importância da difusora para a cidade de Pocinhos.

<sup>107</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 09/08/2011. O entrevistado tem 49 anos, e foi um ex - animador do Serviço de alto-falantes, quando eram realizados gincanas e festivais de prêmios organizados pelo Serviço.

<sup>108</sup>Informações concedidas à autora, pela senhora Maria das Neves em entrevista no dia 21/09/2011.

passate aqui na rua rodando, gritando e fomos receber Padre Galvão quando [ele] chegou fez festa. (...) <sup>109</sup>

Conforme nos disse a senhora Maria das Neves, a luta pela emancipação de Pocinhos foi liderada pelo então vigário da paróquia Padre José Augusto da Silva Galvão, mais conhecido por “Padre Galvão”. Há uma recorrência em querer criar um mito em torno da figura deste vigário, e isto é bastante forte nas falas da nossa entrevistada, no entanto é algo comum, uma vez que a nossa entrevistada mantinha uma relação de amizade bastante próxima com este padre. Por este fator há bastante ênfase da parte da nossa entrevistada a atribuir que foi o Padre Galvão que “lutou” pela emancipação de Pocinhos. O desejo de ver Pocinhos emancipada, não surgiu do nada, havia interesses políticos e econômicos que levaram Padre Galvão a sair à “luta” para conquistar esse feito. Possivelmente, outras pessoas, como os pequenos proprietários do local também tinham interesse em ver Pocinhos emancipada, e assim como o vigário, tinham visões políticas e econômicas, que sem a emancipação política não poderiam ter sido colocadas em prática.

Como pudemos perceber, Pocinhos rendia bons impostos à Campina Grande, com a venda de gado <sup>110</sup>, e ao emancipá-la, a cidade-sede logo iria perder esta parcela de contribuição, por isto houve relutância por parte do então prefeito de Campina Grande Plínio Lemos para “concordar” com a emancipação do distrito de Joffily, que logo então voltaria a se chamar Pocinhos, oficialmente. <sup>111</sup> Após a emancipação política Pocinhos teria como distrito Puxinanã.

Nesse contexto, o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” é utilizado como meio de comunicação para anunciar à população, a sua notícia mais importante, a emancipação política da cidade. Ao lembrar do dia 10 de dezembro de 1953, a senhora Maria das Neves nos revela com muita alegria, que esta foi a melhor notícia que

---

<sup>109</sup>Entrevista concedida à autora no dia 21/09/2011, a entrevistada, foi ela a pessoa encarregada de anunciar a emancipação política à população no dia 10 de dezembro de 1953.

<sup>110</sup>Neste período, existiam vários rebanhos de gado, espalhados pelo distrito de Pocinhos, mas de propriedade dos moradores de Puxinanã, mas como estes rebanhos estavam instalados no distrito de Pocinhos, a venda do gado gerava altos impostos deste distrito, para a cidade-sede que era Campina Grande.

<sup>111</sup>Estas informações reveladas pela senhora Maria das Neves, sobre a emancipação política foram confirmadas pela síntese da história política do município disponível no site mantido pela Prefeitura Municipal de Pocinhos disponível em: [www.pocinhos.pb.gov.br/prefeitura.php](http://www.pocinhos.pb.gov.br/prefeitura.php). Acesso em: 09/06/2015. E por: RIBEIRO, Roberto da Silva. **Pocinhos: o local e o geral**. – Campina Grande: Rg, 2013.

já deu na sua vida e que ao noticiar este fato, a população celebrou com muito entusiasmo o feito, ao escutarem a notícia se reuniram na rua e fizeram passeata e muita festa. “Porque ser liberto é muito bom!”<sup>112</sup>

Ao pensarmos nesse dia, e como a senhora Maria das Neves nos relatou as emoções que essa notícia despertou na população, sem a utilização do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, não teria ocorrido a comunicação da forma que se deu e de modo tão ágil. A população foi convocada para se fazer presente na rua e assim comemorar a emancipação. Sem ele, possivelmente a população iria receber de forma mais lenta a notícia e de diferentes formas, anunciadas por diversas pessoas em diferentes tempos, chegando-se até mesmo a levantar questionamentos a respeito da veracidade da notícia, mas como foi noticiado pela “A Voz de Pocinhos”, e pela credibilidade que a mesma possuía, e por estar com o telegrama em mãos, a notícia foi aceita de imediato pelos moradores.

Esta notícia poderia não ter sido dividida com toda a população da forma que foi, já que, se quisesse a “sociedade” letrada ao receber a notícia teria dividido entre si e comemorado da forma que desejasse e o restante da população só saberia posteriormente. Mas, ao ser divulgado pela “Voz de Pocinhos” atingiu a todos sem distinção de cor, idade ou classe social. Pensamos, assim como Briggs (2004) percebeu que “(...) o rádio alcançou toda a população, mesmo nos lugares mais remotos, e de modo diferente de outras mídias como a imprensa e o cinema.” (BRIGGS, 2004, p.234)<sup>113</sup>.

Para nosso caso, seria o trabalho realizado pelo Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, que conseguiu atingir até as pessoas que moravam mais distantes do centro da cidade. Mesmo que, muitas pessoas não tenham considerado esta notícia tão importante, e isto não tenha modificado as suas vidas, como a daqueles trabalhadores das usinas de sisal que outrora já falamos, que continuaram a viver da mesma forma. Talvez esta emancipação política só tenha vindo de imediato em favor das pessoas que

---

<sup>112</sup>Frase pronunciada pela senhora Maria das Neves em entrevista ao programa Correio Espetacular de 05/08/2011, da TV Correio sobre os 60 anos de fundação do Serviço, quando perguntada sobre a notícia da emancipação política da cidade.

<sup>113</sup>BRIGGS, Asa. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**/ Asa Briggs e Peter Burke; tradução Maria Carmelita Pádua Dias; revisão técnica Paulo Vaz. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. Neste trabalho os autores fazem um trabalho acerca da evolução dos meios de comunicação, bem como os impactos que cada sociedade sofreu ao receber cada um destes meios de comunicação.

faziam parte da “elite” e que só tenha atendido a interesse das pessoas desta classe. No entanto, não se pode negar que em termos de comunicação todos receberam esta importante notícia pela “A Voz de Pocinhos” do mesmo modo e ao mesmo tempo.

Por meio da voz do locutor, o ouvinte entra em contato com a informação sem precisar da presença física, como ocorre com os outros meios de comunicação para estar informado<sup>114</sup>. Contudo, não é só a notícia que chega ao ouvinte, mas também diferentes emoções podem ser despertadas, por meio da entonação da voz utilizada pelo locutor ao anunciar a informação.

Agora voltemos ao momento que a senhora Maria das Neves, informou ao distrito a sua emancipação. Pela forma que deve ter proferido as notícias que estavam telegrafadas naquela folha de papel, e pela forma que ainda hoje fala com grande entusiasmo, acreditamos que com bastante felicidade e motivação ela leu aquelas linhas que afirmavam que Pocinhos, conquistara a sua independência.

A população ao ouvir estas palavras, espalhada em diferentes pontos do distrito, sentiu-se motivada, mesmo que não entendesse, o que a emancipação representava para o distrito, mas saiu às ruas para celebrar aquele momento tão relevante para Pocinhos. Sensações e sentimentos, que não teriam sido sentidos da mesma forma, se tivessem sido retransmitidos da mesma forma que estava escrito. A voz tem esse poder de transmitir as emoções daquele que as pronuncia.

## **2.2- É hora de divertir e informar a população pocinhense: Entra no ar a programação da “A Voz de Pocinhos”**

A programação nas décadas de 1950 e 1960 foi mais do tipo informativa, o senhor Hermes ligava a difusora e tocava canções. Entretanto, havia um dia em especial na semana em que o Serviço ficava ligado durante todo o dia, em que era realizada a feira e atraía muitas pessoas da zona rural, bem como de outros municípios que vinham à cidade comprar o que fosse necessário para o consumo durante a semana. Como neste

---

<sup>114</sup>Sobre estas informações recorremos aos apontamentos de SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. (org). **História da Mídia Regional: o rádio em Campina Grande**. EDUFPG/EDUEP; Campina Grande, 2006. Em que o autor, (do primeiro capítulo) discute o uso do rádio em Campina Grande, onde afirma a ideia, com a qual também concordamos que “o rádio talvez tenha sido o mais democrático aparelho de comunicação de massa já colocados à disposição do ser humano, pois independente da configuração ideológica que pudesse ter as suas informações, ele atingia a ricos e pobres indistintamente, ajudando cada um a elaborar ou reelaborar as informações ali veiculadas.” (pg. 24)

dia, às quartas-feiras a cidade ficava mais movimentada, “A Voz de Pocinhos” era ligada para servir e animar a população. Vejamos o que nos disseram os nossos entrevistados:

Era ligado dia de feira, ficava avisando, avisando ai as notícias, os anúncios, as músicas, o programa de oferta musical sempre na quarta-feira fazia. Era na quarta o dia da feira, eu trabalhava ficava lá o dia todinho com eles, enquanto tivesse gente na rua a gente tava com a difusora ligada.<sup>115</sup>

Em 1951, A cidade não tinha nada não, não era calçado, não era cidade pertencia a Campina Grande, era distrito de Campina Grande. Aqui era a feira<sup>116</sup>. já que não tinha calçamento era tudo ai... espalhado no chão. Eu ajudava ai no decorrer da feira, também ligava a difusora pra animar a feira sabe? Sim para oferecer músicas. (...) <sup>117</sup>

Entretanto, a programação realizada nos dias de feira, continuou a ser realizada mesmo depois da mudança do local da feira na década de 1960, quando esta é transferida da praça central para um bairro mais afastado do centro da cidade. A feira semanal ainda constituía-se um “evento” na cidade e a programação um atrativo para aqueles que circulavam pelas ruas de Pocinhos. Acompanhemos o que relata o senhor Plínio Victor nestes anos:

(...) Me lembro que ainda tinha uma programação no dia da feira, mesmo a feira não sendo mais na praça, nas quartas - feiras, já havia sido transferida para o mercado<sup>118</sup> nos anos 60, que era de prestação de serviço, avisos, recados, entremeada com lançamentos musicais, exemplo Raul Seixas que me lembro ter ouvido pela primeira vez na “Voz de Pocinhos”, num dia de feira desses, quando a feira não era mais na praça. Foi ela quem me apresentou Armstrong, Paul Anka, além de outros nacionais.<sup>119</sup>

---

<sup>115</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 26/08/11. O entrevistado é o senhor Antônio Fernandes Andrade, 69 anos, é locutor do serviço de alto - falantes (desde a década de 1960) e é o único que permanece até os dias atuais.

<sup>116</sup>Neste momento a entrevistada aponta para a rua, no caso no centro da cidade onde era realizada a feira livre, como a entrevista foi realizada no Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, que é localizado no centro de Pocinhos, quando ela usa o termo “aqui” porque a feira era realizada bem em frente ao Serviço.

<sup>117</sup>Entrevista concedida à autora no dia 21/09/11.

<sup>118</sup>O mercado é o nome popular do bairro Jardim Etelvina, onde está localizado o Mercado Público. Devido o Mercado Público estar localizado neste bairro, o bairro ficou popularmente conhecido por este nome.

<sup>119</sup>Entrevista concedida à autora no dia 22/03/2013.

É interessante perceber, que a programação musical do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” tentava apresentar diferentes estilos musicais tanto nacionais como internacionais para a população e assim fazer com que os ouvintes pudessem estar em sintonia com o que era produzido em termos musicais. Contribuindo deste modo para a construção do gosto musical de muitos ouvintes como foi o caso do senhor Plínio Victor, que viu no Serviço de alto-falantes a junção de todos os meios de comunicação, para que assim a população pudesse estar informada e tivesse contato com o universo musical. Vejamos:

(...) Sendo assim, “A Voz de Pocinhos” era o nosso rádio, a nossa televisão, a nossa net, considerando-se que havia o cinema e todas as principais revistas de circulação nacional (coisas que hoje, aí, nem pensar). Portanto, “A Voz de Pocinhos” reproduzia, num "programa" em dias especiais, dias de feira e fins de semana, a difusão da produção musical da época, programação que tinha pequenas variações conforme a ocasião. (...) <sup>120</sup>

O nosso entrevistado por meio do seu relato tenta expressar o sentimento de tudo aquilo que “A Voz de Pocinhos” representava para a população da cidade naquela época. Por sua vez, nos dias de feira, existia um horário específico que era destinado ao político e padre da cidade durante alguns anos, o conhecido Padre Galvão, para proferir seu discurso as pessoas que transitavam pela feira e pelo centro da cidade. Acompanhemos as memórias de Ribeiro (2010):

Na época do prefeito Padre Galvão, em todas as quartas-feiras, rotineiramente, fazia um discurso lá pelas 10 horas da manhã, que era destinado aos feirantes e, principalmente aos eleitores. Era comum vermos o Padre com sua careca reluzente, descendo com passos largos e vestido na sua inseparável batina preta, pela calçada da Rua Getúlio Vargas em direção à difusora de Hermes Oliveira, que ficava bem abaixo e se chamava “A Voz de Pocinhos”, para discursar e relatar a sua administração aos munícipes. Naquele momento, era interrompida a difusão de músicas e seu Hermes anunciava: “Senhores ouvintes, agora vai falar o prefeito de Pocinhos, o Padre Galvão”. E ele começava com: “Pocinhenses...” e se estendia por mais de uma hora, com seu discurso típico de político, a que poucos prestavam atenção. Todo esse frenesi de pessoas com seu vozerio, associado à música tocada pela difusora local, gritos dos caixeiros viajantes, e camelôs, cantorias e emboiação de côcos, relinchar de cavalos e jumentos, berros de bodes, balidos de ovelhas, roncões de porcos, ruídos de motores de caminhões, buzinas de carros, (...) produziam uma sinfonia de sons repleta de cheiros (...)

---

<sup>120</sup>Idem.



que hipnotizava os matutos e beradeiros, e que tornava o dia da feira especial e imperdível em suas vidas. (RIBEIRO, 2010, p. 80-81)

Em Pocinhos, o Serviço de alto-falantes não foi utilizado somente para a reprodução de músicas e informes em geral, como podemos acompanhar no relato anterior, serviu também para fins políticos. No Serviço de alto-falantes, os políticos encontraram os subsídios para conquistar eleitores durante as campanhas políticas e para depois de eleitos divulgarem as obras que estavam realizando enquanto estavam no poder. Poderemos identificar que ao proferir um discurso em um dia específico da semana, quase sempre no mesmo horário, mesmo que não fizesse parte de forma “oficial” da programação da “A Voz de Pocinhos” este momento destinado ao prefeito, fazia parte da rotina da difusora e dos ouvintes. Dessa forma também acontecia nas difusoras campinenses, algo bem próximo do que era feito em Pocinhos, onde os políticos faziam uso dos microfones durante as campanhas eleitorais.

Não existia na cidade outro serviço de som que fosse utilizado nas campanhas eleitorais e como a cidade crescia em números de habitantes, qualquer reunião em torno de um candidato, atraía atenção de diversas pessoas, como nos confirma o senhor Antônio Andrade Fernandes: “(...) Puxinanã pertencia a Pocinhos né? então eles faziam os comícios era muita gente (...)”<sup>121</sup>. Já não sendo mais possível, a comunicação por meio da voz, sem que houvesse a ajuda de um equipamento eletrônico, dessa forma o Serviço começou a ser utilizado.

No início da década de 1950, só existiam dois alto-falantes, instalados em cima da casa do casal localizada no centro da cidade, mas mesmo sendo poucos, a população podia ser atendida pelas dimensões da cidade ser pequena. Com o passar dos anos, com o surgimento de novos bairros e com o aumento da população, foram sendo instalados alto-falantes em outros lugares, para que assim todos pudessem ouvir as informações.<sup>122</sup>

---

<sup>121</sup>Entrevista concedida à autora em 26/08/2011. O Entrevistado é um senhor de 69 anos e começou a trabalhar no Serviço de alto-falantes ainda adolescente.

<sup>122</sup>Esta informação nos foi concedida pelo senhor João Antônio Alexandrino, 58 anos, em entrevista no dia 01/09/2011.

Dessa maneira, as campanhas políticas que foram organizadas a partir de 1955<sup>123</sup>, em que concorreram ao cargo de Prefeito de Pocinhos, Padre Galvão e Ottoni Barreto (produtor de agave em Pocinhos), e as que se seguiram, foram realizadas com a divulgação da “Voz de Pocinhos”, até quando começaram a surgir os chamados “carros de som”, mas antes vejamos como eram feitas as campanhas políticas em Pocinhos:

(...) Política mulher, os candidatos eu recorde, naquela casa que mora Olga era... Botava o palanque na frente e o candidato falava, falava e o outro sentado na minha cozinha a casa era bem comprida, ficava esperando que o outro saísse pra ele poder vim [falar] (...) <sup>124</sup>

Neste relato, percebemos que durante as campanhas políticas realizadas de frente “A Voz de Pocinhos”, os candidatos praticamente realizavam seus discursos na mesma hora, para tentar conquistar a opinião daqueles eleitores que estivessem indecisos. Assim, aquele candidato que fosse ofendido pelo seu opositor, poderia ter a oportunidade de discursar logo em seguida.

O papel do Serviço de alto-falantes, durante as campanhas, segundo a senhora Maria das Neves era de ser imparcial, o que durante a sua fala ela tenta demonstrar dizendo, que enquanto um discursava, o outro aguardava na cozinha da sua casa para proferir suas palavras. Confirmando que tratava de modo igual, qualquer um dos candidatos, contudo bem sabemos, que por mais que a intenção fosse esta, sempre haveria um ou outro partido, ou candidato, que eram do agrado da senhora Maria das Neves e do senhor Hermes, mesmo que não demonstrassem, havia sim aquele que era da sua simpatia, afinal de contas eles também eram leitores.

E assim, sempre que era anunciado no Serviço que algum político ia falar para a população, fosse ele o prefeito ou vereador, a população se fazia presente de frente ao Serviço para ouvir aquilo que a autoridade desejava comunicar à comunidade, como nos disse o senhor João Antônio Alexandrino: “(...) daqui a pouco tem padre Galvão aqui na

---

<sup>123</sup> A primeira eleição realizada em Pocinhos se deu em 03/10/1955, em que foi eleito o conhecido Padre Galvão com posse em 30/11/1955, dia que também foi instalada a primeira câmara de vereadores do município. Antes, porém, em 1953, quando o distrito foi emancipado, designou-se um prefeito provisório até que se realizassem as eleições municipais.

<sup>124</sup> Estas informações nos foram concedida pela senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha, de 81 anos, no dia 21/09/2011.

“Voz de Pocinhos!”o povo de Nova Brasília descia rápido e pronto! (...)”<sup>125</sup> Vemos como a soma da força política e a divulgação do Serviço de alto-falantes, conseguiu fazer com que as pessoas atendessem às convocações. Por sua vez, para aqueles que não podiam estar presentes na hora do comunicado, isto não era um problema, já que se podia ouvir do local que estava o que era dito aos microfones e retransmitidos pelos alto-falantes a toda a cidade.

Um dos políticos que mais utilizou o Serviço de alto-falantes, se apropriando deste para fazer seus comunicados, foi o conhecido Padre Galvão, por ser muito amigo tanto da senhora Maria das Neves, como do senhor Hermes, era freqüente a procura deste pelo Serviço. Entretanto, segundo a senhora Maria das Neves, só nos primeiros anos que se cobravam algumas taxas para que os políticos e as pessoas utilizassem o Serviço, para que assim fosse pago os equipamentos que foram comprados à prestação como a mesa de som e o gerador de energia particular. Mas ao terminar as prestações, não foi mais cobrado nenhum valor para que se utilizasse o Serviço.

Muitos políticos utilizavam “A Voz de Pocinhos” como forma de estarem mais próximos dos eleitores. Assim, sobre o uso que os políticos, e mais precisamente Padre Galvão, fizeram deste Serviço de comunicação para realizarem seus pronunciamentos, o senhor João Evangelista Guimarães comentou:

(...) E na realidade Padre Galvão teve influência muito forte assim com Dona Neves, na “Voz de Pocinhos” no sentido, que tudo era anunciado por ali, todas as decisões, todos os pronunciamentos dele (pausa) com certeza tudo passou pela “A Voz de Pocinhos”. (...) <sup>126</sup>.

Portanto, outros políticos, durante os seus mandatos também tenham usado o Serviço de alto-falantes com freqüência para falar à população, mas nas memórias das pessoas, a presença predominante, sem dúvida alguma, foi a do Padre Galvão, por ter sido um político, e antes disso padre, por este fator era bastante conhecido e popular na cidade.

---

<sup>125</sup>Entrevista concedida à autora no dia 01/09/2011. O entrevistado era um ex-locutor da década de 1970 do Serviço de alto-falantes, e morador da cidade, o seu programa era realizado nas noites de domingo e era destinado ao público jovem, do qual iremos falar melhor, no terceiro capítulo que compõe esta pesquisa.

<sup>126</sup>Entrevista concedida à autora no dia 23/07/2011.

Dessa forma, como já comentamos muitos dos programas que eram realizados na “Voz de Pocinhos”, tinham como cópia os programas das rádios campinenses. Em termos de programas políticos em Campina Grande, muitos prefeitos utilizaram os microfones das rádios para divulgarem seus ideais. Como exemplo, temos no ano de 1964, o prefeito João Jerônimo da Costa que permaneceu à frente da prefeitura de Campina Grande por apenas 100 dias, mas ainda neste breve período ele criou o programa radiofônico “Pergunte ao João”, como forma de trazer a participação popular para a sua administração. Na cidade de Pocinhos, foi criado por um vereador o programa “O povo pergunta e Gaúdio responde”, pelo Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, como nos disse o senhor João Evangelista Guimarães:

(...) olhe, teve uma época na política, por exemplo, Gaúdio tinha um programa, ele era vereador, ele criou um programa é... O Povo Pergunta e Gaúdio Responde programa altamente polêmico inclusive porque o povo metia o cassete no, no...<sup>127</sup> criticava mesmo, pedia ajuda ou elogiava também ele era aquele porta-voz que o povo teve. Esse momento importante era feito por ele através da “Voz de Pocinhos”. (...) <sup>128</sup>

Segundo as informações que o nosso entrevistado apresentou, percebemos que este era o momento encontrado pela população para expor a sua opinião, sobre a administração pública fosse ela positiva ou negativa. Não tivemos como saber como era a dinâmica deste programa, se era apresentado só por este vereador, ou se contava com a participação de mais pessoas<sup>129</sup>. Por este relato, percebemos que a população aparentava ter um espaço durante o programa para participar, não sabemos se por meio de cartas ou falando aos microfones “ao vivo”.

Entretanto, podemos supor que essa participação popular, poderia ser uma ilusão ou fachada que era utilizada pelos políticos que usavam os microfones da “Voz de Pocinhos”, para fazerem estes programas, para assim dizerem que havia uma “participação popular”. Pode ser que até mesmo houvesse essas participações mais com

<sup>127</sup>Neste momento o entrevistado faz um gesto para o alto, mostrando que seria uma pessoa bastante importante e que ocupasse um cargo alto, acreditamos que ele quis dizer que era o prefeito.

<sup>128</sup>Entrevista concedida à autora no dia 23/07/2011.

<sup>129</sup>A dificuldade em conseguir mais informações sobre este programa realizado pelo senhor Gaúdio em meados da década de 1970, reside na questão que o mesmo foi assassinado e até hoje o crime não foi esclarecido. Tentamos conversar com alguns moradores na cidade, mas quando tocávamos no nome do senhor Gaúdio, as pessoas só se detinham a falar sobre a sua morte e muitos chegaram a comentar que o crime aconteceu por motivos políticos. Procuramos a sua esposa, para que nos concedesse uma entrevista, mas por problemas de saúde isso não se fez possível.

um tempo bastante resumido, bem diferente das “autoridades” que disponibilizavam de um tempo bem maior para questionar ou se defender da pergunta feita pelo eleitor.

É importante acrescentarmos que em Pocinhos, como em Campina Grande, muitos locutores dos serviços de alto-falantes e posteriormente das rádios, entraram na vida política, pelos seus trabalhos e pela popularidade que acabavam por conquistar, muitos votos juntos à população<sup>130</sup>. O senhor Hermes foi vereador por um mandato, na década de 1960, chegando a ser o presidente da câmara durante seu período. Depois foi a vez da senhora Maria das Neves, ser vereadora por dois mandatos, entre as décadas de 1990 e os anos 2000. O filho mais velho do casal Hermes de Oliveira Filho, chegou a ser prefeito entre os anos de 1996 e 2000 e atualmente outro filho, conhecido pelo apelido de Bozó, é vereador na cidade. Como podemos notar a família Oliveira sempre esteve presente na política da cidade, e por serem os proprietários do Serviço de alto-falantes, não teriam como assumir uma posição de imparcialidade, como a senhora Maria das Neves nos disse, quando recordava das campanhas políticas que eram realizadas na “Voz de Pocinhos”, a política estava presente na vida da família, sendo praticamente impossível dissociar este fator do que era anunciado pela difusora.

Perguntamos em entrevista à senhora Maria das Neves, se o trabalho que a família realizava junto à população com o Serviço de alto-falantes teria contribuído de algum modo para que a família se tornasse conhecida e conquistasse a aceitação dos eleitores, segundo ela: “Eu acho que sim. Mas eu não me dou com isso não, eu gostei sabe de ter conhecido e é bom que a gente conheça! (...)”<sup>131</sup> Aqui ela diz que não gostou da experiência, mas que foi bom saber como são organizadas as leis do município, em uma cidade de pequeno porte, como é o caso desta cidade, a qual está localizada o nosso objeto de estudo, as tramas políticas são mais intensificadas, apresentando pontos convergentes, entre aqueles que fazem parte do governo que está na situação e os que fazem parte da oposição.

Não podemos dizer que a política na cidade de Pocinhos se deu da mesma forma no decorrer dos anos, muitas vezes, ela foi transformada, atendendo aos interesses, de

---

<sup>130</sup>Sobre a entrada dos locutores na política campinense, ver mais em: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. (org). **História da Mídia Regional: o rádio em Campina Grande**. EDUFCG/EDUEP; Campina Grande, 2006. Mais precisamente no segundo capítulo, onde a autora faz um estudo sobre rádio e política em Campina Grande.

<sup>131</sup>Entrevista concedida à autora em 21/09/2011.

um ou outro grupo, que estava no poder. A família Oliveira, esteve envolvida na política em diferentes períodos, em que diferentes situações estavam acontecendo, de ordem econômica, cultural e social na cidade. Quanto ao Serviço de alto-falantes ter contribuído, para que a família fosse eleita para diferentes cargos durante a história política da cidade, entendemos que ela ofereceu um fator positivo para a família, devido aos trabalhos sociais realizados e pelos demais trabalhos de comunicação, mas não foi o que determinou o êxito nas campanhas dos que estavam concorrendo aos cargos, existiram outros fatores que contribuíram também além destes, como as alianças políticas.

Esta seria a programação oferecida à população pelo Serviço, que até a década de 1970, contava com a locução do senhor Hermes de Oliveira Rocha e da sua esposa a senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha. Vez por outra contavam com a ajuda do senhor Antônio Fernandes Andrade, que tinha o apelido de Antônio do Cinema, que adolescente veio para Pocinhos ensinar como manusear os equipamentos do Cinema São José de propriedade do senhor Hermes e que com o passar dos anos passou a morar na cidade e pela proximidade que tinha com o senhor Hermes também prestava alguns serviços como locutor voluntário da “Voz de Pocinhos”.

Por sua vez, a programação da “Voz de Pocinhos” será a partir da década de 1980 modificada. É nesta década que será efetivamente organizada a programação musical e informativa com horários determinados, mas mesmo diante desta nova configuração, quando desejavam, os proprietários ligavam o Serviço sem que necessariamente fosse num horário de programas. A iniciativa para modificar a programação partiu de alguns jovens. Como nos relata o senhor João Evangelista Guimarães:

Bom né, como você sabe “A Voz de Pocinhos” é muito antiga, e foi mais ou menos na década de 80, a gente se reuniu com Bebeta que é filho de Dona Neves, eu e João Alexandrino, a gente começou a querer aproveitar mais aquele espaço da “Voz de Pocinhos” (...) <sup>132</sup>

O nosso entrevistado, ao afirmar que desejava “aproveitar mais aquele espaço da Voz de Pocinhos” faz uma representação da utilidade da difusora para a população,

---

<sup>132</sup>Entrevista realizada no dia 23/07/2011. O entrevistado tem 52 anos, e na década de 1980 participou do Serviço, sendo um locutor de um programa dominical.

sendo ela útil à população, poderia ser ainda mais, ao apresentar neste caso uma programação diferenciada. Estes programas ofereceram à população momentos de lazer que tanto podia agora contar com aquela programação musical em um horário fixo, bem como estar informado sobre as notícias locais e do país.

Como forma de ajudar na manutenção do Serviço, quanto aos gastos de energia elétrica, por exemplo, a iniciativa de uma programação fixa atraía a atenção dos comerciantes que viam no Serviço uma oportunidade de fazer anúncios. Sendo assim, os jovens que começavam a se tornar locutores do Serviço, viram nestes comerciantes uma oportunidade de conseguir algum patrocínio, mesmo que não quisessem, os jovens sempre acabavam conseguindo convencê-los que isto seria um bom negócio. Acompanhemos como era realizada tais propagandas, segundo o senhor João Evangelista Guimarães:

A gente em termo de patrocínio mesmo, de propaganda mesmo, a gente tinha propaganda de Zequinha, eu lembro muito da propaganda, como eu falei de Zequinha (risos) tinha uma gravada por Toinho, Toinho tinha uma voz bem... (forte) (encenação) “Mercadinho São José” (risos) ai a gente curtia com ele, aperiava com ele... E ele dizia: “eu não vou mais gravar isso não!” Eu lembro mais dele do que dos outros, não tinha muitos também não, o povo não queria gastar, mas a gente aperiava assim mesmo. A gente conseguia esses apoios ai ajudava a pagar a energia pra não ficar tudo sobre ela (Dona Maria das Neves) e comprava LPs (...) <sup>133</sup>

Os momentos em que eram gravadas estas propagandas mostram que eram marcados pela descontração, onde acabavam fazendo brincadeiras com aqueles que eram escolhidos para fazer a locução. O nosso entrevistado diz que tais propagandas eram feitas para se arrecadar dinheiro para que a despesa do Serviço, não ficasse a cargo dos proprietários<sup>134</sup>. Como foi citado pelo nosso entrevistado (os locutores) faziam estas propagandas de forma voluntária. Entretanto, acreditamos que faziam tais trabalhos mais como uma forma de “desencargo de consciência”, do que simplesmente como uma contribuição. Estes jovens sabiam que o ambiente onde estavam, era um ambiente privado e que caso os proprietários desejassem poderia a qualquer momento não mais

<sup>133</sup>Entrevista concedida à autora no dia 23/07/11.

<sup>134</sup>Durante a entrevista, o nosso entrevistado fala: “pra não ficar tudo sobre ela”, no caso, as despesas. Ao referir-se a “ela”, seria à Dona Neves, que também ajudava nos trabalhos e na administração do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” com o seu esposo.

autorizar a execução de tais programas, era preciso antes de qualquer coisa agradá-los, porque senão eles não poderiam levar a frente o projeto de “animar a juventude”.<sup>135</sup>

A ideia inicial de aumentar a programação do Serviço a partir de 1980 partiu destes três jovens: Zominho, João Alexandrino e Bebeta que com a permissão de Dona Neves, puderam assim, ter acesso aos microfones da “Voz de Pocinhos”. Decidiram então dividir os horários em que a programação seria realizada. O domingo foi o dia escolhido pelo senhor João Evangelista Guimarães, conhecido na cidade pelo apelido de Zominho, porque, esta seria uma forma de não se comprometer muito, de não ter o compromisso de ficar a semana toda trabalhando no Serviço. Acreditava que assim, seria melhor e que poderia se dedicar ao programa que iria realizar somente durante um dia, o horário escolhido era das 10:00h até às 12:00h da manhã.

O programa de Zominho<sup>136</sup> tinha como abertura a música “Milionário” dos “Incríveis”, esta música é instrumental e ao ser reproduzida a população já sabia que estava no ar o programa. Por ser uma composição instrumental, não temos como colocar aqui a letra para que os nossos leitores possam acompanhar a canção, enquanto estávamos construindo este trabalho sentimos o desejo de conhecer como seria esta canção, para assim tentarmos expressar aqui as sensações e sentimentos que a mesma poderia despertar.

Sabemos que as impressões são diferentes para cada pessoa e que cada qual apresenta uma sensibilidade, quanto ao que podemos sentir em relação a esta canção, ela nos despertou um sentimento de nostalgia, talvez por isto mesmo, a escolha já tenha sido proposital, porque as músicas que eram tocadas no programa eram de cantores que faziam parte da Jovem Guarda. Por isto, afirmarmos que tal escolha pela canção de entrada do programa não foi algo inusitada, era já um anúncio de volta ao passado, já que o auge da Jovem Guarda foi em meados da década de 1960 e o programa de

---

<sup>135</sup>Este foi um termo utilizado pelo entrevistado João Antônio Alexandrino, em entrevista no dia 01/09/2011. Ele foi um locutor que possuía um programa musical nos domingos à noite após a missa que ia até as 22:00 h. E quando perguntado o porquê de fazer um programa no Serviço, ele nos disse: para “animar a juventude”. Não é que a juventude da cidade não possuía outras formas de divertimentos, ou que as músicas que eram tocadas não agradavam a juventude. Ao usar o termo “animar a juventude” seria com o sentido de existir no Serviço um programa que fosse apresentado por jovens e em um horário em que na praça circulavam este tipo de público.

<sup>136</sup>O nosso entrevistado João Evangelista Guimarães, quando foi realizada esta entrevista disse que não recordava de como era o nome do seu programa na época, por isso para fazer referência ao programa do mesmo vamos chamar de o ‘Programa de Zominho’.



Zominho existiu na década de 1980. No trecho abaixo ele nos explica como era a estrutura musical do seu programa:

(...) O meu programa era variado, mais puxado muito para a Jovem Guarda, música de Roberto Carlos, Vanuza, aquele povo da Jovem Guarda, meu estilo era esse. Os The Fevers, aquela banda Os Incríveis, o meu repertório foi em cima da Jovem Guarda inclusive a abertura do meu programa era uma música instrumental dos Incríveis não sei se você conhece ‘Milionário’ instrumentalizada pela guitarra, não sei se você já ouviu. (...) <sup>137</sup>

O público adulto era o que mais interagiu com o programa de Zominho, porque pelo programa ser realizado nas manhãs de domingo, o nosso entrevistado acreditava que no horário das 10:00h até 12:00h, os jovens estariam dormindo. Assim, o programa era ouvido das residências, as pessoas não se dirigiam para a praça para se concentrarem de frente ao Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, a participação dos ouvintes dava-se por telefone, como ele nos diz: “(...) O meu era um programa que o pessoal ouvia de casa mesmo, telefonavam já tinha telefone na época e eles telefonavam pedindo música, fazendo oferecimentos. (...)” <sup>138</sup>

Entretanto, é importante destacarmos que, assim como esta programação que era realizada nos domingos pela manhã, era tida como um entretenimento para aqueles que gostavam de tal estilo musical, porém se tornava um incômodo para aqueles que não gostavam do mesmo. Diferentemente do rádio, em que o ouvinte pode escolher o que quer ouvir, por ter um receptor em sua casa, no momento em que não deseje mais ouvir tal programa ou notícia, o ouvinte pode desligar o aparelho, já com um serviço de alto-falantes isto não é possível, mesmo que não queira o ouvinte tem que ouvir aquilo que é colocado no ar, no nosso caso, o que era divulgado pela “A Voz de Pocinhos” <sup>139</sup>

Acompanhemos o que nos disse o senhor João Evangelista Guimarães (Zominho) sobre as críticas que seu programa recebia:

(...) Agora a gente teve uns probleminhas né... Como “A Voz de Pocinhos” era... É um alto-falante, tem gente que não tá a fim de ouvir música (risos) zuada e de vez em quando a gente recebia umas criticazinha e de ameaça que

<sup>137</sup> Entrevista concedida à autora no dia 23/07/11.

<sup>138</sup> Idem.

<sup>139</sup> Esta colocação foi feita pelo senhor João Antônio Alexandrino, ao reclamar de uma época que colocaram dois alto-falantes na rua da sua casa e segundo ele “ninguém podia dormir!” quando o Serviço era ligado. Em entrevista concedida à autora no dia 01/09/2011.

ia fechar,<sup>140</sup> ai já pensou dez horas da manhã então você quer dormir até mais tarde ai “A Voz de Pocinhos” ali e tome som até o meio-dia também para quem também morava ali no centro era muito ruim né? (...) <sup>141</sup>

O senhor João Evangelista reconhece que realmente era um incômodo ter que ouvir algo que não fosse do agrado, principalmente quando se queria dormir. Talvez naquele tempo, ele nem tenha percebido isto, mas que agora se coloca de forma clara para o mesmo. Interessante que pelo horário que era realizado o programa certamente quem mais reclamava eram os jovens, que neste horário estariam dormindo, já que pelo horário os seus pais estariam a realizar as suas tarefas diárias. No entanto, quando chegava à noite e após a missa era iniciado o Programa de João Alexandrino a juventude estaria na praça para ouvir o programa e se, de repente, surgissem críticas ou ameaças que o programa poderia não ser realizado, assim como acontecia com o Programa de Zominho, seguramente não faltariam defensores para o Programa de João.

O domingo era o dia escolhido para que houvesse uma programação voltada só para o entretenimento da população. Pela manhã, a programação ficava sob a responsabilidade de Zominho, durante à tarde dava-se uma pausa e o Serviço só era ligado novamente à noite, após a missa, quando o senhor João Antônio Alexandrino assumia os microfones e, segundo ele: “Pra animar a cidade porque depois da missa não tinha nada, pra animar a juventude, vamos ligar a difusora Dona Neves fazer música! eu pedia, e isso era bom demais” <sup>142</sup>.

O programa musical de João no domingo à noite era um sucesso de público, era iniciado em um horário em que muitos jovens estavam reunidos na praça ou haviam ido à missa e que após esta, pediam a seus pais para ficarem um pouquinho na praça. Era a hora perfeita para dar aquele passeio em volta da praça e assim poder passar pelo paquera e poder flertar.

O programa era iniciado por volta das 20:30h, porque dependia do final da missa para que pudesse começar e encerrava às 22:00h. Era até esse horário conforme nos indica o senhor João Alexandrino: “Dez horas, até dez. Depois das dez, silêncio, porque

---

<sup>140</sup>No sentido de acabar com o programa.

<sup>141</sup>Entrevista concedida à autora no dia 23/07/2011.

<sup>142</sup>Entrevista concedida à autora no dia 01/09/2011.

a cidade tinha que dormir (risos) dez horas todo mundo dormindo.”<sup>143</sup> é importante perceber como de certa forma o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” conseguiu prolongar os hábitos noturnos dos moradores da cidade de Pocinhos, que ficavam a passear e a conversar na praça até o fim do programa para que assim pudessem se recolher para os seus lares. O “barulho” só era permitido até às 22:00h, depois disso a cidade era tomada pelo silêncio. Se por ventura, na cidade não existisse tal meio de comunicação, é possível que o horário para que as pessoas se recolhessem para as suas residências, fosse antecipado para às 20:30h, quando terminava a missa dominical. Sobre os divertimentos oferecidos pela “Voz de Pocinhos” no domingo à noite, acompanhemos as memórias de Ribeiro (2010):

Quando terminava a missa dominical, todos saiam em direção à praça central, exceto as velhas beatas, mulheres casadas e as baratas de igreja. E como não havia outro divertimento, os jovens e as crianças maiores ficavam andando pelos seus passeios que eram iluminados com pequenos postes ornados com luminárias redondas, havia diversos bancos para sentar. Os meninos e as meninas sentavam nos bancos e ficavam conversando, paquerando e namorando, enquanto ouviam os novos *hits* pela difusora de seu Hermes, naquela época ainda não haviam chegado as canções dos Beatles e Rolling Stones, talvez pela dificuldade em obter os seus compactos, já que seu Hermes dispunha dos hits de Bob Dylan, que eram do mesmo tempo, mas já começávamos a ouvir alguma coisa da Jovem Guarda, como Roberto Carlos, Wanderléia, Chico Buarque e Os Incríveis, com seus hits de sucesso. Entretanto tocava-se muito Adilson Ramos, Teixeira, Nilton César, Saraiva e seu Sax, Ray Connif e Nelson Gonçalves. Naquela praça ficávamos até às dez horas quando a difusora parava de tocar, as garotas iam embora logo cedo, mas os rapazes e os mais velhos ficavam até mais tarde. (...) (RIBEIRO, 2010, p. 88)<sup>144</sup>

Desse modo, por meio deste relato, percebemos que era comum os jovens ficarem algumas horas na praça depois que terminava a missa para acompanharem a programação da difusora, que reproduzia músicas variadas. O que já indicava que na época mencionada, a acessibilidade aos discos, se tornava mais fácil, devido o barateamento dos mesmos. Assim sendo, havia uma grande participação do público jovem durante o programa de João e do locutor para com o público, para aqueles jovens que começaram a participar da programação do Serviço e que tinham programas em

---

<sup>143</sup>Idem.

<sup>144</sup>RIBEIRO, Hugo Marconi. **Candangos de motor de agave: Memórias de Pocinhos no apogeu do ciclo do sisal-1958 a 1968**/Hugo Marconi Ribeiro. João Pessoa: Ideia, 2010. Mesmo o livro remetendo ao final da década de 1960, o autor por vez, remete a períodos mais a frente.

outros horários, no domingo a noite mesmo sem ter necessidade, iam para o estúdio da “Voz de Pocinhos” ajudar no programa de João, eles não deixavam de ir, não porque eram gentis e iam dar uma “forcinha” ao amigo, mas iam para ficarem se exibindo nas janelas do estúdio para as mocinhas que passavam pela calçada. Uma vez sendo locutor, estes ganhavam alguns pontos com as garotas que estavam a paquerar. Podemos perceber que eles eram reconhecidos na cidade pelo o trabalho que faziam o que por vezes os ajudava nas suas relações afetivas, vejamos o que nos disseram os nossos entrevistados:

(...) Então quando ligava<sup>145</sup> o pessoal se aproximava, outros vinham pedir música era assim, sempre que encontrava na rua pedir para mandar um recado. Isso ajudava assim com as namoradas, tinha assim um prestígio... É tanto que o meu casamento começou através, aparecendo né, nos microfones e nos eventos, conquistando e paquerando também! (risos)<sup>146</sup>

(...) Lembrando um pouquinho, aí esse quarto dava para frente da casa que hoje eu acho que é o quarto dela<sup>147</sup>. E a gente ficava ali olhando o povo (da janela), da praça assim, como você sabe né, a praça no domingo era um show, principalmente no domingo, aí a gente aproveitava aí abria as duas janelas, parece que era duas ou era três janelas né, e enquanto tava tocando a música a gente ia se comunicando com o povo lá fora lá em baixo (risos) o povo pedia música, era bem interessante.<sup>148</sup>

---

<sup>145</sup> Quando o Serviço era colocado no ar.

<sup>146</sup> O entrevistado é o senhor Gilvan José da Silva, 46 anos, a entrevista foi realizada no dia 09/08/2011. Ele foi locutor de alguns eventos e programas do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, na década de 1980. Não chegou a ter um programa fixo, mas sempre auxiliava os locutores do Serviço e quando estes não podiam por algum motivo apresentar o programa, era ele quem os substituíam.

<sup>147</sup> Onde era localizado o estúdio da “Voz de Pocinhos”, na década de 1980.

<sup>148</sup> Entrevista concedida à autora no dia 23/07/2011.



**Imagem 6** - Casa e estúdio da “Voz de Pocinhos”. Na década de 1980, a difusora funcionava neste quarto onde a seta está indicando. Era dessas janelas que o nosso entrevistado na citação anterior, comentou que ocorria a interação com o público. Fonte: Acervo da autora.

Os relatos que nossos entrevistados expuseram anteriormente nos fazem refletir que cada qual ao expor suas memórias sobre como eram recepcionados pelos ouvintes, nos descreve aquilo que era mais interessante de ser dito, podendo estes relatos serem modificados todas as vezes que forem contados. O nosso primeiro entrevistado o senhor Gilvan José da Silva, afirma que ser locutor do Serviço Ihe dava um status, tanto que o seu namoro que depois veio a se tornar casamento começou por meio da “Voz de Pocinhos”. Já o senhor João Evangelista Guimarães, o Zominho, relembra que a localização do estúdio ajudava nessa interação com o público e porque não nas paqueras também. Tais narrativas são de grande valor, porque nos fornecem alguns indícios para que hoje, possamos conhecer alguns destes acontecimentos da época em que “A Voz de Pocinhos” oferecia estes momentos de entretenimento. Dessa forma, concordamos com Meihy (2005) quando diz que: Toda narrativa ela é construção, na qual é feita uma seleção de fatos e impressões. E toda vez que são reditas oferecem diferenças significativas.

Quanto às músicas que eram tocadas no domingo à noite, estas eram das mais variadas, mas geralmente eram canções românticas, uma das que eram muito pedidas

era ‘Colcha de Retalhos’, de Chitãozinho e Xororó<sup>149</sup> por ser sucesso na época que o programa esteve no ar. Havia um planejamento prévio do que seria feito no programa, relembra o senhor João Alexandrino que para diversificar a programação musical dos domingos, juntamente com os colegas que o auxiliavam, pediam emprestados discos de vinil para aqueles que tinham das músicas que a juventude gostava de ouvir como, por exemplo: Roberto Carlos, Chitãozinho e Xororó, para que eles pudessem tocar na “Voz de Pocinhos”.

As noites de domingo eram de diversão para aqueles que não tinham como escutar músicas durante a semana e que nas poucas horas que podiam ficar na praça desfrutavam de momentos de alegria e lazer, às vezes esperava-se a semana inteira pelo domingo à noite em que seria possível ter este divertimento. Algumas famílias já possuíam um aparelho de televisão em casa, mas a grande parte da população não possuía aparelho de rádio ou de televisão. Dessa forma, era na praça que havia o divertimento semanal e gratuito: “A Voz de Pocinhos”. Alguns dos nossos entrevistados nos relataram que o melhor deste programa, eram os “oferecimentos musicais” e os “recadinhos do coração” em que em meio ao mistério do anonimato daqueles que dedicavam tal canção a sua amada ou amado, ficava o segredo que durante a semana, deveria ser desvendado e quando isto não acontecia, o jeito era esperar pelo Programa de João e saber se seu amado ou amada teria novamente a coragem de revelar o seu amor através de alguma canção. Para muitos jovens apaixonados dos anos 1980, as noites de domingos guardaram muitas lembranças, assim podemos perceber nos relatos abaixo:

Ficava na praça namorando e mandando os recadinhos, ia lá: “mandar uma música pra minha namorada, mande aquela música...” E a gente (som de música) vai e manda música e manda música e a coisa ia acontecendo gostosa, saudável, né (risos)<sup>150</sup>

(...) depois da missa (...) ligavam a difusora, ai a gente ficava escutando música pela difusora e paquerando pronto (risos)<sup>151</sup>

(...) Agora o de João era bem melhor porque era o domingo à noite depois da missa é onde tava todos os namorados ali da praça, arruando a praça na

<sup>149</sup>Informações cedidas pelo senhor João Antônio Alexandrino em entrevista no dia 01/09/2011

<sup>150</sup>Entrevista concedida à autora no dia 1º/09/2011, pelo o senhor João Antônio Alexandrino.

<sup>151</sup>Entrevista concedida à autora no dia 13/09/2011, pela senhora Maria Marlene Chaves Silva, que foi ouvinte do Programa de João.

época, os jovens o pessoal os jovens, nós jovens ficava a diversão maior era ir para a praça no domingo. (...) <sup>152</sup>

(...) Havia os recadinhos românticos que variavam de níveis, dependendo da classe social de quem mandava. Um deles, só um, que guardei na memória me faz rir até hoje, (risos), digamos de ternura pela condição da paixão humana que foi o seguinte:” atenção, atenção, fulano de tal que está preso atrás das grades da lei, perca 5 minutos de seu precioso tempo e ouça essa canção que fulana lhe manda como prova de amor e carinho do fundo do coração. <sup>153</sup>

Sabemos que se não tivesse na cidade de Pocinhos, um meio de comunicação como este, os namoros teriam acontecido da mesma forma, por meio de outras formas de conquistas, mas poder paquerar ao som de músicas ou receber uma declaração em público, transformou as formas de namorar entre os jovens que vivenciaram esta época. Mesmo que em alguns casos quando se encontrassem privados da liberdade, poderiam ouvir o som da “A Voz de Pocinhos” que atravessava os muros e grades da cadeia municipal e alegrava o coração dos apaixonados.

Por fim, durante a semana a programação era diferente, tocava-se músicas, mas não na quantidade que eram tocadas no domingo. Já sabemos que quando desejava Dona Neves e seu Hermes ligavam o Serviço no horário que desejassem e tocavam músicas e davam avisos. No entanto, um dos seus filhos Herbert Oliveira que era conhecido pelo apelido de Bebeta, teve um programa todas as manhãs durante a semana que tinha como foco informar a população sobre notícias nacionais e locais, tinha entrevistas com prefeitos e vereadores, apresentavam serviços de utilidade pública como achados e perdidos e tocava-se músicas variadas, conforme o pedido dos ouvintes, o “Manhã de Sucesso”, tinha duração de duas horas por dia, começando das 9:00h até às 11:00h da manhã. Segundo o senhor João Evangelista Guimarães: “(...) O programa de Bebeta era muito bom, era completo porque ele tinha tudo. Ele era utilidade pública o tempo todo, tinha entrevista, tinha notícias, ele fazia muito bem o programa, ele era muito bem produzido. (...)” <sup>154</sup>. Este programa deve ter contribuído muito para a população estar informada, bem como modificou a rotina das pessoas que ouviam músicas e notícias pelas manhãs.

---

<sup>152</sup>Entrevista concedida à autora no dia 23/07/2011, pelo o senhor João Evangelista Guimarães.

<sup>153</sup>Entrevista concedida à autora no dia 22/03/2013.

<sup>154</sup>Entrevista concedida à autora no dia 23/07/2011.

E desse modo, esta foi a programação existente no Serviço até o final da década de 1980. Os nossos entrevistados não souberam informar quanto tempo cada programa durou, o programa de Zominho e o de João chegaram há durar alguns anos no Serviço, já o de Bebeta não conseguimos precisar a duração. Os motivos devem ser dos mais diversos para que estes programas fossem deixando de existir. Zominho ainda tentou arriscar um palpite sobre o porquê do fim destes três programas:

Olhe eu não sei se a gente foi acabando por etapa ou se a gente (pausa), por exemplo, eu desisti (sic) eu sei que não foram todos três de uma vez não. Eu acredito, por exemplo, que Bebeta ele, ele foi embora para Alagoa Nova né, casou-se foi embora para Alagoa Nova, ai com certeza desse tempo foi que ele acabou e a gente foi enchendo o saco, no popular, foi sinceramente eu nem sei dizer como foi que a gente parou... Naturalmente foi parando foi dando a preguiça foi furando uma vez, furando outra, ai... Pronto um dia não teve, foi perdendo... (o ritmo) <sup>155</sup>

Foram muitos os apelos para que voltassem com os programas do domingo e com o “Manhã de Sucesso”, que era produzido durante cinco dias da semana. Os nossos entrevistados nos afirmaram que a população sempre perguntava o porquê de não continuarem com tais programas, eles sempre justificavam que estavam cansados e isto deveria ser feito por outros jovens. Na realidade aqueles três jovens que desejaram aproveitar melhor o espaço da “Voz de Pocinhos”, cresceram e tiveram que assumir suas responsabilidades, não havia mais tempo ou empolgação para levar a frente tal projeto, uns tiveram que ir trabalhar em algo que lhes redesse alguma remuneração, já que o serviço que prestavam na “Voz de Pocinhos” era voluntário. No caso de Bebeta, este casou-se e foi morar em outra cidade. E assim o Serviço, aos poucos foi perdendo sua programação fixa, para voltar àquilo que era nas décadas de 1950, 1960 e 1970 em que não havia uma programação diária ou nos finais de semana. Mas nem por isso Dona Neves e Seu Hermes fecharam a sua difusora. Pelo contrário, quando menos se esperava ouvia-se pela cidade que estava no ar: O Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” com notícias, utilidade pública e músicas.

O espaço da cidade foi modificado pela existência do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” e por meio dos seus alto-falantes anunciou divertimentos, festividades e datas comemorativas, eventos que produziam sociabilidades entre os

---

<sup>155</sup> Idem.



habitantes e ouvintes da cidade de Pocinhos como poderemos ver a seguir. A população, com o passar dos anos participava mais deste serviço de comunicação e fazia da “Voz de Pocinhos” a sua voz cotidiana.

### CAPÍTULO III

#### VEM PARA RUA, PARA O CLUBE E PARA O CINEMA: “A VOZ DE POCINHOS” CONVOCA OS POCINHENSES PARA O LAZER E DIVERSÃO!

Estou mais triste  
Nesta triste noite fria  
Sem esperança  
que ela volte para mim

Minha saudade  
Transformou-se em agonia  
Estou mais triste  
Neste triste botequim

Beba comigo  
Companheiro de tristeza  
Traga seu copo  
E sente-se a minha mesa

Chore comigo  
Esse pranto emocional  
Não se envergonhe  
De chorar perto de mim

Porque a lágrima  
É o desabafo natural  
Entre dois copos  
E a mesa de um botequim

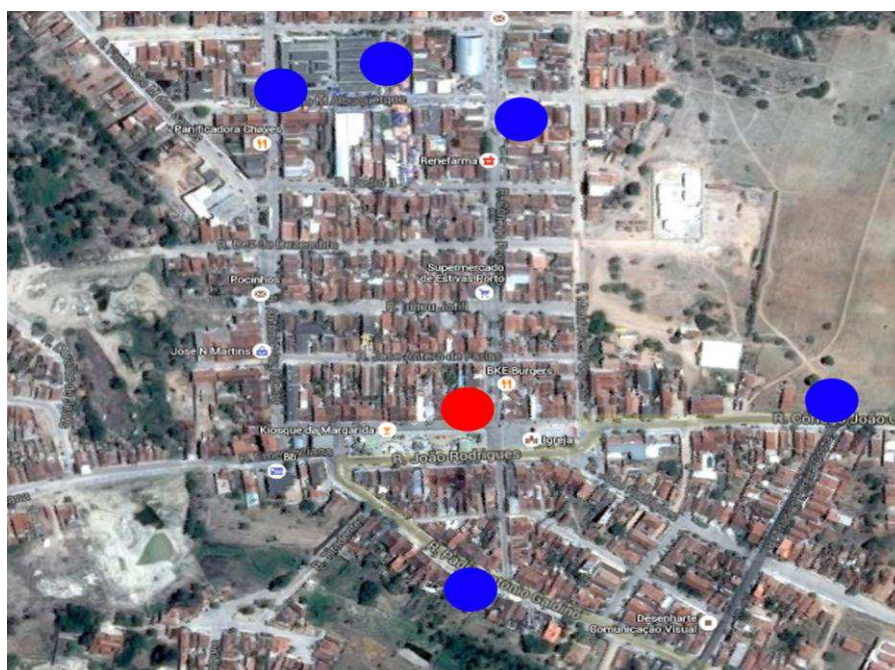
Liberte o peito  
Do amargor e da revolta  
Com mais um trago  
Deste traçado de anis

Faça como eu  
Acostume-se a derrota  
Pois a vitória  
Não pertence ao infeliz

Chore comigo (1960) Nelson Gonçalves

Ao longo deste trabalho, apresentamos aos nossos leitores, os elementos que contam como aconteceu a fundação deste meio de comunicação no município de Pocinhos, como também um pouco de como era a programação musical do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”. Por sua vez, com o surgimento da difusora, alguns eventos na cidade foram ressignificados, algumas festas foram criadas ou tiveram maior visibilidade, porque passaram a ser divulgadas pelo Serviço de alto-falantes.

Dessa forma, os sons que compõem a cidade eram transformados principalmente quando chegavam algumas datas no ano, a exemplo, no mês de junho, tocava-se mais xôte, baião, forró. Próximo à semana da independência do Brasil ou da festa da padroeira, o Serviço de alto-falantes modificava a sua grade musical, para tocar canções que estariam ligadas às festividades que estivessem próximas de acontecer, fazendo com que a população já pudesse “entrar no clima” do que em breve a cidade iria vivenciar. Conforme podemos acompanhar no mapa abaixo, a área de abrangência do som da “Voz de Pocinhos” era difundida por alto-falantes espalhados em alguns pontos da cidade, uma vez que a zona urbana é bem pequena e praticamente quase toda população podia estar em sintonia com as músicas e notícias divulgadas pela difusora.



-  **SERVIÇO DE ALTO-FALANTES “A VOZ DE POCINHOS”**
-  **DISTRIBUIÇÃO DOS ALTO-FALANTES NA CIDADE**

**Imagem 7-** Vista aérea dos bairros Jardim Etelvina e centro da cidade de Pocinhos. Fonte: Google Maps. Acesso em: 15/02/2016.

Neste capítulo, daremos uma pausa na programação interna da “Voz de Pocinhos” para conhecermos e analisarmos alguns eventos que aconteceram na cidade e que tiveram neste meio de comunicação o auxílio e divulgação para que em Pocinhos, a população pudesse estar informada sobre as festas, eventos e inaugurações que iriam acontecer.

A partir da década de 1950, a cidade de Pocinhos pôde contar com um meio de comunicação que além de transformar o cotidiano dos moradores com informações, notícias e músicas, contribuiu com a difusão, como também para a criação de alguns eventos sociais que movimentaram a cidade, estabelecendo outros espaços sociais e de convivência para a população pocinhense.

Contudo, se faz importante estabelecermos alguns pontos sobre o que vamos chamar de “espaços de lazer e divertimentos” e o quanto estes momentos contribuíram para “movimentar” a cidade. Neste sentido, não podemos associar a ideia de uma vida social, regada de festas que aconteciam com frequência ou com relação a uma vida agitada tal qual, podemos comparar com o que acontecia na época em grandes centros urbanos como eram as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Pocinhos, após conquistar a sua Emancipação Política,<sup>156</sup> ainda manteve relações com a cidade de Campina Grande, com a qual estabelecia não só trocas comerciais, como também tinha acesso a tudo que era produzido naquela cidade em termos de divertimentos e lazeres.

Mesmo sendo uma cidade de pequeno porte, em Pocinhos procurava-se reproduzir algumas das festas que eram realizadas em outras cidades. Os moradores, seguindo os seus hábitos e costumes, souberam muito bem aproveitar os eventos que foram criados, ou ainda puderam reinventar suas práticas sociais, a partir do surgimento do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”. Esta, por sua vez, construiu novas percepções da realidade e do mundo, junto aos ouvintes de diferentes faixas etárias. Ao assumir a divulgação de eventos que já existiam na cidade e ao criar alguns espaços de sociabilidades para os moradores da cidade.

---

<sup>156</sup>Para mais informações sobre a Emancipação Política de Pocinhos ver segundo capítulo deste trabalho.

A experiência vivida em Pocinhos se aproxima muito do que Souza (2006) vai comentar acerca dos divertimentos realizados em Campina Grande, depois da chegada do rádio. Vejamos:

Alguns divertimentos públicos já existiam na cidade de Campina Grande desde o começo do século XX, mas alguns deles só passaram a ser notícia ou obtiveram um maior sucesso a partir do momento em que foi inaugurado na cidade um equipamento moderno, revolucionário, divulgador e, de certa forma, organizador de todos os eventos, festividades e mesmo desavenças políticas e sociais que ocorreram na mesma a partir de 1949: o rádio. (SOUZA, 2006, p. 19)

Como já podemos acompanhar, analisamos como era realizada a programação do Serviço de alto-falantes desde a informal até a criação de uma programação fixa na década de 1980. Esta foi utilizada pela população que podia estar em contato com músicas variadas e informações, que mesmo não sendo um evento propriamente dito, transformava-se em um, porque oferecia um momento de descontração para a população, principalmente nos finais de semana<sup>157</sup> e quando aproximava-se alguma data comemorativa, esta só vinha complementar os momentos de descontração e lazer que eram oferecidos pela “A Voz de Pocinhos”.

### **3.1 – Carnavais: festa da fantasia e do brilho**

Na década de 1960, Pocinhos ganhou um espaço fechado para alguns eventos na cidade. Assim após a criação do Pocinhos Clube, algumas comemorações passaram a ser realizadas naquele local, a exemplo dos bailes de carnaval. Era uma opção de divertimento para aqueles que podiam pagar e assim desfrutar de algo mais organizado, já que era um ambiente fechado e para freqüentar o mesmo deveria se ter alguma condição financeira. Este lugar passou a ser um espaço “controlado”, onde não era qualquer pessoa que poderia participar de tais eventos. Sob a responsabilidade do proprietário da “Voz de Pocinhos”, era bastante comum que os eventos que fossem acontecer naquele clube fossem divulgados pelo Serviço de alto-falantes, como era o caso dos bailes de carnavais, das festas juninas e dos desfiles para a escolha da “Miss Pocinhos”.

---

<sup>157</sup>Principalmente na década de 1980, para mais informações sobre como era a programação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, consultar segundo capítulo deste trabalho.

Os bailes de carnavais<sup>158</sup>, assim como as festas juninas, tanto aconteciam no Pocinhos Clube como nas ruas da cidade, ao som da “Voz de Pocinhos” as pessoas nos dias de carnaval brincavam na rua ao som das marchinhas que tocavam no Serviço:

Allah-lá-ô,ô,ô  
 Mas que calor, ô,ô,ô,ô  
 Atravessamos o deserto do Saara  
 O sol estava quente  
 Queimou a nossa cara (...) <sup>159</sup>

Usávamos carros (carreatas) ou grupos de pessoas com batucadas desfilando pelas ruas; assim como muita água em baldes, bombas confeccionadas ou compradas... E maisena, talco para melar. Então lembro muito do Pocinhos Clube era todo mundo fantasiado e na rua a gente brincava ao som da “Voz de Pocinhos” (...) <sup>160</sup>

Os divertimentos nos dias de carnaval eram diferenciados, tanto no Pocinhos Clube como nas ruas, como podemos perceber no relato da senhora Gildete Jacinto Silva que nas ruas as brincadeiras eram informais, porque cada um fazia sua fantasia ou não e se divertiam da forma que desejassem embalados pelo som que saía dos alto-falantes da “Voz de Pocinhos”. Para aqueles que iam para o clube havia os bailes de carnaval e os participantes deveriam ir todos fantasiados, como podemos ver nestas fotografias logo abaixo:

---

<sup>158</sup>Havia as brincadeiras nas ruas e no Pocinhos Clube durante o carnaval, mas as festas, de fato que contavam com um maior numero de pessoas na cidade eram as festas juninas e a festa da padroeira, no mês de dezembro.

<sup>159</sup>Marchinha carnavalesca de composição de Haroldo Lobo e Nássara (1941) Fontes: <https://pt.wikipedia.org> acesso em: 08/02/2016 e <https://www.lettras.mus.br> acesso em: 08/02/2016. Em entrevista a senhora Gildete Jacinto Silva, no dia 10/04/2013, perguntamos se ela recordava de alguma marchinha que era tocada na “A Voz de Pocinhos” nos bailes de carnaval e ela lembrou deste trechinho e mesmo sendo uma marchinha feita na década de 1940, era tocada na década de 1980.

<sup>160</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 10/04/2013. A entrevistada é a senhora Gildete Jacinto Silva, 54 anos, professora ela nasceu e cresceu na cidade de Pocinhos, e como moradora da cidade sempre participou dos eventos que eram organizados pela “A Voz de Pocinhos” tanto nas ruas como no Pocinhos Clube.



**Imagem 8-** Baile de Carnaval no Pocinhos Clube 1979. Na fotografia estão a senhora Gildete, ao seu lado Ubiratan Cirne, Ricardo Victor, Marconi Câmara, Neilton Guedes e Hélio Souto. Fonte: Acervo da senhora Adriana Souto da Silva.

Quando não se tinha condições de fazer as fantasias, os jovens conseguiam fantasias emprestadas e formavam blocos. A senhora Gildete Jacinto Silva, que está nesta fotografia nos explica o que era esta fantasia que seus colegas vestiam:

Eu tinha 17 anos. Na época, todos iam para o baile fantasiados. Estas fantasias dos meninos era das senhoras que faziam parte das Amigas do Lar<sup>161</sup>, eram pijamas da época, que eles pediram emprestado para brincar o carnaval naquele ano.

---

<sup>161</sup>As “Amigas do Lar” foi uma associação de senhoras da cidade de Pocinhos, que foi formada com a finalidade de fazer obras de caridade na cidade.



**Imagem 9-** Infelizmente não conseguimos identificar o ano que aconteceu este carnaval, nem todas as mulheres desta fotografia, só Lucia Victor que está no meio em pé. Fonte: Acervo da senhora Adriana Souto da Silva.

Em alguns anos, foram realizados concursos de fantasias. Antes do carnaval, anunciava-se na “Voz de Pocinhos” que estavam abertas as inscrições e que os grupos deveriam então se organizar e confeccionar as fantasias. No dia de carnaval que era escolhido para fazer o concurso “A Voz de Pocinhos” instalava os equipamentos de som no Pocinhos Clube e a senhora Maria das Neves fazia a apresentação do concurso e a animação da festa.

### **3.2- A diversão do julgamento do Judas, dos festivais de argolinhas, do cine São José e dos shows de calouros**

Depois do carnaval, a Igreja Católica vivencia um período chamado de Quaresma, que são os quarenta dias de preparação para a Páscoa. O início da quaresma se dá na quarta-feira de cinzas e termina no domingo de Ramos. Durante os quarenta



dias que precedem a Semana Santa e a Páscoa, os cristãos dedicam-se à reflexão, a conversão espiritual e se recolhem em oração e penitência para lembrar os 40 dias passados por Jesus no deserto e os sofrimentos que Ele suportou na cruz. A tradição do Judas acontece geralmente no sábado de Aleluia. Por sua vez, na cidade de Pocinhos, a tradição acontece nos domingos de Páscoa pela manhã, uma tradição de longos anos como nos conta o senhor Cleodomilson Chaves de Araújo<sup>162</sup>:

Quando terminava a missa de 8:30 para 9:00 hs, os cabas pegava quem tivesse buscapé, bacamarte, arma pesada<sup>163</sup>, minha amiga! Olha os cabos de aço amarrado no Judas lá em cima. Torava o pau e o arame lá em cima, ai quando aquele Judas caia lá dentro daquele cercado, a turma caia em cima (risos) era um querendo sapato, outro arrancando relógio, outro querendo os óculos, outro queria o chapéu (risos) ai vinha aquele quebra-quebra. Era bom demais! Eu tinha de 13 para 14 anos era muito novo, era o quebra-quebra. Terminava com o bagaço do Judas dentro do açude, ai voltava para a praça e ia fazer o atestado do Judas, o atestado, era bonito! O negócio era bonito e bem feito! O cara sabia fazer! O Severino Grande era um poeta! Depois dessa hora que começava a ler o atestado, Pocinhos parava para ouvir. Passava a semana todinha os velhos comentando “falou da roupa de sicrano, falou da mulher de fulano”. Seu Hermes deixava ler na “Voz de Pocinhos”, sempre deixava, porque ele gostava da bagunça (risos), muitas vezes quem lia era Dona Neves entregavam o testamento a ela e ela fazia a leitura. Hoje quando traz o Judas é aquela festa, naquele tempo ninguém via não, a surpresa naquele tempo era você chegar na praça e ver quem era o Judas, se era um casal, se era um só. Sempre era um casal. O suspense era você ir à missa e ver o Judas, hoje não quando tem o Judas, vem aquele carro, os caras soltando pistoletas, fazendo aquela festa e bota lá, depois balança a vara para o Judas cair. Naquele tempo era na bala, a cabeça do Judas era um cabaço cheio de uma tinta vermelha, de repente pá (risos) era o “sangue” para todo lado, descia melando a roupa e tome bala, dava um tiro no peito e o peito estufava (risos), o negócio era legal! E o povo na praça, era emoção. Era derrubando o Judas e depois lendo o testamento do Judas. Tinha que haver a matança do Judas para fechar a semana santa, se não tivesse o Judas não tinha semana santa! As mulheres iam ouvir o testamento para saber das safadezas dos maridos, depois era tudo se separando, todas as histórias que se descobria, contavam no Judas.

Como podemos perceber o relato do nosso entrevistado, havia uma grande expectativa em torno da tradição do Judas, que animava a cidade no domingo de páscoa. Desde o descobrimento do Judas no meio da praça, colocado em frente à Igreja Matriz e

<sup>162</sup>Entrevista concedida à autora no dia 20/02/2016, o entrevistado é o senhor Cleodomilson Chaves de Araújo, 62 anos, advogado.

<sup>163</sup>As memórias do senhor Cleodomilson Chaves de Araújo remetem aos acontecimentos do final da década de 1960 em diante. O uso das armas era para que o boneco que representava o Judas fosse derrubado do lugar onde o mesmo havia sido pendurado.

ao Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, uma vez que após derrubarem o Judas (ou o casal de Judas) e ocorrer a divisão das partes que os formavam, a população continuava concentrada na praça para acompanhar a leitura do testamento do Judas que acabara de ser morto e arremecado no açude que ficava próximo à praça. “Pocinhos parava para ouvir”<sup>164</sup> o testamento, assim nos afirma o nosso entrevistado e por meio dos alto-falantes, já que além de contribuir para a divulgação do testamento, os proprietários da “Voz de Pocinhos” acabavam também participando ativamente, por gostarem deste momento de descontração. Sendo assim, os segredos de traição, apelidos e tudo aquilo que servisse de motivo para o riso, era revelado para aqueles que tanto acompanhavam a leitura do testamento na praça, como das suas residências<sup>165</sup>. A fotografia abaixo nos dá uma idéia de como era realizada esta tradição na cidade e como a população se fazia presente em praça pública.



**Imagem 10-** Casal de Judas e mais ao fundo da imagem é possível ver um alto-falante no alto de um poste – década de 1990. Fonte: Acervo da autora.

<sup>164</sup>Entrevista concedida à autora no dia 20/02/2016

<sup>165</sup>Durante muitos anos a tradição do Julgamento do Judas foi realizada, por sua vez, depois do ano de 2005 havia um pároco na cidade, que por não concordar como o testamento era feito, por causa das discórdias que gerava, acabou com a tradição na cidade. Somente a partir de 2014 que houve uma retomada da prática após a mudança do pároco na cidade. No entanto, o julgamento do Judas passou por algumas reformas tanto na apresentação do(s) boneco(s) como na elaboração do testamento.

### 3.2.1- Festivais de argolinhas

Outro momento de locução que o senhor Hermes gostava de realizar, era de narrar as “argolinhas”, conhecida também por cavalhada. Sua origem é de Portugal e foi implantada no Brasil ainda no período colonial<sup>166</sup>. Em Pocinhos, eram realizadas freqüentemente e contavam com a participação de muitas pessoas que assistiam e torciam pelo cavaleiro de seu agrado<sup>167</sup>, certamente atraía muita atenção das moças, que viam os rapazes disputarem entre si para conquistarem o primeiro lugar.



**Imagem 11-** Não conseguimos identificar em que ano foi realizada essa fotografia. Fonte: Acervo da senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha.

Nesta fotografia observamos o senhor Hermes com o microfone em mãos, porque sempre levava o equipamento de som para o local, onde iria acontecer o evento,

<sup>166</sup>O torneio era realizado na cidade seguindo alguns critérios, que podem variar de lugar para lugar. Com alguns cavaleiros, que a postos com uma vara na mão, tentavam acertar as argolas que ficavam a alguma distância destes. A aquele que conseguisse ao final de algumas rodadas ter “pegado” com a vara o maior número de argolas, era o vencedor.

<sup>167</sup>Estas informações nos foram concedidas pela senhora Maria das Neves, em entrevista no dia 21/09/2011.

a frente de três cavaleiros em uma argolinha. Não foram identificados, quem eram estas três pessoas que certamente tinham ou iriam concorrer à argolinha.

### 3.2.2- O cine São José

Temos conhecimento que desde o final da década de 1950, a cidade de Pocinhos já possuía um modesto cinema, que com o passar dos anos foi sendo aumentado até chegar a ocupar um prédio atrás da Prefeitura Municipal que era de propriedade da Paróquia. O cinema, ou como era mais conhecido, o Cine São José, era administrado pelo o senhor Hermes, mesmo proprietário da “Voz de Pocinhos”. O Cine São José era utilizado para oferecer divertimentos para a cidade, sendo o ponto de encontro de pessoas de diferentes faixas etárias.

O cinema foi utilizado como forma de lazer e divertimento em várias cidades, como a exemplo de Campina Grande e Recife<sup>168</sup>, em Pocinhos a experiência do cinema, revelava que a cidade, adotara costumes noturnos, que associados ao Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, tornavam-se as principais formas de divertimentos da cidade, já que funcionavam regularmente. Diferentemente de outros eventos, como os concursos de carnavais, as festas juninas, desfiles cívicos que tinham datas específicas para acontecerem e não se repetiam em outras datas durante o ano.

Podemos dizer que o Cine São José e o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” trabalhavam em “conjunto” para animar e levar entretenimento para a população que podia frequentar esse local. Já que era paga uma quantia para se assistir um filme ou apresentação, para aqueles que não podiam pagar, restava somente participar dos divertimentos realizados ao ar livre, nos quais não se pagava nada para participar. Assim, na cidade, o que de mais diferente tinha, antes do cinema e da “Voz

---

<sup>168</sup>Para saber sobre as experiências do cinema em Campina Grande e em Recife consultar: ARANHA, Gervácio Batista. **Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925)**. 2001.461p. Tese. (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Programa de Pós-Graduação em História Social do Trabalho) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo. e SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965)**. 2002. 445p. Tese. (Programa de Pós-Graduação em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco. Nas suas teses, estes autores falam um pouco sobre as experiências que o cinema provocou em Recife e em Campina Grande.

de Pocinhos”, era a realização das missas no sábado e no domingo à noite, depois disso as pessoas iam para as suas casas.<sup>169</sup>

Existiam diferentes horários de exibição dos filmes, para atender aos diferentes públicos, antes da exibição do filme, era anunciado no Serviço de alto-falantes qual era o filme que seria exibido, para assim despertar a curiosidade nas pessoas para que elas fossem assistir ao filme, como diz o ditado popular “a propaganda é a alma do negócio”.

Agora vamos observar o que nos disse a senhora Maria das Neves: “(...) anunciava aqui e eu ia pra bilheteria vender, Arnaldo Herculano que já morreu e que era muito amigo da banda de música ia me ajudar, ficava na portaria vendendo ingresso. (...)”<sup>170</sup> por meio desta fala, acreditamos que a população comparecia ao cinema no dia da sessão, e o número de pessoas era grande, já que a senhora Maria das Neves ficava na portaria e outra pessoa ficava na porta vendendo também bilhetes, o que, pelo visto, sozinha na bilheteria, ela não dava conta da demanda.

Este fato revela que, possivelmente, a propaganda pelo Serviço de alto-falantes surtia efeito. Segundo a senhora Maria das Neves: “(...) era muito bom, cada filme passava aqui o primeiro filme que passou foi Mar sem fim (1955), passava de Mazzaropi também. (...)”<sup>171</sup> que atraía a atenção dos telespectadores. Também não podemos generalizar ao afirmar, que sempre seria dessa forma, já que nos últimos anos de existência do cinema, qualquer tipo de atração que chegasse à cidade, como um circo, já levava consigo uma boa parte do público que ia ao cinema<sup>172</sup>.

Mas, tinha gente que não ia só para o cinema para assistir filme não, o cinema era ponto de encontro de amigos e familiares, mas também era uma forma de paquerar aquele rapaz ou aquela moça por quem se estava apaixonado. Assim nos disse a senhora Maria Marlene Chaves Silva, ao confirmar que o cinema propiciava estes espaços de convivência para os apaixonados:

(...) Mais era bom, era bom, hoje não é mais fácil né (sic) era novidade, porque não tinha nada, ai quando como o Cine São José naquela época não

<sup>169</sup>Estas informações nos foram concedidas pela senhora Maria Marlene Chaves Silva de 63 anos, moradora da cidade, nesta época em que ela nos fala, ela tinha em média entre 13 e 15 anos.

<sup>170</sup>Entrevista concedida à autora no dia 21/09/2011.

<sup>171</sup>Idem.

<sup>172</sup>Esta informação nos foi concedida pelo senhor Antônio Fernandes Andrade, em entrevista no dia 26/08/2011.

tinha televisão, aí era os encontros dos namorados no final de semana, aproveitar para ver a namorada pra assistir um filme, porque não tinha em casa, hoje tem em casa, o povo nem liga pra cinema, né?<sup>173</sup>

Aqui a senhora Maria Marlene tenta nos mostrar a diferença entre as formas de divertimentos da cidade no seu tempo de adolescente e os de hoje (a televisão), e como hoje é difícil encontrar no cinema, um espaço destinado exclusivamente para a exibição dos filmes. Já que nos dias atuais, só temos acesso as salas de cinema, disponíveis em *shoppings*, não há mais o encanto de outrora, sendo possível assistir a um filme em qualquer lugar hoje, sem que necessariamente seja nos “cinemas” que hoje temos à disposição.

O cinema em Pocinhos não servia só para a exibição de filmes, servia também para as apresentações de importantes cantores da época como Luiz Gonzaga, Teixeira, Marinês e Sua Gente, entre outros. Contudo, antes das apresentações, “A Voz de Pocinhos” fazia toda a propaganda motivando as pessoas, para irem prestigiar este evento na cidade. Relembrem os nossos entrevistados, a senhora Maria das Neves e o senhor Antônio Fernandes Andrade sobre as visitas destes artistas:

É teve muito shows, sempre tinha muitos shows aqui, inclusive quando eu cheguei aqui teve uma orquestra aqui, a orquestra de Raul de Barros que tinha se apresentado no Clube né, mas antes foi para o cinema foi uma festa muito bonita e o cinema encheu com essa, esse, essa banda que veio de fora. Divulgava através da “Voz de Pocinhos”. Todas as festas eram divulgadas através da “Voz de Pocinhos”. É depois teve aqui Luiz Gonzaga, teve Marines e Sua Gente, é Ademar Silva. Teixeira, Teixeira foi super, super lotado o cinema, eu não sei como pegou tanta gente para ir assisti-lo. Ainda lembro como se fosse hoje.<sup>174</sup>

(...) teve tanta coisa mulher que foi transmitido pela “A Voz de Pocinhos”, os cantores que vieram aqui em Pocinhos, Luiz Gonzaga veio duas vezes, Teixeira o cinema quase cai de tanta gente, Marines e Sua Gente, Alcides Gerárdi (...) <sup>175</sup>

Ambas as falas, remetem ao sucesso que estas apresentações tiveram aqui na cidade. Momentos que muitas vezes eram esperados com muita ansiedade, pela

<sup>173</sup>Entrevista concedida à autora no dia 13/09/2011. A entrevistada é uma senhora de 63 anos, moradora da cidade, trabalha atualmente como agente de saúde e quando criança participou dos shows de calouros que eram organizados pela “A Voz de Pocinhos” e era realizado no prédio do Cine São José.

<sup>174</sup>Entrevista concedida à autora em 26/08/2011

<sup>175</sup>Entrevista concedida à autora em 21/09/2011.

população, para poderem ver bem de perto, os artistas que na época eram ouvidos pela “A Voz de Pocinhos” e embalava os encontros entre as famílias, namorados e amigos, que após a missa se encontravam na praça para passear. Desse modo, confirma a senhora Maria Marlene: “(...) era isso que tinha ai a gente se arrumava pra ir para missa se arrumava e depois da missa ficava né, na praça. Era só o que tinha, ligavam a difusora, ai a gente ficava escutando música pela difusora, paquerando e pronto! (risos)”<sup>176</sup>

### 3.2.3- Os Shows de Calouros

*“Esta noite eu chorei tanto  
Sozinha, sem um bem  
Por amor todo mundo chora  
Um amor todo mundo tem  
Eu, porém, vivo sozinha  
Muito triste, sem ninguém.”<sup>177</sup>*

Naquela voz que é ouvida pelos alto-falantes ou pelo rádio (no caso de outras cidades, como Campina Grande) que ecoava pelas casas e ruas, cada pessoa poderia colocar no seu artista, “o rosto e o corpo dos seus sonhos.”<sup>178</sup>. Talvez ao saber da notícia que o artista, que encantava pela voz e povoava o imaginário de muitas pessoas com o rosto e o corpo que qualquer um poderia criar, fazia surgir um grande desejo de vê-lo como realmente era, e assistir a uma apresentação deste artista, tornava-se uma oportunidade imperdível.

Muitas pessoas encantadas com os seus artistas sonhavam também em elas mesmas serem artistas um dia. Em Pocinhos, certamente este sonho deve ter passado pela cabeça de algumas pessoas que chegaram a participar dos shows de calouros, que eram organizados pela “A Voz de Pocinhos” e apresentados no prédio do Cine São José, nos dias que não era exibido algum filme.

Os shows de calouros foi uma forma encontrada pelo Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” para animar a cidade quando não havia outra diversão no local. Era marcado um dia em que iria ser realizado o show de calouros, em seguida era anunciado por Dona Neves que estavam abertas as inscrições para os interessados. Podiam

<sup>176</sup>Entrevista concedida à autora no dia 13/09/2011.

<sup>177</sup>Garota solitária, cantada por Ângela Maria, composição de Adelino Moreira. Fonte: <http://www.vagalume.com.br> Acesso em 23/02/2016. Esta foi a canção cantada por nossa entrevistada a senhora Maria Marlene Chaves Silva quando fez a sua apresentação no show de calouros.

<sup>178</sup>Nicolau Sevckenko – “A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio” in: **História da Vida Privada no Brasil**; São Paulo: Companhia das letras, 1998, vol.3.p. 586.

participar crianças e adultos, não era cobrado nenhum valor pela inscrição, mas para assistir ao show era preciso pagar uma entrada. As pessoas que participavam do show de calouros não recebiam nenhum valor, mas eram “atrações” que faziam com que os organizadores conseguissem ganhar algum dinheiro com estas apresentações. Os shows de calouros animava sim a cidade, mas para sua realização, não era só este o fator determinante, como podemos perceber, existiam também interesses econômicos.

A senhora Maria Marlene Chaves Silva, quando tinha entre oito e nove anos de idade chegou a participar duas vezes desses shows de calouros. Vejamos como se dava a preparação:

(...) eles faziam a propaganda que ia ter, aí as pessoas procurassem pra se inscrever. Aí pronto a pessoa se inscrevia e em casa mesmo que ia, ia (risos) ensaiava tudinho pra se apresentar. É pelo menos a música a pessoa escolhia e a roupa tudo era a vontade não tinha nada assim... (planejado).<sup>179</sup>

Cada participante, ao seu modo, procurava ensaiar a música do seu cantor preferido e preparava como seria a sua apresentação, para assim conquistar o júri e a platéia que estavam atentos a tudo, esperando apenas um “deslize” do candidato para reprovar o seu show. Quanto ao figurino, cada um planejava a roupa que iria usar, mas sempre havia uma ou outra pessoa que certamente iria tentar ficar o mais parecido possível com o seu ídolo.

Ainda conforme as lembranças da senhora Maria Marlene, podemos entender como se davam estas apresentações:

(...) era bem assim movimentado, eu sei que dava bastante gente. Aí ali tinha uma classificação, quem cantava melhor com o júri, eu também não sei quem participava desse júri. Aí pronto dava uma nota, aí quem tinha ganhado ali, ganhava o prêmio. Era coisa simples, era só incentivo mesmo.<sup>180</sup>

Por este relato, podemos perceber que os shows de calouros eram organizados contando com a presença de um júri, que dava uma nota e um “prêmio”, que poderia ser

<sup>179</sup>Entrevista concedida à autora no dia 13/09/2011.

<sup>180</sup>Idem.



um sabonete ou um chocolate, ao candidato que ganhasse a competição. Ainda para aqueles que melhor cantassem iam se apresentar em Campina Grande, nos shows de calouros que eram organizados nos auditórios das rádios daquela cidade. Enquanto isso, em Pocinhos as pessoas ouviam e torciam por meio da “Voz de Pocinhos” para o candidato que lá estava para representar a cidade, quando Dona Neves ouvia as informações pelo rádio e transmitia pela difusora para os ouvintes que não possuíam rádio em casa. E nesses momentos a cidade encontrava formas para se divertir ou mesmo as pessoas encontravam alguns motivos para sair de suas casas e mudar a rotina.

### **3.3- As festas juninas de Pocinhos**

Em Pocinhos, assim como em muitas cidades do Nordeste brasileiro, são celebradas no mês de junho, as festas em homenagem aos três santos (Santo Antônio, São João e São Pedro) e dessa forma, sendo um costume na região, devem-se compreender tais festas como cheias de significados que envolvem não só aspectos sócio-históricos, mas também os significados simbólicos que tais eventos proporcionam nos lugares onde são realizados. Dessa maneira, nesta cidade estas festas tornaram-se uma tradição, uma tradição inventada como afirma Hobsbawn e Ranger (1984):

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual e simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSEBAWN & RANGER, 1984, p.09)

Utilizamos o conceito de “tradição inventada”, porque as festas juninas enquanto tradição foram transformadas pela intervenção do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, a partir de 1951. Essas festas, que tinham como ambiente a zona rural, ganharam espaço na cidade. Dessa forma, entendemos que, as festas juninas foram reinventadas conforme eram celebradas em espaços diferentes. Tornando-se um evento celebrado tanto pela população rural quanto pela população urbana.

Contudo, para compreendermos como eram realizadas as festas juninas na cidade de Pocinhos, recorreremos ao estudo realizado por Elayne Oliveira Rodrigues no seu trabalho monográfico “*Da Tradição à Modernização: O São João em Pocinhos-PB*”

(1958-2011)” em que a autora faz um análise destas comemorações na zona rural e urbana. Por sua vez, o nosso intuito é apresentarmos aos nossos leitores como estas festas que eram realizadas no espaço urbano e como o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” contribuiu para que esta tradição pudesse permanecer associada aos elementos que a cidade oferecia a sua população.

Na década de 1950, o São João no espaço urbano de Pocinhos era tranquilo e só diferenciava-se das festas juninas da zona rural porque nos sítios existiam os famosos forrós pé-de-serra. Vejamos o que diz Elayne Oliveira Rodrigues de como eram feitas as comemorações na cidade:

No espaço urbano em Pocinhos as festas juninas também eram comemoradas com as famílias, fazendo suas festas em suas residências juntamente com os vizinhos mais próximos. Reuniam-se à ‘boca da noite’ era como chamavam o anoitecer, mais ou menos de seis da tarde, hora de acender as fogueiras em frente às casas, e reunia a família ao redor da fogueira, assando milho verde nas brasas da fogueira, as crianças soltando fogos de artifícios, e moças loucas para casar fazendo suas adivinhações e superstições (...) essa era uma típica noite de São João das famílias da cidade de Pocinhos. (RODRIGUES, 2011, p.34)<sup>181</sup>

Mesmo não tendo “os forrós” ao vivo, podia-se ouvir ainda nestas noites ou nos dias que antecediam à festa, músicas que o senhor Hermes tocava na “Voz de Pocinhos” o que já poderia ser uma preparação para as comemorações que se aproximavam. No entanto, a partir da década de 1960, o senhor Hermes junto com outros sócios fundaram um clube social na cidade<sup>182</sup>, já que na época não havia nenhum ambiente fechado para que fossem realizados alguns eventos, eventos estes que se poderia escolher<sup>183</sup> quem poderia ou não participar dos mesmos. A estas práticas, entendemos que a delimitação deste ambiente, direcionado para a realização de festas, vai passar pelo o que Certeau (2012) definiu como espaço. Vejamos:

Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e variável de tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram.

<sup>181</sup>Para mais informações de como eram realizada as festas juninas em Pocinhos ver: RODRIGUES, Elayne Oliveira. Da Tradição à Modernidade: O São João de Pocinhos- PB. (1958-2011). 2011. 101p. Monografia. (Unidade Acadêmica de História e Geografia) Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, Paraíba, Brasil. (p. 34)

<sup>182</sup>O senhor Hermes de Oliveira Rocha foi o primeiro presidente deste Clube.

<sup>183</sup>Escolher no sentido que para participar de alguma festa no Clube, deveria se pagar um bilhete, então entendermos que não era qualquer pessoa da cidade que poderia freqüentar tal lugar.

Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço estaria para o lugar como a palavra falada, isto é quando é percebida na ambigüidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo) e, modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas. (...) (CERTEAU, 2012, p.184)

O espaço do Pocinhos Clube representou para a cidade de Pocinhos, o que Certeau (2012) vai chamar de “lugar praticado”, ao ser criado este espaço tornou-se um ambiente que inicialmente, teve por objetivo oferecer à população pocinhense, um espaço de sociabilidade e divertimento. A criação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” e alguns anos mais tarde do Pocinhos Clube, mostram que a cidade buscava modernizar-se e assim oferecer espaços de sociabilidade e entretenimento para sua população, mesmo que tais espaços fossem delimitados pelas condições econômicas de cada um. O Pocinhos Clube foi ao mesmo tempo, lugar praticado por alguns, e representado por outros, como um lugar de exclusão.

As festas juninas que vão acontecer a partir da criação do Pocinhos Clube, podem ser citadas como exemplo, de como vão ser estabelecidas estas divisões econômicas. Assim durante o mês de junho o senhor Hermes com a ajuda da sua esposa a senhora Maria das Neves, adaptava a programação musical do Serviço “para entrar no clima” e como era presidente do Pocinhos Clube passou também a realizar o famoso “São João do Pocinhos Clube”, a festa era anunciada no Serviço durante a semana, gerando certamente uma expectativa naqueles que as aguardavam e, assim, na véspera e dia de São João e São Pedro<sup>184</sup> à noite era realizado um baile junino, que tornou-se uma festa tradicional na cidade. Uma tradição que foi reinventada a cada geração. Podemos acompanhar como a participação do Serviço de alto-falantes era importante na organização e divulgação destas festas juninas, bem como de outros eventos na cidade, ao se afirmar que “tudo começava lá” como nos disse o nosso entrevistado o senhor João Evangelista Guimarães:

Teve muitas festas promovidas pela “A Voz de Pocinhos”. Sem contar que o São João, toda a programação do São João do clube era bem famosa, agora

---

<sup>184</sup>Os dias de São João e São Pedro são comemorados nos dias 24 e 29 de junho, respectivamente.

“A Voz de Pocinhos” teve um papel muito grande, muito forte de divulgar, tudo começava lá.<sup>185</sup>

Para aqueles que não podiam pagar para frequentar o clube ou que não queriam ir para o local, havia outras formas de sociabilidade, de praticar os espaços pocinhenses, a exemplo do São João nos bairros, onde as pessoas reuniam-se com os vizinhos em torno das fogueiras ou iam para os forrós que aconteciam nos sítios.

A participação da “Voz de Pocinhos” efetivamente nos festejos juninos aconteciam durante o dia da véspera de São João, mais especificamente à tarde, onde a população reunia-se em frente ao Serviço para assistir ao “casamento matuto”<sup>186</sup> que era organizado pelos sócios do Pocinhos Clube, mas que contavam com a participação de outros moradores da cidade. “A Voz de Pocinhos” ressignificava os festejos. Acompanhem como eram feitos os “casamentos matutos”, segundo Elayne Oliveira Rodrigues:

Havia em Pocinhos uma grande tradição realizada na véspera de São João, à tarde, que era a de promover o ‘casamento matuto’, que juntava uma boa quantidade de moradores da cidade, que chegou até 40 participantes, estes se vestiam a caráter ‘matuto’, ou seja, de uma maneira simples e exagerada também. Os noivos e o padre que eram pessoas que caracterizavam o casamento e os personagens passeavam em uma carroça de boi, juntamente com outras carroças que vinham logo atrás, carregando os ‘matutos’ ou ‘convidados para o casamento’ que iam participar do ‘casamento matuto’. As carroças eram puxadas pelos bois e iam desfilando pelas ruas da cidade e paravam na frente da Igreja ou frente à difusora local ‘A Voz de Pocinhos’ (...) (RODRIGUES, 2011.p.36)<sup>187</sup>

<sup>185</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 23/07/2011.

<sup>186</sup>O casamento matuto, é uma das tradições do São João, também é conhecido em alguns lugares de “casório matuto”. É uma representação cômica de um casamento a história sofre pequenas variações dependendo do lugar, mas o enredo é sempre o mesmo: a noiva fica grávida antes do casamento e os pais obrigam o noivo a se casar com ela. Desesperado, o noivo tenta fugir, mas é impedido pelo delegado e seus soldados, que arrastam o ‘condenado’ ao altar e vigiam a cerimônia. Os diálogos podem ser criados livremente, desde que as personagens se preocupem em carregar bastante num sotaque caipira.

<sup>187</sup>RODRIGUES, Elayne Oliveira. Da Tradição à Modernidade: O São João de Pocinhos- PB. (1958-2011). 2011. 101p. Monografia. (Unidade Acadêmica de História) Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, Paraíba, Brasil. (p. 36)



**Imagem 12-** A imagem é da década de 1960 e retrata um desfile dos noivos que iriam participar do “casamento matuto”. Fonte: Acervo da senhora Adriana Souto da Silva.

Como podemos acompanhar no referido trecho e na imagem, antes do “casamento matuto”, havia um desfile pelas ruas da cidade dos participantes da cerimônia, onde o cortejo era encerrado em frente ao Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” e quando parava em frente à Igreja Católica ainda ficavam próximos ao Serviço, já que este ficava localizado na lateral direita à Igreja. Para que todos que estivessem assistindo ao evento, pudessem ouvir com clareza as falas dos “matutos” que estavam prontos para casar, usavam-se os microfones da “Voz de Pocinhos” e assim a cerimônia poderia ser acompanhada até por aqueles que não estavam tão próximos do centro da cidade.



**Imagem 13-** Nesta imagem o casamento matuto acontece em frente a um palanque organizado para a realização do evento em uma carroceria de caminhão, em frente à residência do Sr. Hermes, onde estava localizada “A Voz de Pocinhos”. Fonte: Acervo da Senhora Adriana Souto da Silva.

Ao utilizar este meio de comunicação, o evento recebia destaque e brilho na cidade, porque ao se realizar o desfile pelas ruas de Pocinhos, a população ou seguia o cortejo ou concentrava-se de frente ao Serviço, esperando o “grande final” que era a realização do “casório”. Eram diversas as representações e estereótipos elaborados e divulgados pelo Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”. Certamente, a expectativa era grande e todos queriam acompanhar todos os momentos, e se por acaso não houvesse a possibilidade de visualizar as encenações devido ao grande número de pessoas que ficavam em torno dos noivos e do padre, se poderia ouvir a transmissão e assim imaginar como eram as cenas e assim dar boas gargalhadas. Do mesmo modo imaginamos que, se não houvesse a transmissão pelo Serviço de alto-falantes, o cortejo não teria o seu “grande final” muitos ficariam decepcionados por não conseguirem ouvir nitidamente já que, por vezes corriam o perigo de não poderem ver as personagens da forma que desejavam.

Dessa forma, eram realizadas as festas juninas em Pocinhos entre as décadas de 1960 e 1980. Nesta última década as comemorações receberam algumas alterações por

parte do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” que ampliou as festividades no centro da cidade, oferecendo uma oportunidade a mais de divertimento e lazer para aqueles que não podiam frequentar o Pocinhos Clube<sup>188</sup> ou que não podiam deslocar-se para a zona rural do município. Para tais práticas, de mudança de lugar é possível perceber que, neste sentido ocorre a transformação de “lugares em espaços” tal como defende Certeau (2012), o fator econômico não era empecilho para se divertir, se isto não era possível no Pocinhos Clube, recorria-se a outros espaços para dançar e brincar.

Contudo, durante a década de 1980, o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” promoveu além da divulgação e transmissão dos casamentos matutos como já foi colocado anteriormente, passou também a fazer apresentações em praça pública com tocadores em um palco improvisado que foi chamado do “Palco do Povo”<sup>189</sup>. Este palco em alguns anos foi construído em cima de um caminhão, em outros anos faziam uma estrutura de madeira improvisada para que, durante o mês de junho ocorresse à apresentação de diversas atrações como shows de calouros, emboladores de côco, cantadores de viola, quadrilhas, entre outros. As invenções e reinvenções do Palco do Povo eram as mais diversas, mostrando como o espaço pode ser praticado pelos sujeitos locais. Os nossos entrevistados, os senhores João Evangelista Guimarães (Zominho) e Gilvan José da Silva nos explicam como era feito e como surgiu a ideia do “São João de rua”:

(...) Lembro, na rua a gente começou a partir disso de 1980, isso também foi fruto da “Voz de Pocinhos”, que Bozó<sup>190</sup> ele foi influenciado por tudo isso né, e ele criou muitos eventos aqui em Pocinhos de rua, por exemplo, o São João de rua daqui foi nascido através da gente, dele e da gente junto ali na

<sup>188</sup>É importante destacarmos aqui, que as festas juninas realizadas neste Clube, sofreram um declínio após o ano de 1984, quando o Presidente do Clube na época (o senhor Hermes Oliveira Rocha foi o primeiro presidente, e depois foi substituído por outros sócios) o senhor Manoel Porto faleceu. Depois deste ano foram realizados ainda alguns festejos, mas não tinham mais o mesmo brilho e animação que havia na época em que o senhor Hermes era o presidente. Percebendo isto, neste momento o proprietário da “Voz de Pocinhos” com o apoio dos locutores do Serviço começaram a articular aquele que seria o chamado “São João de rua” em Pocinhos.

<sup>189</sup>É importante destacarmos que toda iniciativa de organização destes eventos no mês de junho partiu do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” e não contou com nenhum apoio financeiro dos setores públicos da cidade. Só a partir da década de 1990 é que a Prefeitura Municipal de Pocinhos, utilizando a ideia do “Palco do Povo” é que vai fazer o “Arraial do Cariri”, que será uma forma de centralizar as comemorações que existiam na cidade (bairros da cidade, zona rural, Pocinhos Clube e o Palco do Povo).

<sup>190</sup>Helder Oliveira conhecido pelo apelido de Bozó é um dos filhos do senhor Hermes e da senhora Maria das Neves, na época por ser filho e por ter alguns colegas como locutores do Serviço, este estava diretamente ligado a tudo o que era planejado pelo Serviço, provavelmente este teria contribuído com algumas ideias relacionadas à organização e execução de eventos, neste caso o do “São João de rua”.

praça, o prefeito na época era Vinoca<sup>191</sup>. Não existia São João de rua interessante, existia São João de Clube foi a partir desse ano que começou a surgir (sic), a gente criou, fez um palco e colocou sanfoneiro para tocar todo final de semana no mês de junho. (...) <sup>192</sup>

Era em praça pública. Justamente nós armávamos um palanque, né, no caso e colocava, puxava a extensão do microfone e usava o serviço da ‘Voz de Pocinhos’ (...) <sup>193</sup>

Podemos perceber que os depoimentos dos senhores João Evangelista Guimarães e Gilvan José da Silva estão bastante próximos, fornecendo a nós que não participamos destes fatos a oportunidade de constituirmos uma memória em torno deste evento. Entretanto, a formação dessa memória deve estar em consonância, com as memórias dos nossos entrevistados, para que assim esta possa ser constituída sob uma base comum, como defende Halbwachs (2003) e podemos acompanhar no trecho a seguir:

Para que nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2003, p.39) <sup>194</sup>

Podemos perceber que o “Palco do Povo” foi uma forma de trazer para a rua aquilo que já era feito no Pocinhos Clube, só que com uma diferença: não precisava pagar nenhuma quantia para assistir a estas apresentações, só era preciso ter muita animação e vontade de dançar a noite toda e assim aproveitar tudo aquilo que era propiciado pela “A Voz de Pocinhos”. A locução era feita pelos locutores do Serviço<sup>195</sup> e dentre estes havia o senhor Gilvan José da Silva, que mesmo não tendo um programa fixo no Serviço, durante o mês de junho participava das locuções que eram feitas em praça pública, animando a população ao anunciar e convidar as pessoas para fazerem

<sup>191</sup>Este era o apelido e como é conhecido o ex-prefeito de Pocinhos Salvino Souto de Oliveira.

<sup>192</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 23/07/2011.

<sup>193</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 09/08/2011.

<sup>194</sup>HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva/ Maurice Halbwachs; Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003. 224p.

<sup>195</sup>Na década de 1980, foram criados alguns programas no Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” (Ver capítulo 2 deste trabalho) e no período junino eram os locutores desses programas, que realizavam a animação da festa enquanto o senhor Hermes administrava os equipamentos de som.



suas apresentações no “Palco do Povo”: “Eu ficava encarregado de fazer essas divulgações foi na década de 1980 e tinha outras programações como a gente bolou e foi nós que criamos o São João de rua praticamente foi junto com ‘A Voz de Pocinhos’”<sup>196</sup>. Como o próprio nome do palco diz era para o povo se apresentar, sendo assim, não era só os profissionais que podiam mostrar os seus talentos, mas qualquer pessoa. Acompanhemos como era esse evento, segundo o senhor Gilvan:

Tinha uma programação bem cultural é da época junina né, onde apresentava show de calouros, emboladores de coco, cantadores de viola é estilo Cajú e Castanha né, que faz aquela embolada. Tinha outras programações como programação de apresentação de quadrilhas junina e deixe-me ver era mais ou menos começando às 18:00 horas até ia meia-noite, até enquanto tivesse gente e durava a programação e teve outras passagens também que foi gincanas que foi a gente sempre apresentava na “Voz de Pocinhos”, usava os microfones da “Voz de Pocinhos” para fazer essa programação.<sup>197</sup>



**Imagem 14** - Foto 1- Não conseguimos precisar o ano em que esta fotografia foi feita, no entanto podemos perceber que se tratava de um “casamento matuto” e que todos os participantes estavam se divertindo e em frente estão pessoas assistiam a encenação. Fonte: Acervo da senhora Adriana Souto da Silva.

<sup>196</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 09/08/2011.

<sup>197</sup>Idem.

Nesta fotografia podemos acompanhar o que já exposto por nossos entrevistados a cerca deste “Palco do Povo” que era um palco improvisado e que as apresentações eram feitas a partir das 18:00 h, vemos ainda que com a criação do “Palco do Povo”, os “casamentos matutos” passaram a ser feitos em cima do mesmo, podemos ainda verificar que um homem do lado esquerdo segura um microfone, que deveria pertencer à “A Voz de Pocinhos” e por estar próximo aos noivos estes certamente já teriam ou iriam falar alguma coisa para o público que estava a assistir a encenação. É importante chamar a atenção para a faixa que está acima do palanque em que se ler: “Palco do Povo realização A Lojinha” pode gerar uma contradição em tudo o que já expomos até o presente momento, já que se afirma ser este evento realizado pela “A Voz de Pocinhos”.

Anteriormente, um dos nossos entrevistados citou o nome de “Bozó”, como sendo um dos idealizadores do “Palco do Povo”, e este tinha uma lanchonete em que recebia o nome de “A Lojinha”, já comentamos que a iniciativa de fazer estas apresentações partiu do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, que sendo um meio de comunicação privado, não possuía recursos para arcar com todas as despesas que eventos como este, pudessem vir a precisar.

Então muitas pessoas ajudavam de forma voluntária ou por meio de doações para que pudessem acontecer tais festas. Assim, muitos que faziam doações gostariam de ver o nome de seus estabelecimentos envolvidos em tais eventos, esta era uma forma de fazer propaganda. Foi isto que aconteceu naquele ano, o senhor Bozó deve ter pagado para confeccionar a faixa com o nome “Palco do Povo” e não perdeu a oportunidade de divulgar o seu estabelecimento. E como era uma doação, caso houvesse alguma reclamação com referência a propaganda ali existente, corria-se o risco de não ter a faixa para deixar o evento mais bonito e organizado.

Nós trabalhamos com os relatos de memórias daqueles que vivenciaram tais momentos junto ao Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, ou como locutores ou como ouvintes, que souberam identificar e utilizar este “espaço como um lugar praticado” tal qual podemos acompanhar em Certeau (2012) quando também defende que “os relatos efetuam, portanto um trabalho que incessantemente, transforma lugares em espaços ou espaços em lugares” (CERTEAU, 2012, p. 185)<sup>198</sup> Isto nos faz entender

---

<sup>198</sup>CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer; 18ª ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

que os nossos entrevistados ao nos apontar, “A Voz de Pocinhos” como a criadora do chamado “São João de rua”, estes acabavam por transformar este espaço em um lugar praticado, para aqueles que participavam destes eventos. Na fotografia abaixo, podemos notar a alegria das pessoas que utilizavam este espaço para festejar as festas juninas.



**Imagem 15-** Foto 2- Estes são os mesmo participantes da imagem 14 após a apresentação do casamento matuto no “Palco do Povo”. Fonte: Acervo da senhora Adriana Souto da Silva.

### **3.4-Festa Cívica: O sete de setembro e a participação da “Voz de Pocinhos” nas festividades locais**

Em Pocinhos, o dia sete de setembro, é comemorado há muitos anos. Não temos registros desde quando começou a ser celebrado este dia na cidade, sobretudo pelo grupo escolar, como era conhecida hoje a Escola Estadual de Ensino Fundamental

e Médio Afonso Campos<sup>199</sup>, que nos anos de 1950, atendia só as séries iniciais. Contudo, após o ano de 1965<sup>200</sup>, quando foi criado o Ginásio Municipal Padre Galvão, para ampliar o ensino no município, as comemorações foram intensificadas, contando com a divulgação e transmissão do desfile. Sendo estas duas escolas responsáveis pela organização do desfile.

As comemorações em torno da data, após 1951, iniciavam-se na madrugada do dia sete de setembro, como nos disse o senhor Antônio Andrade Fernandes, conforme relato abaixo, e encerravam-se com os desfiles dos estudantes.

(...) Ah! O que marcava muito aqui em Pocinhos era o dia sete de setembro, que “A Voz de Pocinhos” tava em primeiro lugar né, fazia toda, toda a divulgação do dia sete de setembro, ligava cinco da manhã tinha a alvorada, Dona Neves ligava a difusora, soltava fogos era muito animado aqui antigamente (...) <sup>201</sup>

O dia do desfile marcava a cidade, não era um dia normal, como podemos ver no relato do senhor Antônio Andrade Fernandes, neste dia, a população era acordada com a alvorada quando era tocado o hino nacional, e se soltavam fogos, para demonstrar o sentimento de amor à Pátria. Esta prática era algo realizado todos os anos pelo Serviço, que fazia questão de fazer toda a cobertura do evento, que representava um dia de lazer e divertimento para a população que se fazia presente nas ruas para assistir tal ato de civismo. Como nos revelou nosso entrevistado “era muito animado aqui antigamente” <sup>202</sup>

---

<sup>199</sup> A referida escola foi desativada no ano passado (2015) e no seu lugar, foi fundada a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antonio Galdino Filho, localizada no bairro Ivo Benício.

<sup>200</sup> Os desfiles cívicos depois do Regime Militar foram ressignificados, adotando um discurso ufanista que enaltecia o país, por isso a valorização das cores da bandeira, do amor à Pátria. Com isto o desfile do sete de setembro era uma data propícia para colocar em prática este discurso.

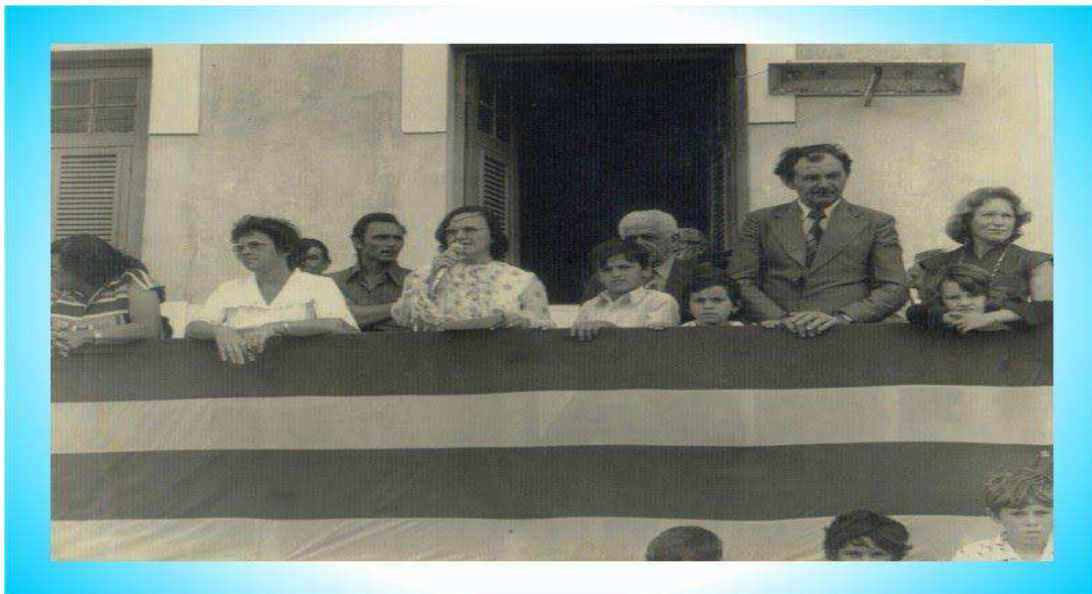
<sup>201</sup> Entrevista concedida à autora em: 26/08/2011.

<sup>202</sup> Ao dizer isto, o nosso entrevistado se referia à animação que este dia representava, mas também conforme as suas expressões durante a entrevista remetem ao que hoje se resume os desfiles do dia sete de setembro que não são mais transmitidos pela “A Voz de Pocinhos”, bem como a população que não celebra mais da mesma forma que era nestes anos em análise.



**Imagem 16-** Desfile cívico do Colégio Municipal Padre Galvão, passando em frente ao cinema da cidade de Pocinhos- Cine São José. Fonte: Acervo da autora.

Os desfiles cívicos eram transmitidos pela “A Voz de Pocinhos” em um palanque que geralmente era montado em frente à residência do senhor Hermes, e contavam com a presença de políticos e pessoas importantes da cidade, toda a locução ficava sob a responsabilidade de Dona Neves, como é mais conhecida a senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha na cidade. As fotografias a seguir mostram como era esse palanque:



**Imagem 17-** Desfile cívico do dia sete de setembro, não temos informações do ano exato desta fotografia, sabe-se apenas que foi durante o mandato do Prefeito Clóvis Chaves na década de 1970. Fonte: Acervo da senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha.



**Imagem 18-** Desfile cívico do dia sete de setembro, na década de 1970. Fonte: Acervo da senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha.

Na imagem 17, estão presentes no palanque, o prefeito da cidade na época, o senhor alto de terno e gravata posicionado à direita da imagem e outras pessoas que na

época exerciam alguma influência na cidade, a senhora Maria das Neves é a pessoa que esta com o microfone em uma das mãos e uma folha de papel na outra, certamente com os dados referentes ao desfile que estava passando em frente ao palanque.

Nesse palanque, vemos ainda a presença de crianças e outras mais abaixo da imagem, pela delimitação somos levados a crer que eram crianças filhas de algumas autoridades que ali estavam presentes, e assim podiam estar naquele lugar (o palanque). As que estavam em baixo, seriam crianças filhas das pessoas que não eram considerados da “sociedade”, ou da elite, por isto não podiam estar em cima do palanque, lugar de destaque.

Na imagem 18, podemos observar como a população se organizava a baixo do palanque para assistir ao desfile que passava pela rua. Vemos ainda, que as ruas centrais passaram por melhorias, como o calçamento, e que já havia energia elétrica, o que também apontava para o desenvolvimento físico da cidade. Uma fotografia dependendo da forma como foi feita, oferece vários subsídios, que estão sujeitos à análise, mas neste estudo, nos deteremos somente a estes que citamos anteriormente, que ofereceram os indícios para observar esta festividade, como um momento de lazer e divertimento para a cidade. Sobre as delimitações de espaços nos desfiles cívicos, Souza (2002) confirma o que pode ser observado nas fotografias:

A hierarquia que existia no cotidiano era ampliada e intensificada nas festas de ordem. Pelo mesmo motivo que as autoridades tinham um lugar especial na solenidade (um palanque), aqueles que não tinham nenhuma autoridade ou posição de destaque na sociedade deveriam ficar isolados por algo que demarcassem a sua diferença em relação aos bem nascidos ou enriquecidos. Estas demarcações eram necessárias para marcar quem era quem, (...) tudo tem que estar extremamente claro para todos os participantes. Os festejos da ordem são festas públicas, porém não são festividades coletivas. (SOUZA, 2002, p. 200.)<sup>203</sup>

---

<sup>203</sup>SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965)**. 2002. 445p. Tese. (Programa de Pós-Graduação em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco. Neste trabalho, Souza (2002), realiza um estudo acerca dos divertimentos em Campina Grande entre 1945-1965, falando assim dos divertimentos que eram realizados ao ar livre, apresenta os desfiles cívicos que eram realizados na cidade. O que era vivenciado em Campina Grande era bastante próximo do que acontecia em Pocinhos, por isto nós utilizamos este mesmo discurso para falar da experiência dos estudantes quanto às posturas que eram adotadas no desfile cívico.

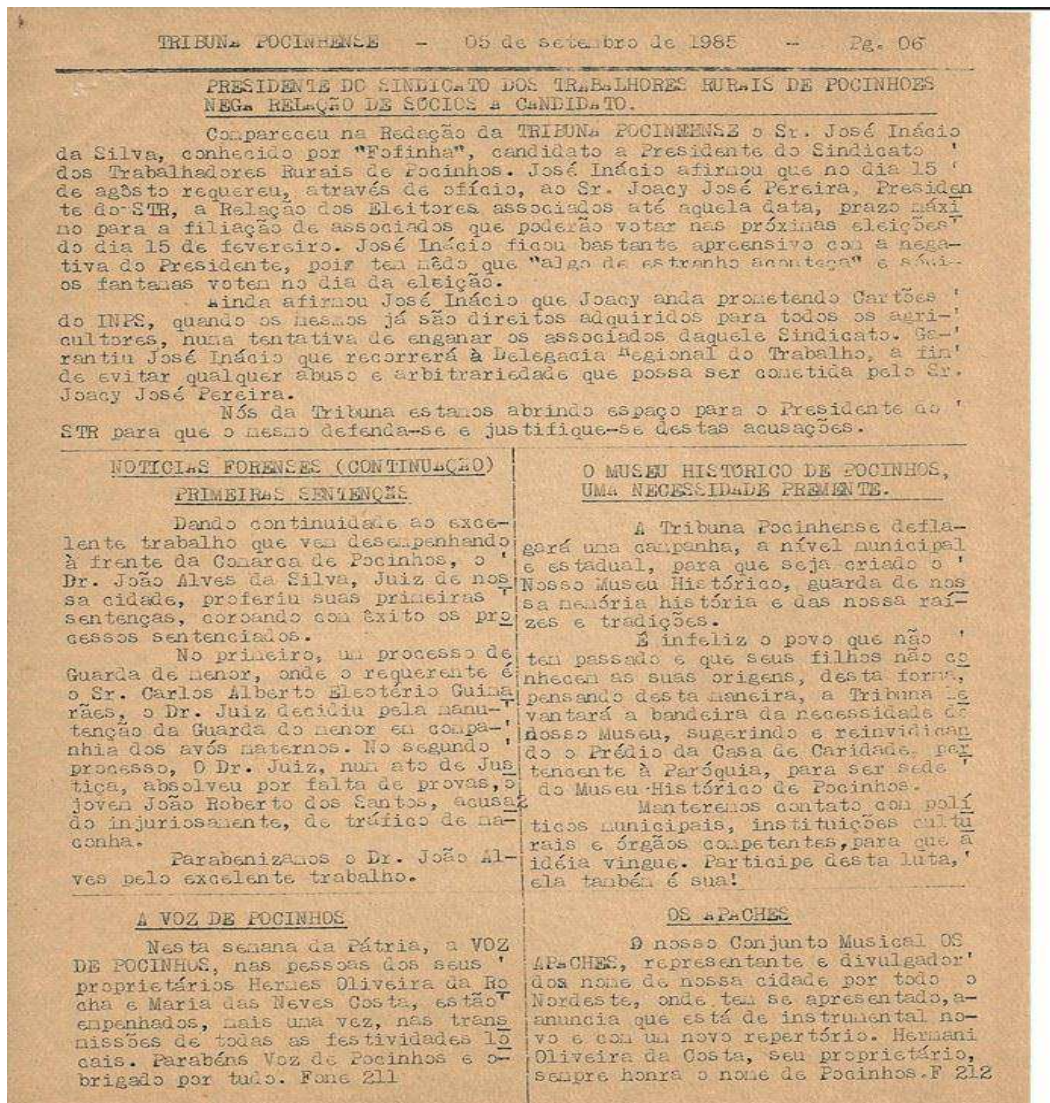
A imagem 18 foi produzida para mostrar o desfile que passava pela rua. Através dela, podemos identificar a forma como os estudantes se portavam na rua, organizados em filas, com expressões sérias em respeito à Pátria. Os preparativos para a festa, às vezes começavam com meses de antecedência, que iam dos preparativos das roupas e do que iam apresentar nas ruas, até aos ensaios na semana que antecedia o dia sete de setembro, para ensinar as crianças como se deveria marchar.

No dia, o fardamento tinha que estar muito bem arrumado, com os corpos limpos mostrando com isto uma idéia de ordem, disciplina e progresso. Assim, concordamos com Souza, quando disse que: “(...) os indivíduos podiam até não saber porque faziam aquilo, mas suas práticas e procedimentos tinham mais sentido do que pretendiam.(...)” (SOUZA, 2002, p. 195)<sup>204</sup>. Como os nossos entrevistados nos relataram anteriormente o dia sete de setembro era enaltecido com júbilo pelo Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, no entanto conforme noticiou a “Tribuna Pocinhense”, um jornal que circulou na cidade no ano de 1985, não seria só no dia sete de setembro que “A Voz de Pocinhos” entrava em ação, mas também durante a Semana da Pátria, a difusora cobria todos os preparativos da festividade na cidade, vejamos:

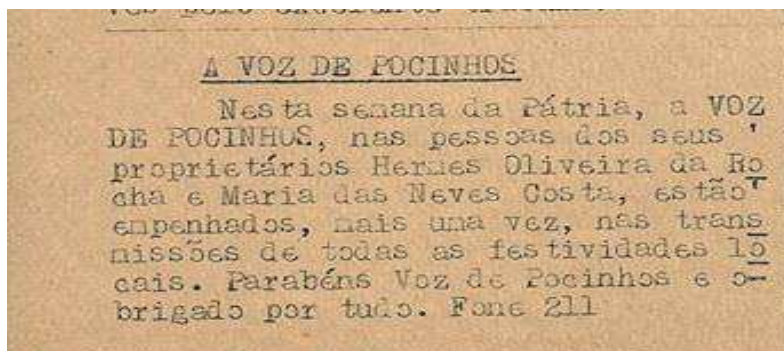
---

<sup>204</sup>SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965)**. 2002. Tese. 445p. (Programa de Pós-Graduação em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil.



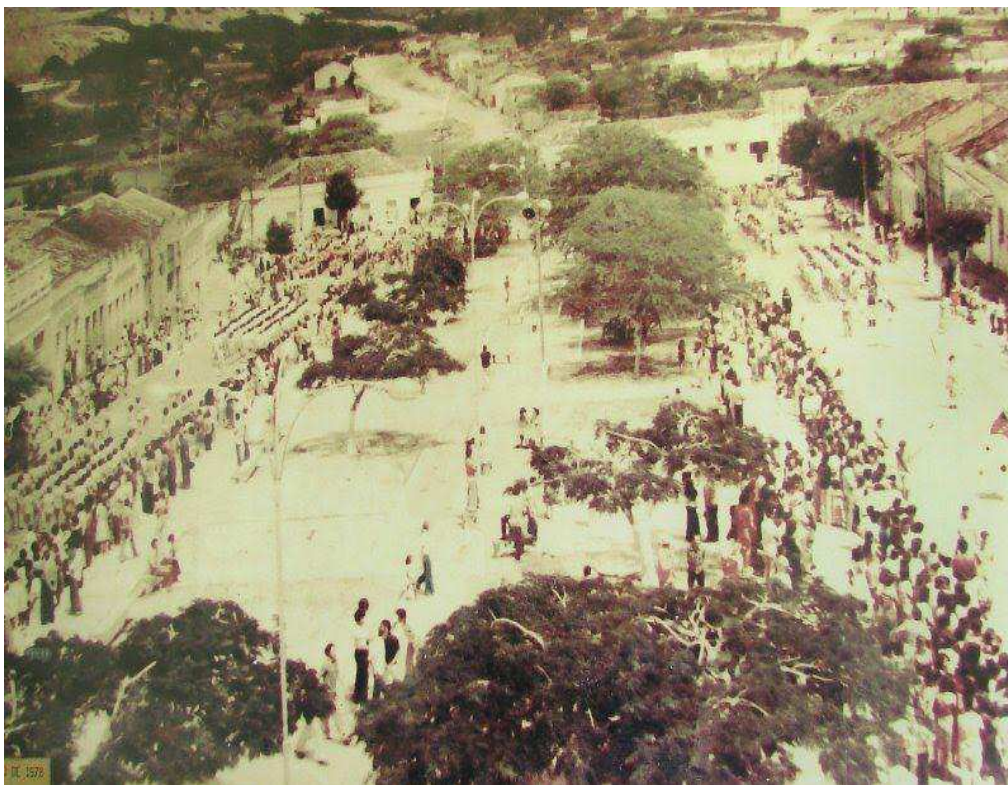


**Imagem 19-** Nesta edição aparece uma nota sobre "A Voz de Pocinhos". Fonte: Acervo do senhor Bismarck Martins de Oliveira – Jornal Tribuna Pocinhense de 05 de setembro de 1985 – pag. 06, 4ªed.



**Imagem 20-** Nota recortada da imagem 19 para melhor visualização. Fonte: Acervo do senhor Bismarck Martins de Oliveira.

Na nota apresentada, é possível lermos que o redator do jornal afirma que “mais uma vez” o serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” estaria empenhada (através dos seus proprietários) de noticiar todas as festividades locais em torno da Semana da Pátria. Dessa forma, pela linguagem usada pelo jornal, a presença da difusora neste evento era recorrente. Podemos acreditar que a preparação para o desfile cívico representava um divertimento para a população da cidade, que esperava por este dia com grande expectativa por ser ele tão diferente dos demais. Na imagem que segue é possível vermos que as pessoas se concentravam em torno da Praça Getúlio Vargas para assistir ao desfile, chamamos a atenção também para os alto-falantes no centro da praça, atrás da árvore para que houvesse uma melhor propagação do som.



**Imagem 21-** Desfile cívico do Colégio Municipal Padre Galvão 1984, foto produzida da torre da Igreja Nossa Senhora da Conceição. Fonte: Acervo da autora.

As comemorações em torno das comemorações da independência do Brasil, ao longo dos anos passaram por várias mudanças, uma vez que as escolas também sofreram transformações nos seus projetos pedagógicos, por este motivo os desfiles passaram a abordar temas temáticos.

Quanto à locução e cobertura da Semana da Pátria, ao longo dos seus 64 anos de existência “A Voz de Pocinhos” só esteve afastada durante os anos em que o partido político no qual estava no poder, não era aquele no qual a família Oliveira apoiava durante as campanhas eleitorais. Por este motivo, o palanque nas últimas décadas mudou de lugar e foi retirado de frente a residência de Dona Neves onde está localizada “A Voz de Pocinhos” para frente da Igreja Nossa Senhora da Conceição. No entanto, depois de alguns anos, afastada do palanque montado pela Prefeitura Municipal<sup>205</sup>, Dona Neves retornou ao posto de locutora do desfile e com isto o serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” por meio da pessoa da senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha (Dona Neves) recebeu uma homenagem de reconhecimento pelos trabalhos prestados nas apresentações dos desfiles cívicos na cidade.



**Imagem 22-** Desfile Cívico 2015 e entrega da Homenagem. Fonte: Acervo da autora.

Sobre a volta de Dona Neves ao palanque de apresentação do desfile cívico, alguns ouvintes teceram comentários quando foram perguntados sobre o que acharam do retorno de Dona Neves para fazer a locução do sete de setembro, acompanhemos:

---

<sup>205</sup>Uma vez que o grupo político que está à frente da administração municipal é aquele que a família de Dona Neves apóia.

Presença indispensável e honrada. Pra mim um orgulho está ao seu lado desta extraordinária mulher. Ela não precisa de convites, tem cadeira cativa em qualquer evento da cidade.<sup>206</sup>

Com ela, o sete de setembro parece mais com a Semana da Pátria.<sup>207</sup>

Ela recita o hino de Pocinhos como ninguém, demonstração de amor por nossa cidade! Tem a nossa admiração!<sup>208</sup>

Qualquer apresentação, sem a narrativa de Dona Neves, não terá o mesmo sucesso e nem o brilhantismo esperado!<sup>209</sup>

Como podemos perceber nos comentários acima, várias são as percepções em torno da imagem da senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha, que ganhou essa visibilidade a partir do serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” e por sua participação nos eventos sociais da cidade de Pocinhos fossem eles eventos públicos ou particulares, como um dos nossos entrevistados mesmo afirma: sem a participação de Dona Neves, não teria o mesmo sucesso e brilhantismo.

### **3.5 - As festas do Pocinhos Clube: Divertimento, tradição e glamour, atuação da “Voz de Pocinhos” em eventos que marcaram a vida social pocinhense - A escolha da Miss Pocinhos e o baile das debutantes**

Influenciado pelos concursos de Miss Brasil que oficialmente aconteciam no país desde 1954, foi criado o concurso de Miss Pocinhos com a finalidade de escolher a moça “mais” bonita da cidade. O concurso era realizado no Pocinhos Clube e por ser um evento que exigia uma locução formal, convocava-se o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, na pessoa da senhora Maria das Neves, para que a mesma conduzisse a cerimônia, enquanto isto o senhor Hermes controlava os equipamentos de som para que desse tudo certo na escolha da Miss Pocinhos. O concurso durou entre as décadas

---

<sup>206</sup>Entrevista concedida a autora no dia 07/09/2015, o entrevistado é o senhor Ubiratan Cirne, radialista, mestre de cerimônia do município, ex-locutor da “Voz de Pocinhos”.

<sup>207</sup>Entrevista concedida a autora no dia 07/09/2015, a entrevistada é a senhora Rosália Mendes Souto, professora.

<sup>208</sup>Entrevista concedida a autora no dia 07/09/2015, a entrevistada é a senhora Marluce Galdino, professora.

<sup>209</sup>Entrevista concedida a autora no dia 07/09/2015, o entrevistado é o senhor José Rodrigues, aposentado.

de 1960 e 1980, não sabemos precisar o ano que se deu início aos desfiles, no entanto a última Miss foi escolhida no ano de 1980.

O concurso em Pocinhos seguia os critérios adotados na escolha de Miss dos concursos dos grandes centros como: Beleza, postura, simpatia, elegância. E no caso de Pocinhos, condição social, já que os jurados moravam na cidade e certamente poderiam ser influenciados a votarem em meninas que fossem de famílias que possuíssem algum recurso financeiro, como por exemplo, filhas de comerciantes da cidade. Vejamos como era organizados os desfiles, segundo o relato de Gilma Jacinto da Silva:

Sempre havia o concurso todo ano. Eu fui na festa de Lalma e de Lalma passou para Vera Lúcia e de Vera Lúcia passou para mim. Naquele tempo era assim, existia uma sociedade, uma família, né? Para você ver o pessoal dos bairros, aqui só havia dois bairros Nova Brasília e Cacimba Nova esse pessoal não freqüentava as festas que a gente ia, tinha uma sociedade de rua, quem morava no centro era famosa na cidade e nesse tempo eu morava no centro (risos). Nesse tempo concorriam cinco meninas e eu fui convidada.<sup>210</sup>

Para a eleição da Miss Pocinhos convocava-se jovens da “sociedade” como nos relatou a nossa entrevistada, as meninas que morassem em outros bairros da cidade que não fosse o centro, não podiam concorrer ao título. Na fotografia logo abaixo vemos a escolha de uma Miss Pocinhos e da Miss-mirim, ao lado está uma candidata com uma faixa onde se ler: Náutico, este era o nome de um clube de futebol na cidade e esta era uma representante do time.

---

<sup>210</sup>Entrevista concedida à autora no dia 25/03/2015. A entrevistada é a senhora Gilma Jacinto da Silva, 51 anos, secretária.



**Imagem 23** - Concurso da Miss Pocinhos 1965. Fonte: Acervo Blog Retalhos Históricos de Pocinhos.

Ser escolhida como Miss Pocinhos era algo muito importante para estas jovens, que preparavam o melhor vestido para o dia do concurso. Ser Miss Pocinhos era uma forma de intensificar um status na cidade. Não havia premiação alguma, ganhava-se uma faixa e uma coroa que a Miss anterior passava para a vencedora do concurso. Na imagem anterior verifica-se que para a Miss Pocinhos era destinada uma cadeira ornamentada para que esta pudesse posar para aqueles que a elegeram.

O momento era especial, escolhiam-se as melhores roupas para o dia do concurso, como nos disse a senhora Maria das Neves: “A gente guardava aquelas melhor roupa, para ir todo mundo bonito para o Pocinhos Clube, havia até aposta de quem iria ganhar como Miss Pocinhos... era muito bom”<sup>211</sup>

<sup>211</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 21/09/2011.



**Imagem 24-** A última Miss Pocinhos Gilma Jacinto da Silva, escolhida no ano de 1980, posa com sua faixa ao lado de uma amiga. Fonte: Acervo da Senhora Adriana Souto da Silva.

Havia toda uma expectativa para o dia do desfile principalmente porque “A Voz de Pocinhos” fazia toda a divulgação do evento antes, durante e depois de ser escolhida a Miss, conforme nos contou a senhora Gilma Jacinto da Silva:

Anunciava pela “Voz de Pocinhos” que ia ter o desfile, anunciava quase todos os dias, não dizia o nosso nome, mas todo mundo sabia quem iria desfilar. Depois do desfile Dona Neves anunciou no outro dia quem tinha ganhado, lembro que ela falou meu nome, eu estava tão entusiasmada que não lembro direito o que ela tanto falou (risos), mas ela sempre dizia assim: Houve o concurso, aí disse meu nome, era mais ou menos assim.<sup>212</sup>

<sup>212</sup>Entrevista concedida à autora no dia 25/03/2015



**Imagem 25-** Miss Pocinhos 1966, esta moça que faz seu discurso como Miss, chamava-se Conceição Melo. Fonte: Acervo da senhora Adriana Souto da Silva.

Nesta fotografia percebemos que a Miss Pocinhos escolhida no ano de 1966, deveria estar fazendo o seu discurso de agradecimento, logo após ter recebido o título, e ao seu lado está a senhora Maria das Neves, que fazia a locução do desfile, mostrando com isto que o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” era atuante na vida social da cidade.

Outro evento que movimentava a vida da social pocinhense era o baile das debutantes, que acontecia uma vez por ano e reunia as jovens, filhas de pessoas que tivessem algum poder aquisitivo na cidade para serem apresentadas à sociedade pocinhense. A senhora Gilma Jacinto da Silva nos conta como era este baile:

A gente desfilava, ai tinha a valsa com os pais, o vestido branco, não havia bolo, era só a apresentação da gente, os pais apresentava a filha que estava fazendo 15 anos e depois dançava a valsa com o pai e o irmão mais velho ai depois tinha uma banda tocando a noite toda, era lá no Pocinhos Clube. Tinha



a missa no outro dia, fazia o baile no sábado e no domingo íamos à missa, todas nós vestidas com as mesmas roupas, vestidas de branco.<sup>213</sup>

Este baile era esperado o ano inteiro e geralmente era realizado antes do mês de dezembro para não atrapalhar a festa da padroeira e contava assim como outros eventos na cidade com a participação da “Voz de Pocinhos”, com a apresentação oficial da senhora Maria das Neves na locução da festas, como podemos perceber no artigo que o senhor Ubiratan Cirne escreveu para o jornal A Tribuna Pocinhense em 1º de novembro de 1985:

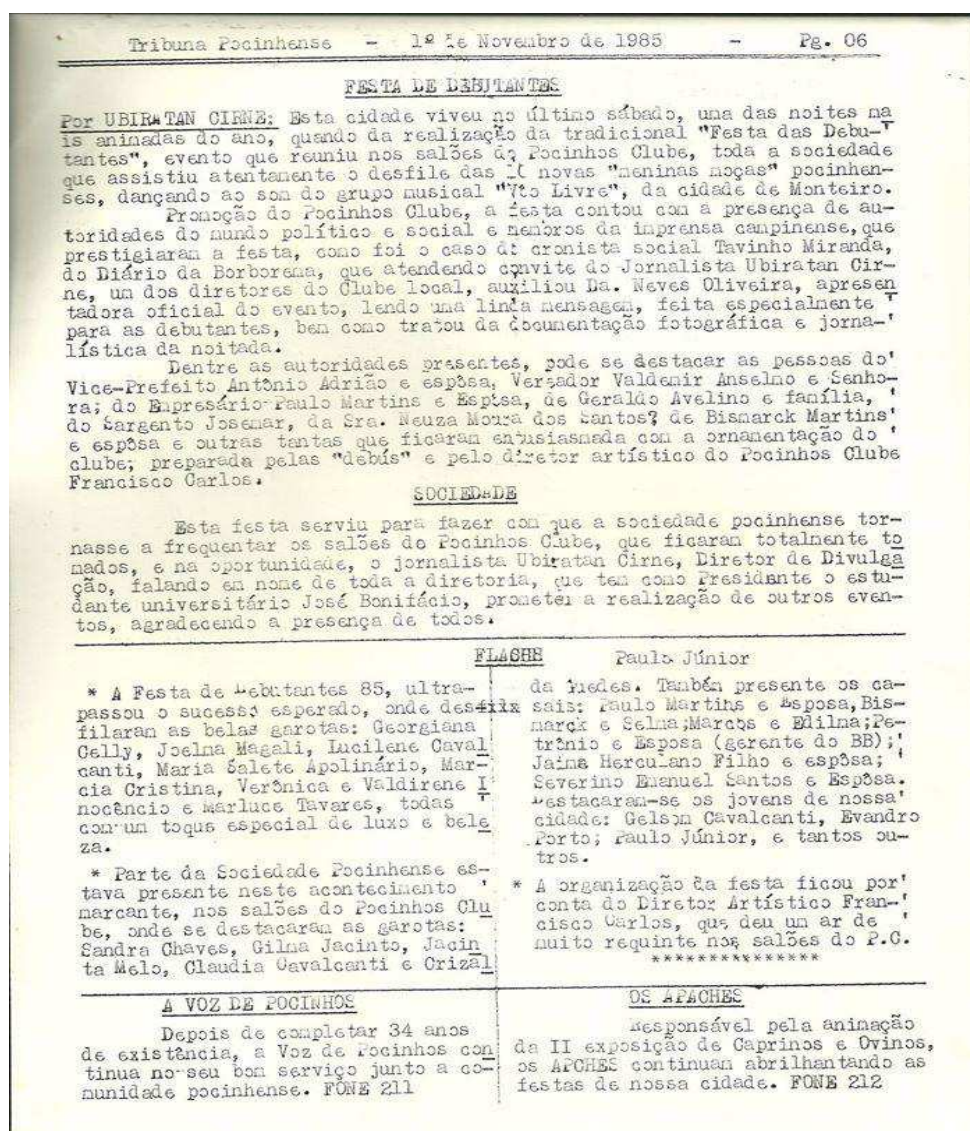


Imagem 26-Notícia sobre a Festa das Debutantes do ano de 1985. Fonte: Acervo da autora.

<sup>213</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 25/03/2015

No documento acima, mais especificamente no segundo parágrafo, podemos acompanhar que a festa foi uma promoção do Pocinhos Clube e teve como apresentadora oficial a senhora Maria das Neves, sendo auxiliada pelo autor do artigo. Dessa forma é possível saber que mesmo que houvesse a contribuição de outros locutores, Dona Neves sempre se fez presente neste e em outros eventos, visibilidade esta que a locutora recebia através da sua atuação na “Voz de Pocinhos” na comunicação local.

3.6- Não havia igual, em glamour, esbanjamento e brilho, outra, que não fosse a esperada o ano inteiro: A Festa da Padroeira.”<sup>214</sup> – A Festa de Nossa Senhora da Conceição: devoção e diversão

Em Pocinhos, a festa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade, era uma das mais esperadas durante o ano<sup>215</sup>. Esta festa, contava com a presença do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”. Neste caso, nos referimos à festa social, que foi criada como forma de arrecadar fundos para a paróquia. Então, geralmente durante o dia 08 de dezembro realizavam-se os festejos religiosos como missas e procissões e à noite era feita a festa social em que era construído um pavilhão<sup>216</sup>. A animação era feita por tocadores da cidade, vendiam-se comidas diversas como salgados como coxinhas de frango e pastéis fritos, arrumadinhos<sup>217</sup>, macaxeira cozida ou frita, as comidas geralmente eram servidas em pequenas porções, e bebidas como refrigerantes e cervejas. No entanto, o ponto alto da festa era a realização dos leilões de aves, em que havia a possibilidade de se arrecadar mais dinheiro para a Igreja Católica<sup>218</sup>.

Estes leilões ficavam sob a responsabilidade do senhor Hermes, que segundo a sua esposa Maria das Neves, era o tipo de locução que ele mais gostava de fazer. Pois

<sup>214</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 22/03/2013.

<sup>215</sup>Por ser o principal evento social da cidade dentro do período estudado, havia a festa religiosa, mas a social feita geralmente à noite, no dia 08 de dezembro era a que gerava mais expectativa. Atualmente, não existe mais a festa social, só a religiosa. Por isso, não há tanto destaque na cidade, é apenas mais uma data religiosa, que a Igreja Católica celebra com seus fiéis.

<sup>216</sup>O pavilhão geralmente era uma ou duas ruas que eram interditadas com cercas, porque assim podia-se ter um controle de quem entrava ou não no pavilhão.

<sup>217</sup>Arrumadinho é uma mistura de feijão, cuscuz, verduras, carne de charque assada, queijo de coalho, e lingüiça cortada em pedacinhos. Comida muito comum no Nordeste brasileiro.

<sup>218</sup>A chamada Festa da Padroeira, a de caráter social, foi realizada até o ano de 2001, depois disso, com a chegada de um novo padre na paróquia, foi extinta a festa. Segundo o padre, A festa social ia de encontro a tudo o que a Igreja pregava com relação aos pecados, por se vender bebidas alcoólicas e pelas músicas que eram tocadas. Mas a festa religiosa continua a ser realizada todos os anos no dia 08 de dezembro.

não exigia uma locução tão formal, pelo fato do locutor poder fazer brincadeiras com o público e o momento ser mais descontraído. Como nos afirma a senhora Maria das Neves: “(...) Hermes fazia parte da locução também das festas da padroeira Nossa Senhora da Conceição, fazendo as arrematações naquela época de galinha que havia no pavilhão, ele era animador desse movimento de festa da Igreja.”<sup>219</sup> Contudo, o senhor Antônio Fernandes Andrade relembra de que forma eram feitas estas locuções:

(...) é ai quando era a Festa da Padroeira tinha seu Hermes, ia com o serviço de som para dentro do pavilhão e ficava fazendo toda a divulgação de dentro do pavilhão né, e teve até inclusive aqueles leilões e arrematações, tinha muitas arrematações o pessoal gastava muito! (risos)<sup>220</sup>

A Festa da Padroeira movimentava a cidade e era considerada “A FESTA”, na qual esperava-se o ano inteiro por ela “não havia igual, em glamour, esbanjamento e brilho, outra, que não fosse a esperada o ano inteiro, festa da Padroeira”<sup>221</sup>. Então, desse modo era comum que as pessoas procurassem esbanjar tudo aquilo que poderia ter economizado durante os meses que antecediam a festa. Os leilões e arrematações<sup>222</sup> eram prova disso, para aqueles que podiam gastar, muitas vezes pagando altos preços por aves que em outros momentos se poderiam consumir por valores bem inferiores, era também uma forma de demonstrar e reafirmar o “status” que poderia se ter na cidade, para aquele que podia dar o lance maior, mais atenção recebia. Por isso, era comum as pessoas gastarem muito dinheiro nessas festas, como nos disse o senhor Antônio Fernandes Andrade.

Na imagem a seguir, podemos visualizar uma dessas festas da padroeira em que o senhor Hermes, faz a locução da Festa da Padroeira. No momento em que a fotografia foi produzida, o senhor Hermes estava a fazer um desses leilões e arrematações.

---

<sup>219</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 21/09/2011.

<sup>220</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 26/08/2011, o senhor Antônio Fernandes Andrade tem 66 anos e começou a ajudar como locutor no Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” entre 12 e 13 anos, é o locutor que mais tempo permaneceu no Serviço.

<sup>221</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 22/03/2013.

<sup>222</sup>Arrematar: Comprar ou tomar de arrendamento em leilão. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.



**Imagem 27-** Esta fotografia é da década de 1980, a senhora Maria das Neves não soube precisar em que ano especificamente ela foi feita, segundo a mesma esta era uma Festa da Padroeira e seu esposo, o senhor, Hermes estava a fazer o leilão do prato (ave) que a criança está segurando. Fonte: Acervo da senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha.

Contudo, é possível ver que o senhor Hermes usa um microfone que seria da “Voz de Pocinhos” e que ao seu lado está a sua esposa, que o ajudava durante os leilões. É importante chamar a atenção para o fato que nem sempre era uma criança que segurava o prato que, preparado e decorado, seria entregue àquele que comprasse a ave. Esta é uma imagem da Festa da Padroeira que aconteceu na década de 1980, em que os leilões já eram algo comum nessas festas e que não havia tanto brilho e glamour. Preocupava-se somente em manter a tradição da festa que eram estas vendas, desse modo a apresentação do prato era simples, como podemos ver nesta imagem.

No entanto, voltemos às décadas anteriores, em que era preparado todo um momento para a venda destas aves que geralmente era galinhas e perus. Estas aves eram servidas assadas e inteiras e eram preparadas por senhoras que freqüentavam a Igreja

Católica. Antes da Festa da Padroeira, pela “A Voz de Pocinhos” convidavam-se as moças da cidade para fazerem parte dos cordões da festa, estes cordões eram grupos de meninas que ficavam divididas em duas cores, azul e vermelha, e vestiam-se de forma igual. Para estas meninas que tinha entre 14 ou 15 anos ficava a tarefa de, no dia da festa, segurar os pratos com as aves, enquanto o senhor Hermes anunciava os preços e as pessoas davam os lances para o leilão. Ao final, aquela moça que recebesse o maior lance no seu prato, seria considerada a rainha da festa e o seu cordão seria o vencedor. Este era um evento que chamava a atenção da população conforme nos disse a senhora Maria Aparecida Tavares que, durante o dia, ia para a procissão e à noite para assistir a escolha da rainha da Festa da Padroeira<sup>223</sup>.

Lembro-me muito bem como era a festa de Nossa Senhora da Conceição era esperada o ano todo. Minha mãe costurava vestidos lindos de Organdi para mim e minhas irmãs todos iguais só mudava a cor (risos) lindos! e a gente íamos todas faceiras para a procissão e a noite para a coroação da rainha. Tempo bom!<sup>224</sup>

Depois dos leilões, era feita a coroação da rainha da festa, em seguida era realizado um baile. Toda a comunicação da festa necessariamente passava pelo o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” que estava envolvido desde a divulgação até a realização da Festa da Padroeira. Vejamos algumas fotografias que mostram como era feita a coroação e o baile da rainha da festa de Nossa Senhora da Conceição.



<sup>223</sup>A rainha da Festa da Padroeira era aquela moça, que conseguisse vender pelo valor mais alto a ave que segurava durante os leilões feitos pela “A Voz de Pocinhos”.

<sup>224</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 20/02/2013. A senhora Maria Aparecida Tavares, tem 51 anos, nasceu e cresceu na cidade de Pocinhos e acompanhou como eram estas festas na cidade.

**Imagem 28-** O baile da coroação da rainha da festa de Nossa Senhora da Conceição de 1956. Nesse ano a rainha coroada foi uma moça conhecida como Didé, ela está dançando com este rapaz de óculos que está no canto direito. Fonte: Acervo da senhora Adriana Souto da Silva.

Tentamos localizar alguma dessas moças que foram coroadas como rainhas nestas festas, para entrevistá-las, mas infelizmente isto não se fez possível. Sobre a coroação de Didé, conseguimos um relato sobre este dia, ao mostrarmos esta fotografia a um de nossos entrevistados, este recordou que havia participado deste evento:

Eu participei do cortejo de casais de crianças que levaram ela ao baile. Todos os meninos de terno e gravata borboleta, mas as calças eram curtas. Eu ia com minha prima Célia Victor.<sup>225</sup>

Como na época o senhor Plínio Victor era uma criança, poucas são as memórias que ele tem deste dia. E não tivemos como conseguir mais informações sobre esta coroação. Entretanto, por esse breve relato, podemos conhecer um pouco destes eventos que eram realizados na cidade e que tinha a participação do então Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”.

O serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” foi fundada sob o desejo de levar informações aos pocinhenses e para divertir a população, dessa forma por meio da sua programação e dos eventos que participou e organizou na cidade de Pocinhos, ofereceu a população momentos de lazer, divertimento e sociabilidade. Por meio deste serviço de comunicação, os pocinhenses puderam estar em contato, mesmo que de forma resumida ao que era produzido em termos musicais e do que era considerado como novo e que estava na “moda” em outros espaços urbanos.

---

<sup>225</sup>Entrevista concedida à autora no dia: 22/03/2013.



**Imagem 29** – Dona Maria das Neves no Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” – 2013. Fonte: Acervo da autora.

Quantas lembranças escondem este Serviço... Quem poderia imaginar que de um espaço físico tão pequeno pudesse surgir tanta criatividade? “A Voz de Pocinhos” ofereceu aqueles que nasceram e cresceram na cidade de Pocinhos, momentos que nunca mais serão esquecidos: sejam pelas canções, recadinhos do coração ou pelos eventos que movimentaram a então cidade de Pocinhos. Assim, mais que comunicação, este Serviço de alto-falantes trouxe para a população pocinhense cultura e alegria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É chegado o momento de anunciar aos ouvintes que o Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, prepara-se para dar uma pausa na sua programação musical, o público já é outro, a cidade cresceu, os hábitos e práticas já não são mais os mesmos de outrora. Não há mais os leilões de aves e nem mais a Festa (social) da Padroeira de Pocinhos, já não existe mais o concurso da Miss Pocinhos ou os bailes de carnaval que agitavam o Pocinhos Clube. Chegou à hora de guardar na memória, as locuções feitas por Dona Neves nos desfiles cívicos, os passeios na praça ao som da jovem guarda e desfazer o figurino que seria usado no Palco do Povo nas apresentações durante o mês de junho...

Durante este estudo, pudemos acompanhar estes momentos que foram citados anteriormente, como sendo momentos de sociabilidade e divertimento para os moradores da cidade de Pocinhos e que foram propiciados pela existência do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos”, que não se deteve só a propiciar tais espaços, mas foi também um canal de informações para aqueles que não tinham um aparelho de rádio ou uma televisão em casa. Mesmo para aqueles que dispunham desses meios de comunicação, o Serviço de alto-falantes serviu para confirmar a notícia que já se pudesse ter conhecimento.

A história do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” está intimamente ligada à história da cidade de Pocinhos. Sendo praticamente impossível falar da história de uma, sem ter que fazer referência à outra. Neste trabalho, anunciamos pelos alto-falantes a história deste meio de comunicação que por diferentes formas, pôde estar presente na memória social e cultural de seus ouvintes.

No nosso primeiro capítulo, buscamos perceber o contexto econômico e político da cidade de Pocinhos como fatores que contribuíram para a fundação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” bem como o papel do Serviço de alto-falantes ao longo das diferentes décadas pelas quais passou. Para isto, a principal fonte utilizada



para estabelecermos este estudo sobre este município foram os textos produzidos por: Ribeiro (2013)<sup>226</sup>, e do memorialista Ribeiro (2010)<sup>227</sup>.

No segundo capítulo, discutimos como era realizada a programação do Serviço. Contudo, tivemos como ponto de partida a década de 1950, quando este Serviço foi fundado. Com o objetivo de propor um ambiente animado e como forma de informar a população, nos dias de feira, o Serviço era ligado para alegrar o dia das pessoas que se dirigiam à feira semanal para comprar carnes, queijos, verduras, legumes e frutas. Podemos perceber que somente na década de 1980, é que o Serviço de alto-falantes, teve uma programação fixa, porque nas décadas anteriores, as músicas e notícias só poderiam ser transmitidas quando o senhor Hermes de Oliveira Rocha ou a sua esposa, a senhora Maria das Neves Albuquerque Rocha tinham disponibilidade para dirigir-se ao estúdio da “A Voz de Pocinhos” e dar estes avisos. Para a construção desse capítulo utilizamos a fonte oral, que nos auxiliou no entendimento de várias questões.

No terceiro capítulo, além de utilizarmos a fonte oral, conseguimos realizar o cruzamento com outras fontes, neste caso com algumas fotografias, que puderam ser analisadas junto aos depoimentos dos nossos entrevistados. Dessa forma podemos discutir como aconteceu a participação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” na organização de espaços de lazer e divertimento para a população pocinhense. Além dos relatos orais e fotografias, utilizamos também algumas notícias de periódicos que existiram na cidade na década de 1980.

Este estudo, por sua vez, nos ofereceu a oportunidade de colocar em prática muitos dos ensinamentos que aprendemos ao longo dos anos de formação no curso de História, como forma de pensar e sentir a cidade que foi emancipada em 1953, por meio do seu principal veículo de comunicação que transformou o cotidiano dos seus moradores. Ao utilizarmos a História Oral com fonte principal na produção desta dissertação, nos concedeu a oportunidade de aprender muito com os nossos entrevistados, que no decorrer da pesquisa nos expuseram suas memórias, práticas e sentimentos, contribuindo não só para enriquecer nosso trabalho, como também gerando por meio deste, laços de carinho, amizade e respeito.

---

<sup>226</sup>RIBEIRO, Roberto da Silva. **Pocinhos: o local e o geral**/ Roberto da Silva Ribeiro. – 2. Ed.- Campina Grande: RG Editora, 2013.

<sup>227</sup>RIBEIRO, Hugo Marconi. **Candangos de motor de agave: Memórias de Pocinhos no apogeu do Ciclo do Sisal – 1958 a 1968**/ Hugo Marconi Ribeiro. João Pessoa: Ideia, 2010.

Podemos dizer que um dos principais papéis desempenhado pelo o Serviço de alto-falantes como veículo de comunicação foi o de propagar o desenvolvimento do município. Mas, ele mesmo não conseguiu evoluir da forma que poderia ter sido, para se tornar, por exemplo, uma rádio. Deixando-nos a impressão que teria ficado estagnada no tempo e no espaço. Entretanto, mesmo com todas as dificuldades que o senhor Hermes e a senhora Maria das Neves enfrentaram para que o Serviço “sobrevivesse” frente ao surgimento de tantas outras formas de comunicação o Serviço de alto-falantes permanece até os dias atuais, passando dos seus 60 anos de existência. O Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” por toda contribuição e por todo legado cultural e social, deve ser considerado um patrimônio cultural para a cidade de Pocinhos.

Por estas questões o nosso estudo, pode ser considerado um estudo importante, por não ser mais tão fácil encontrar formas de comunicações como esta, nas cidades. Este trabalho, tornando-se, por sua vez, uma fonte para que as gerações futuras possam saber algo mais sobre este meio de comunicação. Dessa forma, buscamos também estar contribuindo para a construção da história local.

Entretanto, ao chegarmos ao final desta caminhada, entendemos que de modo algum este trabalho, encerra as possibilidades de estudo sobre este objeto, existem ainda diversas abordagens que podem ser estudadas e que não foram contempladas por este estudo. Portanto, a pesquisa não está sendo encerrada, pelo contrário, entendemos que há muito ainda a ser descoberto sobre este Serviço de alto-falantes. Mas, a respeito disso deixamos a outros historiadores que conforme as suas escolhas irão produzir a sua escrita, já que a escrita da história resulta do tempo e do espaço abordados pela mesma e nunca com conclusões definitivas ou totalizadoras.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Erick Assis de- In: **Nos labirintos da cidade: Estado Novo e o cotidiano das classes populares em Fortaleza.** Fortaleza; INESP; 2007.

BARROS, José D' Assunção. **Cidade e História.** -2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BÉGUIN, François. "Les machineries anglaises du confort." In: Recherches n° 29, p.186, L'aleine des Faubour, Paris, 1977.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade, cidadania e imaginário. In: Souza, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (orgs.) **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano.** 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

BRESCIANI, Maria Stella- História e Historiografia das Cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar. **Historiografia brasileira em perspectiva** (org.). SP; Contexto, 2007.

BRIGGS, Asa, 1921- **Uma História Social da Mídia:** de Gutemberg à Internet/ Asa Briggs e Peter Burke; tradução: Maria Carmelita Pádua Dias; Revisão técnica: Paulo Vaz. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BURKE, Peter- Unidade e Variedades em História Cultural in: **Variedades de História Cultural;** RJ; Civilização Brasileira; 2000; p. 231-267.

CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada: Campina Grande em Imagens e História.** – Campina Grande, EDUFPG, 2009.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis/** Ítalo Calvino; tradução Diogo Mainardi. – São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: **A escrita da História.** Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982

\_\_\_\_\_. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer/** Michel de Certeau; 18. Ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CHARTIER, Roger, 1945- **A história ou a leitura do tempo/** Roger Chartier; Tradução de Cristina Antunes. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 1990.

DEUSDEDITH JUNIOR. A Cidade é um texto: apontamentos para ler a cidade. In: publicações acadêmicas v.1, n.1 (2003). Disponível em: <http://www.publicaçõesacadêmicas.uniceub.br>

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos/** Sônia Maria de Freitas. 2º ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva/** Maurice Halbwachs; Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003. 224p

MARINS, Paulo César Garcez - Habitação e Vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: NOVAES, Fernando A.- **História da vida privada no Brasil**; SP; Companhia das Letras, 1998.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada/** Antonio Torres Montenegro. – São Paulo: Contexto, 1992.

MURCE, Renato. **Bastidores do rádio: fragmentos do rádio de ontem e hoje**. Rio de Janeiro. Imago Editora, 1976.

NEDELL, Jeffrey- **Belle Époque Tropical**; São Paulo; Companhia das Letras; 2003.

NOVAIS, Fernando A. SERCENKO, Nicolau (orgs.). **História da Vida Privada no Brasil: da Belle Époque à era do Rádio**. VOL. 3- Companhia das Letras, São Paulo, 1998.

PINSKY. Carla Bassanezi, (org.) **Fontes Históricas**. 2ª ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. – **Cidades visíveis, cidades invisíveis, cidades imaginárias**. In: RBH; nº 27, ano 2007. Anpuh, São Paulo- SP.

\_\_\_\_\_ **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano-**  
Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre; Porto Alegre; EDUFURGS, 2002.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. – São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REZENDE, Antônio Paulo. **Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de 1920**. – Recife: FUNDARPE, 1997. (P.13-105)

RIBEIRO, Hugo Marconi. **Candangos de motor de agave: Memórias de Pocinhos no apogeu do Ciclo do Sisal – 1958 a 1968/** Hugo Marconi Ribeiro. João Pessoa: Ideia, 2010.

RIBEIRO, Roberto da Silva. **Pocinhos: o local e o geral/** Roberto da Silva Ribeiro. – 2. Ed.- Campina Grande: RG Editora, 2013.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de – **A História do Conforto na cidade de São Paulo**; Revista Anos 90, Porto Alegre, nº 14, dezembro de 2000; p. 162-183.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Territórios de confronto-** Campina Grande: EDUFUG, 2006.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. (org.). **História da mídia regional: o rádio em Campina Grande**/ Antonio Clarindo Barbosa de Souza, Flavianny Guimarães de Oliveira e Goretti Maria Sampaio de Freitas. - EDUFCEG/EDUEP; Campina Grande, 2006.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de – Por uma vida menos infame. In: SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de – **Populares na cidade: vivências de trabalho e lazer**; João Pessoa; Ideia; 2011; p. 81-107.

### **MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES:**

ARANHA, Gervácio Batista. Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925). 2001.461p. Tese. (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Programa de Pós-Graduação em História Social do Trabalho) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.

ARAÚJO, Priscila de Lucena. Ó Meu colégio és ninho sagrado: Um estudo sobre a implantação do Ginásio Municipal Padre Galvão na cidade de Pocinhos-PB. 2014. 64p. Monografia. (Unidade Acadêmica de História) Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, Paraíba, Brasil.

CHARGAS, Waldeci Ferreira. As singularidades de modernização na cidade da Parahyba nas décadas de 1910 a 1930. Tese de Doutorado. Recife- UFPE, 2004.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. E a Bahia civiliza-se... Ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana Salvador, 1912-1916. Dissertação. UFBA. Salvador-BA.

RODRIGUES, Elayne Oliveira. Da Tradição à Modernidade: O São João de Pocinhos-PB. (1958-2011). 2011. 101p. Monografia. (Unidade Acadêmica de História e Geografia) Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, Paraíba, Brasil.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. Lazers Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965). 2002. 445p. Tese. (Programa de Pós-Graduação em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil.

### **SITES E BLOG'S**

[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br).

[www.lettradamusica.net](http://www.lettradamusica.net)

[www.pocinhos.pb.gov.br/prefeitura.php](http://www.pocinhos.pb.gov.br/prefeitura.php).

Blog Retalhos Históricos de Pocinhos.

## FONTES

### 1- Fontes Orais

ALEXANDRINO, João Antônio. **Entrevista concedida à autora.** Pocinhos. Setembro de 2011.

ANDRADE, Antônio Fernandes. **Entrevista concedida à autora.** Pocinhos. Agosto de 2011.

ARAÚJO, Cleodomilson Chaves de. **Entrevista concedida à autora.** Pocinhos. Fevereiro de 2016.

FRUTUOSO, Maria Jacinto. **Entrevista concedida à autora.** Pocinhos. Agosto de 2011.

GUIMARÃES, João Evangelista. **Entrevista concedida à autora.** Pocinhos. Julho de 2011.

OLIVEIRA, Valdeci Jacinto. **Entrevista à autora.** Pocinhos. Outubro de 2011.

ROCHA, Maria das Neves Albuquerque. **Entrevista concedida à autora.** Pocinhos. Setembro de 2011.

SILVA, Gildete Jacinto. **Entrevista concedida à autora.** Pocinhos. Abril de 2013.

SILVA, Gilma Jacinto da. **Entrevista concedida à autora.** Pocinhos. Março de 2015.

SILVA, Gilvan José da. **Entrevista concedida à autora.** Pocinhos. Agosto de 2011.

SILVA, Maria Marlene Chaves. **Entrevista concedida à autora.** Pocinhos. Setembro de 2011/ Março de 2013.

TAVARES, Maria Aparecida. **Entrevista concedida à autora.** Pocinhos. Fevereiro de 2013.

VICTOR, Plínio. **Entrevista concedida à autora.** Pocinhos. Fevereiro de 2013.

Entrevista da TV Correio no dia 05/08/2011, para o programa Correio Espetacular em reportagem sobre os 60 anos de fundação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos.”<sup>228</sup>

**FONTE IMPRESSA:**

A Tribuna Pocinhense, (Pocinhos-PB) – 1985.

**FONTES VISUAIS:**

Nas fotografias que utilizamos neste trabalho, no decorrer dos capítulos, são encontradas legendas nas quais acompanham cada imagem. Dessa forma pode-se identificar onde foi encontrada a mesma.

---

<sup>228</sup>E foi utilizada neste trabalho como uma “Evidência Oral”, isto é, esta entrevista diferente das demais não foi produzida com a finalidade de ser uma fonte oral, para este trabalho, mas que por corresponder ao nosso objeto de estudo, nós utilizamos algumas passagens (falas) em nosso trabalho.